

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LETRAS



Tese

**A VALORAÇÃO DO ASSASSINATO DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO  
PORTAL DE NOTÍCIAS G1 PELO OLHAR DA ANÁLISE DIALÓGICA DO  
DISCURSO**

**Eduardo Soares da Cunha**

**Pelotas, 2024.**

**Eduardo Soares da Cunha**

**A VALORAÇÃO DO ASSASSINATO DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO  
PORTAL DE NOTÍCIAS G1 PELO OLHAR DA ANÁLISE DIALÓGICA DO  
DISCURSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karina Giacomelli

Pelotas, 2024

Eduardo Soares da Cunha

A valoração do assassinato de travestis e transexuais no portal de notícias G1  
pelo olhar da Análise Dialógica do Discurso

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor  
em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e  
Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 09/08/2024

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karina Giacomelli (Orientadora)  
Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jael Sânera Sigales Gonçalves  
Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kelli da Rosa Ribeiro  
Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral  
Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

C972v Cunha, Eduardo Soares da

A valoração do assassinato de travestis e transexuais no Portal De Notícias G1 pelo olhar da análise dialógica do discurso [recurso eletrônico] / Eduardo Soares da Cunha ; Karina Giacomelli, orientadora. — Pelotas, 2024.  
160 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Análise dialógica do discurso. 2. G1. 3. Palavra. 4. LGBTfobia. 5. Webnotícia. I. Giacomelli, Karina, orient. II. Título.

CDD 469.5

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Dedico este trabalho à minha mãe (*In  
memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

*A conclusão desta tese só foi possível graças ao apoio e à colaboração de muitas pessoas e instituições, às quais sou profundamente grato.*

*Em primeiro lugar, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.*

*À minha orientadora, professora Karina Giacomelli, registro minha eterna gratidão. Sua orientação e dedicação foram fundamentais para a construção desta pesquisa. Suas reflexões e sugestões sempre ampliaram meus horizontes, enriquecendo cada etapa do processo.*

*Ao professor Adail Sobral, por acompanhar toda a minha trajetória na pós-graduação. Suas contribuições sempre me motivaram a seguir em frente.*

*À professora Jael Gonçalves e à professora Kelli Ribeiro, agradeço por aceitarem participar da banca e por suas contribuições valiosas, que certamente elevaram a qualidade deste trabalho*

*Por fim, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa. A todos vocês, minha sincera gratidão.*

## RESUMO

De acordo com a divulgação de dados obtidos por organizações nacionais e internacionais, o Brasil é o país que mais mata LGBTs (lésbicas, gays, travestis e transexuais) no mundo. No entanto, a brutalização dos crimes praticados contra travestis e transexuais vem chamando cada vez mais atenção. Na ausência de iniciativas governamentais no que se refere ao acompanhamento desses casos, os veículos midiáticos tornam-se os grandes responsáveis pela divulgação das mortes. Defendemos a tese de que os portais de notícias podem estar operando por meio de um processo de silenciamento e naturalização dos crimes, sem estabelecer um diálogo com o contexto mais amplo de violência ao qual estão submetidas essas identidades. Considerando isso, neste trabalho, objetivamos, por meio da realização de uma análise das webnotícias que apresentam essas mortes, pensar sobre como esses crimes têm sido noticiados e valorados. Para isso, tivemos como aporte teórico-metodológico, as contribuições da Análise Dialógica do Discurso (ADD), proveniente do Círculo de Bakhtin. Para que fosse possível chegarmos aos resultados almejamos, mobilizamos a concepção dialógica da linguagem e, dentro dela, alguns conceitos, tais como: palavra, ideologia, valoração, enunciado e gêneros do discurso. Além disso, buscamos estabelecer um diálogo com diversas áreas do conhecimento, para que melhor pudéssemos pensar acerca do cenário de violência e abjeção em que as identidades de gênero dissidentes estão inseridas. Dentre essas áreas, podemos destacar contribuições da Sociologia, da Antropologia, da História e da Teoria Queer, sobretudo as ideias de Judith Butler. Nosso caminho metodológico, por sua vez, baseou-se em uma contribuição de Sobral (2009) em diálogo estabelecido com Brait, perpassando as etapas de descrição, análise e interpretação do objeto de estudo. Destacamos ainda que o portal de notícias escolhido para realização das análises foi o G1, considerando a sua relevância no cenário midiático. Dentre os resultados encontrados, apontamos que, diante das análises realizadas, podemos pensar em um mecanismo de naturalização e silenciamento da violência praticada contra a vida de travestis e transexuais.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; G1; palavra; LGBTfobia; notícia.

## **ABSTRACT**

According to the release of data obtained by national and international organizations, Brazil is the country that kills the most LGBTs (lesbians, gays, transvestites and transsexuals) in the world. However, the brutalization of crimes committed against transvestites and transsexuals is attracting increasing attention. In the absence of government initiatives regarding the monitoring of these cases, the media outlets become largely responsible for publicizing the deaths. We defend the thesis that news portals may be operating through a process of silencing and naturalizing crimes, without establishing a dialogue with the broader context of violence to which these identities are subjected. Considering this, in this work, we aim, by carrying out an analysis of the web news that presents these deaths, to think about how these crimes were reported and valued. To this end, we present, as a theoretical-methodological sport, the contributions of Dialogical Discourse Analysis (DDA), coming from the Bakhtin Circle. In order to achieve the desired results, we mobilized some ADD concepts, such as: word, ideology, valorization, statement and speech genres. Furthermore, we seek to establish a dialogue with different areas of knowledge, so that we can better think about the scenarios of violence and abjection in which dissident gender identities are inserted. Among these areas, we can highlight contributions from Sociology, Anthropology, History and Queer Theory, especially the ideas of Judith Butler. Our methodological path, in turn, was based on a contribution by Sobral (2009) in a planned dialogue with Brait, going through the stages of description, analysis and interpretation of the object of study. We also highlight that the news portal chosen to carry out the analyzes was G1, considering its relevance in the media scenario. Among the results found, we point out that, given the analyzes carried out, we can think of a mechanism for naturalizing and silencing the violence committed against the lives of transvestites and transsexuals.

**Keywords:** Dialogical Discourse Analysis; G1; word; LGBTphobia; news.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Pirâmide invertida. ....	66
<b>Figura 2</b> - Pirâmide deitada. ....	67
<b>Figura 3</b> - Buscador G1. ....	70
<b>Figura 4</b> - Distribuição das notícias entre 2018-2020. ....	71
<b>Figura 5</b> - Notícias de mortes brutais entre 2018-2020. ....	72
<b>Figura 6</b> - Notícias que apresentam a ocupação da vítima. ....	73
<b>Figura 7</b> - Notícias que apresentam o nome de registro. ....	73
<b>Figura 8</b> - Webnotícia 1 (2018). ....	82
<b>Figura 9</b> - Webnotícia 2 (2018). ....	88
<b>Figura 10</b> - Webnotícia 3 (2019). ....	94
<b>Figura 11</b> - Webnotícia 4 (2019). ....	98
<b>Figura 12</b> - Webnotícia 5 (2020). ....	104
<b>Figura 13</b> - Webnotícia 6 (2020). ....	109

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Mortes totais LGBTs 2018-2020.....	37
<b>Tabela 2</b> - Assassinatos totais LGBTs 2018-2020. ....	37
<b>Tabela 3</b> - Mortes travestis e transexuais 2018-2020.....	38
<b>Tabela 4</b> - Distribuição das webnotícias analisadas.....	74

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

ABGLT: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros.

ADD: Análise Dialógica do Discurso.

ADO: Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão.

ANPOCS: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

ANTRA: Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

ASTRAL: Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro.

ATERR: Associação de Travestis e Transexuais de Roraima.

CETIC: Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação.

CID-II: Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

CNJ: Conselho Nacional de Justiça.

DPU: Defensoria Pública da União.

DSM-III: Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais.

GGB: Grupo Gay da Bahia.

IML: Instituto Médico Legal.

IPC: Instituto de Polícia Científica.

IVC: Instituto Verificador da Comunicação.

MI: Mandado de Injunção.

OMS: Organização Mundial da Saúde.

PL: Projeto de lei.

PM: Polícia Militar

PPS: Partido Popular Socialista.

STF: Supremo Tribunal Federal.

SUS: Sistema Único de Saúde.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>TRAVESTILIDADES, TRANSEXUALIDADES, VIOLÊNCIAS E ABJEÇÃO.....</b>	<b>20</b>
2.1	UM BREVE PANORAMA SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO, TRAVESTILIDADES E TRANSEXUALIDADES .....	20
2.2	INTOLERÂNCIA, ABJEÇÃO, VIOLÊNCIA E MORTE .....	28
2.3	DADOS DA ANTRA E GGB.....	36
<b>3</b>	<b>CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO .....</b>	<b>41</b>
3.1	LÍNGUA E LINGUAGEM.....	42
3.2	ENUNCIÇÃO E PALAVRA .....	46
3.3	DISCURSO, IDEOLOGIA E VALORAÇÃO.....	50
3.4	OS GÊNEROS DO DISCURSO E A WEBNOTÍCIA .....	56
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>69</b>
4.1	PASSOS PARA CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	69
4.1.1	Acesso aberto ao portal G1 .....	69
4.1.2	Pesquisa por meio da inserção de termos no espaço reservado à busca de informações .....	70
4.1.3	Construção e alimentação do banco de dados.....	71
4.1.4	O banco de dados: apresentação e discussão .....	71
4.1.5	Seleção dos textos a serem analisados .....	74
4.2	REALIZAÇÃO DA ANÁLISE .....	74
4.2.1	O olhar para as webnotícias pelo viés da Análise Dialógica do Discurso .....	74
<b>5</b>	<b>UM OLHAR PARA AS WEBNOTÍCIAS: DISCURSOS POSSÍVEIS E SUSCITADOS.....</b>	<b>80</b>
5.1	O GÊNERO NÃO RECONHECIDO .....	82
5.2	PODEMOS FALAR EM TRANSFOBIA? .....	88
5.3	SOBRE A BRUTALIZAÇÃO DA MORTE.....	93
5.5	ELIMINAR É A SOLUÇÃO? .....	103
5.6	ELA ERA GAROTA DE PROGRAMA.....	109
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>123</b>
	<b>ANEXO 1.....</b>	<b>128</b>

*“No chão, a travesti morre  
Ninguém jamais saberá seu nome  
Nos jornais, fala-se de outra morte  
De tal homem que ninguém conheceu  
A versão dos verme é de suicídio ou qualquer crime que cometeu”.*

*Virgínia Guitz*

## 1 INTRODUÇÃO

Na região de Campo Belo (SP), mais especificamente em Jardim Marisa, uma travesti foi brutalmente assassinada. A vítima de 35 anos teve o rosto lesionado e o tórax aberto. Além disso, de acordo com a notícia que divulgou o caso, o coração foi encontrado fora do corpo. O acusado de cometer o crime alega que a motivação teria sido devido ao fato de a travesti ser vista como um “demônio”.<sup>1</sup>

Infelizmente, a descrição apresentada acima não pertence a uma obra de ficção, nem mesmo a um conto de terror. Situações semelhantes são vivenciadas cotidianamente por sujeitos que não seguem os padrões sexuais e de gênero. Dessa forma, salientamos que o assassinato exposto não representa algo isolado; insere-se em um contexto de violência e brutalização a que são expostas certas identidades.

Ao considerarmos o nosso país, por exemplo, podemos apontar que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTs)<sup>2</sup> são repreendidos, violentados e colocados à margem de uma sociedade LGBTfóbica<sup>3</sup>. As adversidades enfrentadas por esses sujeitos, embora amplamente discutidas e problematizadas na contemporaneidade, podem ser percebidas no Brasil desde o período colonial. Trevisan (2017), ao abordar a chegada dos portugueses em solo brasileiro, salienta que nada os chocava mais do que a prática do “pecado nefando”, “sodomia” ou “sujidade” – expressões atribuídas pelos colonizadores às identidades dissidentes.<sup>4</sup>

Nos últimos anos, ao pensarmos em nosso contexto político-social, acompanhamos as constantes ameaças dirigidas a sujeitos LGBTs e as tentativas, principalmente por parte de representantes políticos conservadores

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-01-22/travesti-assassinado-e-coracao-retirado.html> Acesso em: 16. Out. 2023.

<sup>2</sup> Reconhecemos a existência de outras siglas. No entanto, adotamos aquela utilizada com maior frequência nos relatórios analisados no período 2018-2020.

<sup>3</sup> Segundo Borrilo (2010), a expressão homofobia foi utilizada pela primeira vez no início dos anos de 1970 nos Estados Unidos da América (EUA) em um artigo publicado por K. T. Smith ao analisar os traços da personalidade homofóbica. Hodiernamente, com o surgimento de novas representatividades e identidades o termo tornou-se limitado e, a partir da 3ª Conferência Nacional LGBT, realizada em Brasília no ano de 2016, passou-se, com a intenção de agregar outras expressões sexuais e de gênero, a utilizar-se o termo LGBTfobia.

<sup>4</sup> Todas aquelas identidades que fogem de um padrão socialmente imposto.

de negar os poucos direitos conquistados por essa população.

Mello (2018) aponta que, ao longo da sua história, o Congresso Nacional nunca aprovou nenhuma lei realmente propositiva e positiva no tocante à população LGBT. Segundo o autor, é no Poder Judiciário, em face da inoperância do Poder Legislativo, onde se observam os maiores avanços e debates. A exemplo disso, tivemos recentemente a votação pela criminalização da homofobia, que passou a ser equiparada ao crime de racismo. No entanto, parte do Congresso já se mobiliza na tentativa de criar iniciativas que inibam a decisão do Supremo. Nesse embate, a religião, a família e a nação são utilizadas como forma de defesa e legitimação de discursos opressores. Com efeito, a não aceitação do outro, que se configura como um “sodomita”, “pecaminoso”, “perigoso”, entre outras tantas adjetivações pejorativas, tem levado, em muitos casos, à morte.

Nesse contexto, a intolerância às diferenças coloca o Brasil em primeiro lugar no que se refere ao assassinato de LGBTs no mundo. De acordo com organizações que monitoram o contexto de violência, o número de crimes chega a ser superior ao registrado em países do Oriente Médio e África, localidades em que há pena de morte para LGBTs.

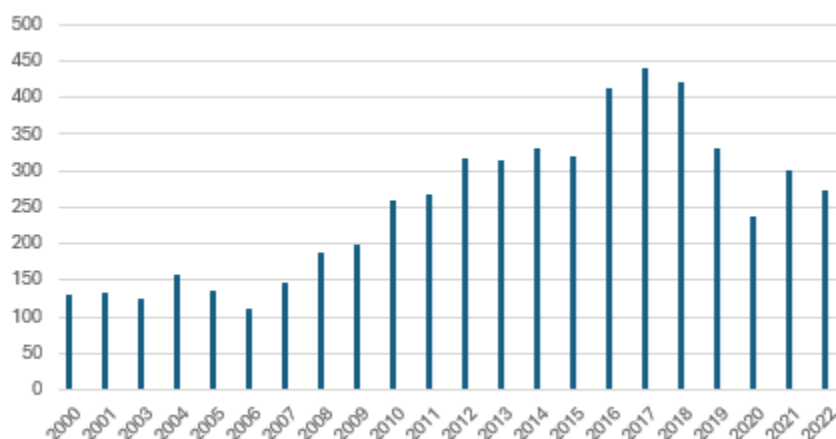
Na ausência de iniciativas governamentais, o Grupo Gay da Bahia<sup>5</sup> vem realizando, desde o início o início da década de 1990, um importante trabalho de acompanhamento estatístico e social da violência praticada contra a vida de LGBTs, com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para a necessidade de discussão e para a criação de políticas públicas que visem soluções para o problema.

Ao consultarmos os dados disponibilizados pelo grupo e olharmos para os números contabilizadas a partir do ano de 2000, podemos observar que há uma oscilação em relação ao índice de mortes. No entanto, isso não é o suficiente para apontarmos uma redução percentual, conforme ilustramos na sequência:

---

<sup>5</sup> Os dados do GGB passaram a ser divulgados após uma revolta ocasionada pelo assassinato de Aparício da Silva, morto em 1992, na cidade de São Paulo, com sinais de espancamento e 97 perfurações de tesoura no corpo e no pescoço.

Gráfico 1: Mortes 2000-2022



Fonte: Quem a homofobia matou hoje? Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/>.  
Acesso em: 11.jul. 2024.

Os números apontados acima referem-se à morte de todos os sujeitos contemplados pela sigla. No entanto, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), tida como uma das principais organizações sociais e políticas de pessoas travestis e transexuais, nos chama a atenção para o alto índice de violência, principalmente letal, praticado contra essa população. Além disso, os relatórios divulgados anualmente nos convidam a pensar no modo em que esses crimes geralmente ocorrem, operando em um processo de coisificação das vítimas.

Os números gerados pelas associações, em grande parte, são obtidos por meio de notícias divulgadas em plataformas e jornais, localizados em todas as regiões do país. Considerando uma possível subnotificação dos crimes, lamentavelmente, podemos conceber que o número de assassinatos pode ser ainda maior, haja vista que nem todos chegam a ser noticiados.

Diante desse cenário, é de nossa pretensão analisar webnotícias publicadas pelo portal G1<sup>6</sup> no que tange à morte de mulheres travestis e transexuais, com um recorte no período compreendido entre os anos de 2018 – 2020, a fim de verificar uma possível naturalização da violência e silenciamento das vítimas por meio da composição enunciativo-discursiva das publicações.

---

<sup>6</sup> O G1 surgiu na internet no dia 18 de setembro de 2006, sendo o primeiro portal do Grupo Globo pensado, exclusivamente, para a Web.



A população e o período escolhido se justificam quando consideramos dois fatores, a saber: 1) o alto índice de assassinato de mulheres travestis e transexuais nos últimos anos e 2) a implementação da lei que criminalizou a homofobia. A escolha pelo portal, por sua vez, deu-se ao considerar o expressivo número de seguidores que apresenta em suas redes sociais, bem como os percentuais de acesso ao seu endereço<sup>7</sup>.

Para isso, podemos apontar que os nossos objetivos específicos são: 1) observar de que modo a vítima, o agressor e a cena do crime são retratados, analisando os acentos valorativos dados a cada um desses elementos; 2) verificar de que maneira os recursos linguísticos atualizam-se enunciativamente; 3) relacionar com quais discursos a valoração da morte, da vida e das identidades de gênero dissidentes dialogam e 4) observar se há uma mudança de posição avaliativa em notícias divulgadas posteriormente à criminalização da homofobia, após a equiparação desta ao crime de racismo.

Consideramos que as mídias da informação detêm um grande prestígio social e atuam de forma bastante persuasiva no processo de constituição dos sujeitos, ao serem encaradas como esferas que mostram a verdade sobre os fatos, sob o viés da transparência. Contudo, defendemos que as informações disponibilizadas são sempre produzidas em meio a determinados modos de ver, valorar, interpretar e se posicionar sobre o mundo. Nesse sentido, compreendemos que todo o enunciado é produzido por um sujeito social, circula em esferas de atividade específicas e atinge determinados interlocutores. Do mesmo modo, a recepção também se dá no seio social, gerando discursos e valores sobre a realidade que nos circunda e acessamos.

Como aponta Volóchinov (2017, p. 236), “[...] não existe enunciado sem avaliação”. Dessa forma, ao considerar o contexto de violência contra as minorias de gênero e a importância das mídias da informação no processo de constituição dos sujeitos e do mundo, somos levados ao seguinte problema de pesquisa: o modo de divulgação de notícias a respeito dos crimes letais praticados contra travestis e transexuais pode estar operando em um processo de naturalização da morte desses sujeitos?

Defendemos a tese de que as valorações assumidas pelo portal podem

---

<sup>7</sup> Atualmente o portal conta com cerca de 8,7 milhões de seguidores no Instagram.

estar contribuindo para uma naturalização e para um silenciamento diante da real motivação desses crimes, não dialogando com o contexto de violência a que são expostas as vivências de travestis e transexuais, nem mesmo auxiliando na problematização e denúncia diante de uma questão social de grande importância.

A partir disso, temos como hipóteses:

- 1) os textos que divulgam esses crimes dialogam com discursos que atribuem às identidades transgêneras um carácter de justificação da morte;
- 2) esses textos estão inseridos em um contexto político-conservador em que determinadas formas de dizer são evitadas;
- 3) ao não utilizarem termos como “LGBTfobia”, “transfobia”, e “travestifobia”, deixam de problematizar a real causa dos crimes, procurando e apontando outras motivações;
- 4) operam em uma singularização da vítima, tratando os casos de maneira isolada, sem considerar o processo social e histórico de intolerância e preconceito em que vivemos;
- 5) ignoram a existência da LGBTfobia.

Para que possamos confirmar ou refutar nossas hipóteses, iremos apoiar-nos nas contribuições teóricas e metodológicas da Análise Dialógica do Discurso (ADD),<sup>8</sup>a partir do Círculo de Bakhtin, que atribui à língua um carácter social, histórico e ideológico. Dessa forma, podemos afirmar que o olhar bakhtiniano se ampara na análise de enunciados materializados no uso da língua, tomada como linguagem, mas que não deixa de se apoiar em formas, lexicais e sintáticas, que de sua significação linguística passam ter sentido específicos nas interações em contextos determinados.

Desse modo, iremos tomar como base alguns conceitos do Círculo que

---

<sup>8</sup> É importante destacar que este não foi um termo criado pelo Círculo, que não elaborou formalmente uma teoria sobre o discurso. A expressão ADD passou a ser usada, especialmente no Brasil, após publicação do texto “Análise e teoria do discurso”, publicado no ano de 2006 em “Bakhtin: outros conceitos chave”.

acreditamos ser basilares para o trabalho proposto. Dentre eles, destacamos as noções de língua, discurso, palavra, acento valorativo e dialogismo. Para que seja possível chegar aos resultados propostos, adotaremos um caminho metodológico direcionado por Sobral (2009) em diálogo com Brait, que perpassa as etapas de descrição, análise e interpretação do objeto de estudo.

Este escrito está dividido em quatro capítulos. No capítulo intitulado “Travestilidades, transexualidades, violência e abjeção” propomos, por meio de uma abordagem interdisciplinar, uma discussão sobre os conceitos que melhor nos permitem entender o contexto de violência e negação das identidades de gênero não-hegemônicas, especialmente de travestis e transexuais.

Na sequência, em “Conceitos fundamentais da Análise Dialógica do Discurso” são apresentados e discutidas as ideias essenciais do Círculo de Bakhtin para a realização desta pesquisa. Após isso, apresentamos os caminhos metodológicos que percorremos durante a realização do trabalho e, para finalizar, apresentamos as análises realizadas, amparadas nas discussões que foram propostas.

## **2 TRAVESTILIDADES, TRANSEXUALIDADES, VIOLÊNCIAS E ABJEÇÃO**

Para a realização da pesquisa e, diante dos objetivos propostos, recorreremos a diversas áreas do conhecimento, com o intuito de melhor pensarmos as noções de intolerância, preconceito, violência e suas relações com os assassinatos de travestis e transexuais no Brasil. Portanto, salientamos que nos inserimos em uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo interlocuções com historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos e estudiosos queer.

Para dar início a este capítulo, primeiramente iremos expor o nosso entendimento sobre o conceito de identidades de gênero, especialmente acerca das noções de travestilidades e transexualidades. Gostaríamos, já de imediato, salientar que optamos pela marca de pluralidade nos termos, por entendermos que as possibilidades e as formas de existências são múltiplas, diversas e fluídas. Além disso, acreditamos que seja necessário apontarmos que não temos por intuito conceituar ou categorizar essas identidades.

Logo após essa exposição, apresentamos algumas contribuições que nos auxiliam pensar e entender o contexto de abjeção e violência em que essas identidades estão inseridas, também por meio de um diálogo interdisciplinar.

### **2.1 UM BREVE PANORAMA SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO, TRAVESTILIDADES E TRANSEXUALIDADES**

Para iniciar esta seção, acreditamos que seja necessário recorrermos ao entendimento sobre identidade de gênero que adotamos para a realização deste trabalho. Para isso, estabelecemos um diálogo com Grossi (1998) ao pontuar que os estudos de gênero, especialmente no Brasil, podem ser entendidos como uma das consequências geradas pelo movimento de lutas libertárias.

Na visão da antropóloga, na década de 1960, além das reivindicações por melhores condições de vida, também era iniciado um grande questionamento acerca das relações entre gênero e sexualidades. Em um primeiro momento, no entanto, tais estudos estavam mais voltados para as problematizações sobre as condições de existência da mulher na sociedade. Vale destacar que os estudos de gênero foram incorporados de pesquisadores norte-americanos, que

utilizavam a expressão “*gender*” em referências às identidades de homens e mulheres. No Brasil, Elizabeth Lobo foi quem primeiro introduziu o termo, através de um texto apresentado na ANPOCS<sup>9</sup>, em 1987.

Como destaca Scott (1990), o gênero pode ser entendido e pensado como uma categoria construída historicamente, que não se faz apenas nas diferenças entre aquilo que se entende ser masculino ou feminino, mas que também dá sentido a essa diferença. Portanto, o conceito de gênero não se confunde com o conceito de sexo biológico, nem assim pretende. Com efeito,

[...]as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais. (Firmino; Porchat, 2017, p.55).

Ao associar gênero e aparato biológico, pretende-se construir um território estável, coeso e coerente. Essa construção inicia-se antes mesmo do momento do nascimento, a partir do resultado do exame de ecografia ou até mesmo por suposições baseadas no formato da barriga da mãe. Em um mundo dividido entre o azul e o rosa, ao anunciar o sexo biológico da criança, são definidas cores, papéis sociais, modos de ser e agir dentro daquilo que se entende e se espera do que é ser um homem ou uma mulher, limitando, dessa forma, as diversas possibilidades de inserção na sociedade. Com efeito, ao assumir essa posição, o gênero passa a ser visto como algo natural, inquestionável e dado *a priori*. De modo que

[...] a marca de gênero parece qualificar os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumano e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (Butler, 2018, p.72).

Não obstante, a criança é colocada em um contexto em que, também através da definição da sua genitália, os papéis sexuais são previamente acordados. Isso decorre, devido ao fato de que, assim como aponta Butler (2018)

---

<sup>9</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

ser esperada uma relação de coerência e continuidade entre as noções de sexo, gênero, prática sexual e desejo. Com isso,

a apropriação de discursos médicos, anatômicos e psiquiátricos por parte de diferentes sujeitos e instituições - a família, a escola, os sistemas de justiça e de execução administrativa, a religião, o sistema de linguagem, etc. - insere, no âmbito das relações sociais, concepções de sexo e de gênero enquanto discursos de verdade, nomeando compulsoriamente os sujeitos a partir de binarismos como macho e fêmea, homem e mulher, masculino e feminino. (Ferreira, 2018, p. 52).

Ou seja, discursos procuram regular nossas identidades sexuais e de gênero, reduzindo todas as possibilidades de existência a um binarismo e punindo as existências consideradas, desviantes e dissidentes. Dessa forma, um sujeito que apresenta uma vagina, por exemplo, somente terá a sua identidade de gênero reconhecida e inteligível se houver uma relação de coerência com a sua genitália. Isto é, deverá desempenhar uma performance de gênero dentro daquilo que é convencionado como algo pertencente ao que se entende como feminino, incluindo o seu desejo por pessoas do sexo oposto, o gênero masculino, no caso exemplificado. A filósofa ainda afirma:

[...] a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de identidade não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do desejo. (Butler, 2018, p.44).

Diante disso, qualquer e todo o tipo de rompimento com essa imposição social, seja no campo das identidades de gênero ou das sexualidades, gera questionamentos e conflitos, em que o “diferente” passa a ser visto como o “outro”, o “anormal”. Para obter a aceitação e o reconhecimento social é necessário apresentar uma certa “inteligibilidade”<sup>10</sup> ou, em outras palavras, apresentar um comportamento de concordância entre sexo-gênero-desejo. A busca por esse comportamento e por essa aceitação nos leva a dialogar novamente com Butler (2018), em suas reflexões sobre “performance de

---

<sup>10</sup> A inteligibilidade, de acordo com as contribuições de Judith Butler, está relacionada ao modo como as performances de gênero são interpretadas e reconhecidas pela sociedade.

gênero”.

Com base nos estudos de Austin<sup>11</sup>, ao elucidar que ao utilizar a linguagem não apenas comunicamos fatos, mas realizamos ações, a filósofa nos convida a pensar as contribuições do linguista associadas aos estudos de gênero. Com isso, propõe a noção de “performatividade”, ao entender que o gênero não é algo inato à identidade, tampouco ao corpo. Dessa forma, passa a ser entendido como uma série de repetições de ações e performances que são incorporados e mantidas pela sociedade. Com efeito, podemos entender o gênero como algo performativo, que é sempre construído, elaborado, mas nunca acabado.

A performance exercida tem na heteronormatividade e na relação sexo-corpo-gênero suas primeiras e principais referências. Aquelas identidades que fogem da lógica historicamente pensada e elaborada são colocadas à margem, vistas como irreconhecíveis e ininteligíveis. Ainda, de acordo com Butler (2018), esses atos performativos apresentam como função criar corpos e condutas que reproduzam as identidades de gênero hegemônicas, baseadas na lei da heterossexualidade.

Com isso, podemos compreender que do mesmo modo que a norma exclui e procura eliminar as diferenças, é através da busca pela “normalidade” que se pretende atingir uma certa inteligibilidade ou, em outras palavras, um reconhecimento da condição humana. O social, de todas as formas, procura, através das reiteraões e repetições materializar nos corpos as marcas reconhecíveis do gênero, eliminando aquelas que ousam transgredir. Tal tentativa é reforçada por discursos médicos, religiosos, escolares e familiares.

Com base no exposto, somos levados a corroborar com a ideia de Bento (2017), para quem seriam as performances e não o sexo que fazem o gênero. Desse modo, a socióloga aponta que podemos analisar o gênero como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa. Segundo ela, essa tecnologia, operacionalizada pelas relações e instituições de poder, produz corpos-homens e corpos-mulheres. Somado a esse entendimento, temos ainda a produção discursiva que versa sobre “homens e mulheres de verdade”. É claro que

---

<sup>11</sup> John Langshaw Austin foi um filósofo da linguagem britânico que fez importantes contribuições para a filosofia da linguagem, particularmente no desenvolvimento da teoria dos atos de fala. Sua obra mais influente é geralmente associada ao livro "How to Do Things with Words" ("Como Fazer Coisas com Palavras"), publicado postumamente em 1962.

devemos sempre considerar esses corpos e essas identidades sob a ótica de um sistema heternormativo, em que os “dissidentes” estarão sempre sujeitos à diversas formas e aparatos de controle e exposição à violência.

Nesse sentido, as identidades travestis e transexuais, por exemplo, operam fora de um sistema reconhecido como legítimo, uma vez que o órgão genital de nascimento está em desacordo com a performance de gênero assumida pelo sujeito, gerando uma ruptura e uma tensão social e discursiva. No entanto, o sistema que se pretende estável apresenta alguns estranhamentos, incluindo aqueles que não seguem uma relação aparentemente óbvia. As identidades tidas como desviantes existem e querem se fazer ouvidas. O sistema procura ignorá-las, eliminá-las, com o objetivo de manter o seu equivocado equilíbrio.

Ao falarmos em identidades travestis e transexuais e, diante da metodologia adotada para este trabalho, em que ora analisaremos notícias com a utilização de um termo ora com outro, acreditamos que seja interessante apresentarmos uma breve explanação sobre as diferenças conceituais e operacionais que envolvem essas duas categorias.

Embora não exista um consenso e existam grandes discussões sobre essa diferenciação, as travestis e transexuais costumam ser entendidas como pessoas que nascem com o sexo biológico masculino, mas que não se identificam como homem, construindo uma performance de gênero feminina. Vale destacar que, diferentemente do que costuma apontar o senso comum, a cirurgia de transgenitalização não deve ser vista como um operador de diferença. Há sujeitos autodeclarados travestis que buscam o processo cirúrgico e há transexuais que não pretendem realizar o procedimento conhecido por “mudança de sexo”. Isso sustenta, mais uma vez, a ideia defendida por autores do campo dos estudos queer de que gênero e sexo apresentam distinção. De acordo com o entendimento de Lionço (2009, p. 54), as travestis e transexuais “se constituem subjetivamente como indivíduos pertencentes a um gênero que não corresponde linearmente ao sexo de nascimento”.

Uma outra discussão, apresentada com maior frequência em países da América Latina refere-se ao termo “travesti” ser associado a um uso político e de resistência, considerando a forma como eram reconhecidas em períodos de grande opressão e em memória àquelas que atuaram como precursoras do



movimento de travestis e transexuais. Desse modo, assim como pontua Leite (2016), identificar-se com um termo ou outro pode depender de uma questão situacional. Ou seja, dependendo do lugar em que esses sujeitos estão inseridos e com quem estabelecem interação.

Ao fazer uma análise sobre os processos que constituíram e constituem essas identidades, Green (2016) expõe que as travestis, especialmente no final do século XIX e início do século XX, no Brasil, tinham suas identidades ligadas ao crime, à intervenção policial e aos bailes de Carnaval. Nesse sentido, ser travesti somente era aceito quando associado ao perigo, à folia e ao riso. Em todas as outras circunstâncias e existências, as travestis eram vistas como uma ameaça para a sociedade, que necessitava de uma política de vigilância e controle contra aqueles que caminhavam contra a “moral e os bons costumes”. Isso se intensificou ainda mais durante o período da Ditadura Militar, em que as travestis eram perseguidas, violentadas e acusadas da prática de “vadiagem”.<sup>12</sup>

Um outro lugar social que costuma desde os séculos passados ser associado às identidades travestis é o universo da prostituição. Sem deixar de problematizar os motivos que levam essas pessoas a ocuparem esses espaços, muitas vezes a prática da prostituição é encarada como uma escolha e não como algo resultante de uma exclusão social. Diante de todas as negativas de acesso a outros lugares e outras possibilidades de existência, é durante a noite, nas esquinas, que muitas travestis e transexuais conseguem exercer suas identidades.

Além disso, assim como observa Ferreira (2021), é possível identificarmos três tendências que procuram definir as transexualidades e as travestilidades, a saber: 1) as ciências médicas e biológicas; 2) as ciências psi e 3) as ciências sociais. Foi no campo da medicina, por exemplo que o termo “travesti” foi cunhado. Trata-se de uma nomenclatura que foi utilizada em 1910 pelo médico Magnus Hirshfeld em referência às pessoas que se vestiam de forma ocasional ou regular com vestimentas do sexo oposto. É válido notar que aqui o foco não está no gênero em si, mas no modo em como esses indivíduos se mostravam para a sociedade. Mais tarde, o mesmo médico, em 1923, aponta o transexualismo psíquico como uma forma de travestismo.

---

<sup>12</sup> A vadiagem é uma contravenção prevista no artigo 59 do decreto-lei 3.688 de 1941.

Em 1949, por sua vez, a transexualidade foi classificada, com base nos estudos de David Caudwell, como “psicopatía transexual”. Em 1954, Harry Benjamim define os critérios diagnósticos da transexualidade que devem ser adotados pela medicina. Já no início da década de 1980, foi incluída no DSM- III como uma “disforia de gênero”, passando a ser encarada como um transtorno mental.

No ano de 1990, entra para o CID- II, como uma “perturbação da identidade sexual”, sendo inserido em uma condição psíquica. Somente mais adiante, em 2019, a transexualidade deixa a lista da OMS de transtornos mentais e passa a ser vista como uma incongruência de gênero. No mesmo ano, durante realização da 72ª Assembleia Mundial da Saúde, realizada em Genebra, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a transexualidade da lista de transtornos mentais.

Embora tenham ocorrido alguns avanços no campo da saúde e das ciências psi, é inegável que o olhar para a transexualidade como uma patologia ao longo de todo esse tempo contribui para a permanência de uma associação entre as identidades de gênero dissidentes e o aparato patológico. Com efeito, embora proibido, ainda é grande o número de pessoas que procuram ou são levadas a psicólogos e/ ou psiquiatras na busca por um acordo entre as normas sociais e suas performances de gênero.

No campo jurídico e político, o debate envolvendo as questões de gênero apresenta grandes tensões e disputas. Muitas vezes, é por meio de problematizações levantadas e discutidas por movimentos de lutas sociais que os avanços ocorrem. Após a Revolta de Stonewall<sup>13</sup>, em 1969, na cidade de Nova York, tivemos o que hoje denominamos como movimento LGBT. No Brasil, o surgimento dessas organizações ocorreu um pouco mais tarde, por volta do início da década de 1980. Inicialmente, o movimento voltou-se mais para as questões que envolviam as discussões sobre homossexualidades, especialmente masculina.

A primeira organização voltada exclusivamente para travestis e transexuais surgiu em 1990, denominada de ASTRAL (Associação de travestis

---

<sup>13</sup> Trata-se de uma revolta motivada por constantes “batidas” policiais em um bar frequentado pelo público LGBT na cidade de Nova York. Inconformados com esse cenário, os frequentadores reagiram e organizaram uma grande mobilização.

e liberados do Rio de Janeiro). O grupo pretendia discutir questões sobre cidadania e direitos, promovendo uma articulação nacional de pessoas transexuais. Com o passar do tempo, outras entidades foram surgindo. Com base nessa organização, no ano de 2004, um grupo de travestis e transexuais foi até Brasília, com o objetivo de reivindicar seus direitos. Com efeito, foi criado, pelo Ministério da Saúde, um comitê técnico dedicado à população LGBT. Neste mesmo ano foi instituído o dia 29 de janeiro como o Dia Nacional da Visibilidade Trans. Dois anos após, em 2006, o Sistema Único de Saúde passou a aceitar o uso do nome social no cartão SUS. Por meio do Decreto Federal 8.727, assinado pela então presidenta Dilma Rousseff, a utilização do nome social foi garantida em todo o território nacional.

Essa conquista foi de grande relevância, pois permitiu que uma população que antes não era reconhecida e, conseqüentemente, deixava de acessar os serviços básicos de saúde passasse a usufruir dos seus direitos enquanto cidadãos. Antes disso, se uma travesti ou transexual fosse até um posto médico, por exemplo, no momento do atendimento seria chamada pelo seu nome de registro civil, gerando um grande constrangimento.

Em 2008, a partir de duas portarias do Ministério da Saúde<sup>14</sup>, foi oferecido, por meio de uma abordagem multidisciplinar, o processo transexualizador, podendo, inclusive, ser realizada a cirurgia de redesignação sexual. Embora o modo como inicialmente esse serviço tenha sido ofertado mereça algumas ressalvas, a garantia por meio de uma política pública de saúde representa um avanço considerável.

Em relação à utilização do nome social, foi somente no ano de 2016 que a Defensoria Pública da União (DPU) solicitou ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que pessoas transexuais pudessem alterar o seu nome de registro sem a necessidade de um acompanhamento médico ou por meio da realização de cirurgia. Antes dessa decisão, o caminho para ter a identidade de gênero reconhecida era longo e burocrático, dificultando que muitas pessoas, especialmente aquelas em condições sociais mais vulneráveis concluíssem o processo. Já em 2018, o STF autorizou que transexuais pudessem alterar o nome de registro diretamente em um cartório, sem a necessidade de uma

---

<sup>14</sup> Portarias 1.707 e 457.

autorização judicial.

Mais recentemente, no dia 13 de junho de 2019, O Supremo Tribunal Federal determinou que toda e qualquer discriminação por orientação sexual ou por identidade de gênero seja considerada crime, passando a ser punido conforme legislação da Lei de Racismo (7716/89). Durante o seu voto, a Ministra Carme Lúcia elucidou que “[...] reiteração de atentados decorrentes da homotransfobia revela situação de verdadeira barbárie. Quer-se eliminar o que se parece diferente física, psíquica e sexualmente”. É válido lembrar que a decisão do Supremo foi motivada por uma omissão do Congresso Nacional, que durante décadas deixou de discutir e propor alternativas para o alto número de violência praticado contra as minorias sexuais e de gênero.

Todas essas conquistas nos mostram que temos avançado em alguns campos, nos possibilitando perceber o olhar que foi dado para as identidades travestis e transexuais ao longo do tempo. Seja na área da saúde, do direito, da educação, ou da segurança, as lutas por direitos sempre envolveram uma série de disputas, ofensas, negativas e violência. Sem dúvidas, na ausência da atuação dos movimentos sociais, estaríamos vivendo uma outra realidade.

## 2.2 INTOLERÂNCIA, ABJEÇÃO, VIOLÊNCIA E MORTE

Conforme exposto na seção anterior, tudo aquilo que rompe com a pretensa relação de coerência e organização social baseada na relação sexo-gênero gera conflitos e violências que, em algumas circunstâncias visam a extermínio de certas identidades e de certos sujeitos. Para isso, são reproduzidos discursos em que aquele que se julga superior, sexualmente aceito e dentro das normas de gênero previamente estabelecidas, oprime, agride e mata aqueles que, em sua concepção, ocupam uma posição inferior à sua.

Assim como já pontuado, o Brasil ocupa o primeiro lugar no que se refere ao assassinato de pessoas que transgridem as normas sexuais e de gênero. Embora o nosso trabalho esteja voltado para a população de travestis e transexuais, acreditamos que seja interessante, pelo menos inicialmente, considerarmos um contexto mais amplo, que viola a existência de todas as identidades não inseridas em padrões previamente estabelecidos.

Segundo Molina (2011, p. 950), “[...] a homossexualidade foi ao longo dos tempos e das diferentes culturas, motivo de punição, vergonha, segregação e violência contra todos aqueles que atravessassem a fronteira da heteronormatividade”<sup>15</sup>. Desse modo, podemos entender que se criou a ideia de uma norma sexual, em que os desviantes deveriam ser punidos, ameaçados, violentados e, se possível, extintos.

Diante de tal contexto, seguindo as contribuições de Droit (2017, p. 66), podemos entender que “[...] a intolerância, a violência e a guerra vêm do fato de cada um estar convencido de que seu universo é o único válido, o melhor, que constitui o único mundo verdadeiro”. Desse modo, ao se posicionar em um determinado lugar social que lhe confere legitimidade e gozo dos direitos civis, o intolerante nega a possibilidade de existência de outros lugares e de outros sujeitos. Ainda, para o autor, aquele indivíduo que nada tolera pode ser confundido e comparado com um fanático que, fechado em seu mundo, não visualiza e/ou não pretende reconhecer outras formas de existência.

Desse modo, acreditamos que a proposta apresentada pelo campo denominado de Estudos Queer<sup>16</sup> pode nos fornecer caminhos possíveis para pensar o cenário de violência e de negação de certas identidades, por meio de um questionamento do modo como a relação binária homem/mulher é construída e instaurada, através de um processo que pode ser denominado como hegemonia de gênero, visto que

[...] justamente movida pelo ódio e pelo repúdio a performances e comportamentos generificados em conflito com a matriz cisgênera que a transfobia opera como dispositivo de cisheteronormatividade, ou seja, como estratégia sistêmica de coerção que visa a punir, de forma violenta, aqueles corpos e subjetividades que ousam se identificar fora dos modos binários autorizados, a saber, enquanto homens e mulheres cisgêneros/as. (Silva, 2017, p. 107).

---

<sup>15</sup>Entendemos por “heteronormatividade”, um sistema em que a heterossexualidade é estabelecida como norma. As outras sexualidades, são, assim, constituídas por meio de uma oposição àquela vista como dada.

<sup>16</sup> De acordo com Richard Miskolci (2020, p. 21), “o que hoje denominamos de queer, em termos tanto políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais”. Além disso, é válido destacar que a palavra “queer” é frequentemente utilizada como um xingamento, insulto.

Diante disso, se faz necessário pensar e problematizar as peculiaridades que constituem as identidades hegemônicas, pensando de que modo se inserem na sociedade e de que forma contribuem para a exclusão e o não-reconhecimento de outras identidades, operando em um processo de subalternação. No entendimento de Pelúcio (2012), falar sobre os saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àqueles e àquelas que foram privados de fala, mas produzir outras formas de encarar essa realidade, entendendo os subalternizados como dignos de respeitabilidade e refletindo, assim como aponta Pereira (2014), sobre a invisibilidade do subalterno e a sua construção/representação nos meios de comunicação.

Com isso, Miskolci (2020) aponta que a nova política de gênero, que também pode ser entendida como “agenda queer”, se materializa no questionamento das demandas feitas pelos sujeitos, chamando a atenção para as normas que os constituem.

Ainda, de acordo com o autor, a problemática queer é a de entender e reverter os processos de abjeção. Nas palavras de Kristeva (1982), o abjeto pode ser visto como aquele que caminha contra uma visão de pureza, representando uma ameaça ao funcionamento social e político. De modo geral, o abjeto é alguém que sequer é reconhecido como humano. Poderíamos pensar como seres abjetos em nossa sociedade: gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, mulheres, negros, indígenas, quilombolas, analfabetos etc.

É claro que as condições de abjeção sobre as quais está submetido o sujeito irão variar de acordo com os marcadores sociais que atuam em sua constituição enquanto indivíduo. Assim, cabe dialogarmos com o conceito de interseccionalidades, que, de acordo como Piscitelli (2012) pode ser encarado como a multiplicidade de categorias que se articulam e atuam sobre a nossa identidade. Entre os diversos marcadores sociais, temos: classe social, etnia, raça, gênero, escolaridade, regionalidade, religiosidade, sexualidade, geração, dentre outros.

Todos esses marcadores atuam em um processo que confere maior ou menor inteligibilidade e abjeção a certas identidades. No entendimento de estudiosos queer, devemos pensar que quando certas vidas não são toleradas e/ ou reconhecidas, algumas pessoas são levadas a situações extremas de

violência. No campo da sexualidade e das identidades de gênero, as atitudes e ações praticadas sob o viés da intolerância vêm sendo denominadas por estudiosos e militantes por meio de vocábulos como “LGBTfobia”, “homofobia”, “lesbofobia” “transfobia” e “travestifobia”. De modo que,

[..]uma primeira forma de violência contra gays e lésbicas caracteriza-se por sentimento de medo, aversão e repulsa. Trata-se de uma verdadeira manifestação emotiva, do tipo fóbico, comparável à apreensão que pode ser experimentada em espaços fechados (claustrofobia) ou diante de certos animais (zoofobia). (Borrillo, 2010, p. 24).

Embora a contribuição acima tome como referência as identidades sexuais, podemos compreender que o mesmo ocorre no campo das identidades de gênero. Como pontua Bento (2017), o reconhecimento de que existe um outro que me constitui implica no entendimento de que somos constituídos na e pela diferença. Quando essas diferenças não são reconhecidas e respeitadas, identidades são colocadas em posições de inferioridade ou anormalidade, fora do universo dos humanos. Ainda é comum, por exemplo, que as identidades de gênero dissidentes sejam vistas a partir de um aparato médico/ religioso que lhes atribua um olhar de enfermidade, criminalidade e pecado.

Colocadas e vistas à margem, as travestis e transexuais tornam-se mais suscetíveis a todas as manifestações violentas (verbais, morais, psicológicas e físicas). Para Mott (2018), esses atos podem estar relacionados a uma cultura que vê nesses sujeitos potenciais vítimas, por apresentarem atributos de pouco ou nenhum valor social. Devemos lembrar que, em uma cultura sexista, o masculino será sempre o lugar de referência. Dessa forma, tudo que se aproxima do feminino ocupará um não-lugar.

Com isso, acreditamos que seja interessante compartilharmos do pensamento de Butler (2019, p. 17), uma das principais representantes dos Estudos Queer. A filósofa aponta que “[...] há ‘sujeitos’ que não são reconhecidos como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca são reconhecidas como vidas”. Ao abordar a noção de “precariedade”, ela destaca que todas as vidas se mostram precárias, haja vista que são vivenciadas no interior de determinadas normas. No entanto, algumas mostram-se menos vivíveis e mais vulneráveis. Com base nisso, como destaca Santana (2018),

acreditamos que seja crucial reconhecermos as precariedades, para que assim possam ser trabalhadas, no intuito de realizar uma revisão das regras sociais que atuam como delimitadoras da vida de certos sujeitos.

Para as travestis e transexuais, os efeitos de uma vida precária são vivenciados desde muito cedo. Ainda na infância, imperativos como “fala como homem”, “caminha como macho” são frequentemente ouvidos. Na sequência, ao adentrar na escola, o ambiente educativo reproduz o mesmo comportamento, por meio de piadas e insultos. O lar, que deveria servir de amparo e conforto, opera em uma exclusão, na tentativa de ignorar as diversas possibilidades de ser.

Ao pensarmos em uma cultura heterossexista<sup>17</sup>, por exemplo, compreendemos que todas as sexualidades e expressões de gênero desviantes operam dentro de uma vulnerabilidade. No entanto, um homossexual que, de certa forma, apresente uma maior feminilidade, certamente torna-se ainda mais vulnerável do que aquele que se aproxima de uma representação de masculinidade hegemônica. Do mesmo modo, lésbicas tornam-se duplamente vulnerabilizadas, enfrentando preconceitos relacionados a suas identidades sexuais e de gênero. Quando pensamos na vida de travestis e transexuais, essas vulnerabilidades se potencializam. Assim,

[...]consequentemente, quando essas vidas são perdidas, não são objeto de lamentação, uma vez que, na lógica distorcida que racionaliza sua morte, a perda dessas populações é considerada necessária para proteger a vida dos vivos. (Butler, 2019, p. 53).

Podemos melhor entender esse raciocínio quando pensamos na esfera midiática. Em alguns jornais e portais de grande circulação, os assassinatos de LGBTs, quando noticiados, sequer são tratados como crimes de ódio motivados pela intolerância. Santana (2018), em pesquisa realizada em veículos midiáticos da Bahia, observou que, de modo geral, ao não serem utilizadas expressões como “lesbofobia”, “bifobia”, “homofobia” ou “transfobia”, os textos deixam de problematizar certas formas de operacionalização da violência. No caso das travestis e transexuais, o autor ainda aponta a ideia de uma “violentação dupla”,

---

<sup>17</sup> Supervalorização da heterossexualidade.



considerando que as vítimas não têm a sua identidade reconhecida nem mesmo após a morte, sendo muitas vezes referenciadas através dos seus nomes de registro civil.

A critério de exemplificação, remetemo-nos à utilização da palavra “feminicídio”. A morte de mulheres, ao ser divulgada, deixava de dialogar com um contexto de violência de gênero ao qual as vítimas eram submetidas. Após um trabalho de exigência pela utilização do vocábulo, a imprensa passou, de certo modo, a operar em uma lógica de combate e denúncia à violência praticada contra as mulheres. Entendemos que ao não considerar os crimes como “simplesmente homicídios” e procurar justificativas para isso, os veículos midiáticos passaram a destacar e expor a verdadeira causa da violência, inserindo-a em um contexto social mais amplo. É justamente a falta de um olhar como esse, no tocante às mortes de travestis e transexuais, que defendemos neste trabalho.

Ainda em suas análises, uma outra observação trazida por Santana (2018) diz respeito à atribuição da culpa costumar ser associada à vítima, através da justificativa de um possível “comportamento de risco”. De acordo com o autor,

[...] as coberturas são incapazes de mostrar o processo social que leva ao comportamento de risco. Pelo contrário, há tendência de culpar a vítima quando se emite uma manchete como “Engenheiro abre apê pra matador”, ou o título “Engenheiro leva assassino pra casa”, além da ridicularização com tentativas de humor em “Matador de bailarino dança” ou “Recebia os sobrinhos”. (Santana, 2018, p. 148-149).

Desse modo, aqueles que deveriam ser vistos como vítimas, passam a ser considerados culpados, ocasionadores do crime. Da mesma maneira que justificam o estupro de mulheres pela roupa que utilizam, para as ações praticadas contra a população LGBT encontram justificativas muito semelhantes, ao expor, por exemplo, situações socioespaciais que, segundo os noticiários, autorizam e legitimam a morte. Desse modo, é comum na divulgação dos crimes cometidos contra travestis, ser informado que a vítima se prostituía ou que, no momento da ação criminosa, encontrava-se em um lugar entendido como “zona de perigo”.

Mencionamos, também, as vozes que são trazidas nos textos. Não raramente, os autores recorrem ao discurso policial, na tentativa de apresentar

informações mais detalhadas, por meio de um discurso de autoridade. Como sabemos, a relação da polícia com as minorias sexuais e de gênero, especialmente com as travestis e transexuais, sempre foi um caso emblemático.

No período da Ditadura Militar, por exemplo, na falta de um instrumento jurídico autorizado pelo Código Penal Brasileiro que punisse homossexuais e travestis, a perseguição dava-se, assim como aponta Quinalha (2018), por meio da acusação de “vadiagem” ou “violação à moral e aos bons costumes”. Embora estejamos situados em um contexto um pouco mais favorável, os abusos e violação praticados por policiais ainda continuam por figurar em muitos relatos. Recentemente, tivemos o caso de um conhecido *Youtuber*, agredido violentamente por policiais militares de São Paulo, durante o desfile de um bloco de Carnaval conhecido pela presença predominante do público gay.<sup>18</sup> As imagens da ação geraram revolta nas redes sociais, devido à forte repressão sem justificativas ou motivos aparentes.

Com efeito, podemos dizer que a esfera policial continua por dialogar com discursos e ações opressoras que encontram ecos nos períodos de maior repressão da nossa história. Ao noticiar crimes de LGBTfobia com argumentos dessas vozes, temos a presença de enunciados que procuram criminalizar inocentes, desculpabilizar assassinos e justificar as mortes, por meio da ideia de uma “maior segurança social”, visto que os sujeitos mortos poderiam trazer e/ou apresentar algum perigo para a nação.

É necessário também pensarmos sobre as vidas que (não) importam para a esfera política. Observamos que as políticas públicas destinadas ao público LGBT se mostram tímidas e são facilmente negociadas em busca de apoio político ou governabilidade, assim como ocorreu com a distribuição do material pertencente ao projeto “Escola sem homofobia”, popularmente conhecido como “Kit gay”.<sup>19</sup>

A votação de políticas públicas pelo Congresso Nacional chama bastante

---

<sup>18</sup> Disponível em <http://www.chagastardelly.com.br/2019/03/policia-militar-espanca-youtuber-gay.html>. Acesso em 20. mai. 2019.

<sup>19</sup> Trata-se de de um material organizado pelo Governo Federal, durante o mandato da então Presidenta Dilma Rouseff, com a intenção de ser distribuído em escolas de Ensino Médio do país, a fim de fossem discutidos assuntos voltados à questão da homofobia. Com uma repercussão negativa, o material foi tirado de circulação e tornou-se conhecido como “kit gay”, através da opinião de seus críticos.

a atenção, visto que alguns projetos sequer passam por discussão. Um dos exemplos mais atuais refere-se ao projeto de criminalização da homofobia. Antes de chegar ao Supremo Tribunal Federal, ocorreram tentativas de aprovação de alguns projetos semelhantes, a exemplo do (PL) 4.242/03, 3.770/00, 05/2003, 5.003/2001 e PL 122/2006.

Com o fortalecimento da bancada evangélica, tais projetos foram acusados de ferir a liberdade religiosa, sequer sendo votados. Após ficar sem movimentação durante dois anos no Senado Federal, o PL 122/2006 foi arquivado. Com isso, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT) e o Partido Popular Socialista (PPS) entraram com um pedido de Mandado de Injunção nº 4733 (MI nº 4733)<sup>20</sup> e uma Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão nº 26 (ADO nº 26)<sup>21</sup>, respetivamente. As representações alegaram uma omissão do Congresso Nacional e, reconhecendo o fato, o Supremo julgou necessário equiparar os crimes de homofobia ao crime de racismo, até que uma legislação específica seja proposta.

Todo esse movimento nos faz pensar sobre o valor que é atribuído pelo Estado a certas vidas. A falta de políticas públicas e a omissão do Congresso nos mostram quais são as vidas não-vivíveis e quais são as vidas abjetas, que não merecerem reconhecimento nem mesmo após a morte.

Perante tal contexto, o movimento LGBT tem lutado pelo reconhecimento da importância da vida de seus sujeitos e por uma representação midiática mais responsável e engajada na luta contra a violência motivada pelo ódio. Assim, na concepção de Efrem Filho (2016, p. 313 – 314), “[...] tornar os mortos visíveis pretende implicar certo conhecimento público para as vulnerabilidades das vidas precárias”. Para o autor, é preciso reivindicar a presença de palavras que adjetivam os gestos de agressão e discriminação contra essa população. É preciso mostrar o excesso e o inexplicável que compravam a existência da LGBTfobia. A diferença, que causa incômodo aos intolerantes, está diretamente

---

<sup>20</sup> Refere-se a um recurso constitucional que garante a todos que se sintam prejudicados pela falta de uma norma regulamentadora, exercer os direitos e liberdades assegurados pela Constituição Federal.

<sup>21</sup> Ação que pode ser assegurada pelo Supremo Tribunal Federal com o objetivo de declarar a inconstitucionalidade de omissão de algum dos poderes do Estado ou de órgãos administrativos.

ligada ao *modus operandi* desses crimes.

No Brasil, embora a homossexualidade não seja vista como um crime, medidas e ações sempre foram pensadas para inibir e punir aqueles que demonstravam um comportamento desviante do padrão imposto e exigido pela sociedade. Desse modo, muitos indivíduos tiveram suas performances sexuais e de gênero silenciadas sob a alegação e justificativa de, por exemplo, prática de “atentado público ao pudor<sup>22</sup>”

Assim, Green (2019) destaca que na falta de instrumentos tecnicamente legais, a polícia brasileira e os tribunais sempre procuraram mecanismos para conter e controlar os comportamentos vistos como “anormais”. Enquanto mais distante do padrão imposto, mais vigilância, punição, perseguição e controle sofriam e sofrem esses sujeitos. Desse entendimento, decorre a importância de pensarmos sobre os marcadores sociais, que estão diretamente ligados ao modo de operacionalização e brutalização dos crimes de transfobia e travestifobia.

Diante de todas as considerações expostas, acreditamos que os portais de notícias, através das escolhas assumidas em suas enunciações, ao atribuírem mais importância para algumas vidas e, conseqüentemente, menos para certas mortes, podem estar corroborando para a permanência ocupada pelo Brasil no *ranking* de homicídios contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Além disso, podem também, através da ocultação e da subnotificação estar atuando em um processo de naturalização das condições de brutalização desses corpos.

### 2.3 DADOS DA ANTRA E GGB

Conforme já destacamos, na ausência de iniciativas governamentais, são entidades da sociedade civil que atuam no acompanhamento dos crimes motivados pela LGBTfobia. Ao nos inserirmos em um contexto mais amplo, de acordo com dados divulgados pelo GGB, entre 2018 e 2020, tivemos a morte de 986 LGBTs, distribuídos da seguinte forma:

---

<sup>22</sup> Pode ser visto como um crime sexual que consiste em constranger alguém a praticar ou permitir que seja praticado um ato libidinoso.

**Tabela 1 1 - Mortes totais LGBTs 2018-2020.**

<b>Ano</b>	<b>Assassinatos</b>
2018	420
2019	329
2020	237

É válido destacar que o GGB considera, para critérios de contabilização, o número total de mortes motivadas pela LGBTfobia, apontando os assassinatos e os suicídios. De acordo com informações disponibilizadas no portal da instituição, a metodologia para chegar aos números que são apresentados consiste na realização de uma busca diária de informações virtuais que envolvem os casos de mortes violentas da população LGBT no Brasil, através da utilização de palavras-chave.

Além disso, é destacado que, muitas vezes, ainda se faz necessário estabelecer um contato com delegacias de polícia, pesquisa em sites da Segurança Pública dos Estados, identificação dos casos em listas de óbito de serviços fúnebres, além de familiares e amigos em redes sociais, sobretudo através do Facebook e Instagram, com objetivo de validar e complementar as informações que são divulgadas pela mídia.

Desse modo e, com base nas informações que são disponibilizadas, quando olhamos somente para o número de vítimas assassinadas, temos a seguinte distribuição:

**Tabela 22 - Assassinatos totais LGBTs 2018-2020.**

<b>Ano</b>	<b>Mortes</b>
2018	320
2019	297
2020	214

Diante do exposto, podemos perceber que um grande percentual do número total de mortes ocorre por meio do assassinato. Com isso, mais uma vez, pautamos a necessidade e a importância de pensarmos sobre o modo pelo qual esses crimes têm sido valorados através da divulgação de notícias.

Os números apresentados acima são referentes a toda comunidade LGBT. Diante do que propomos, julgamos ser interessante olharmos para a morte de travestis e transexuais de forma isolada. Para que isso seja possível, recorreremos aos dados divulgados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

Antes de apresentarmos os resultados, acreditamos que seja interessante detalharmos o método de coleta de informações adotado pela entidade. De modo geral, as buscas são realizadas com auxílio do que a instituição denomina como “fontes primárias” e “fontes secundárias”. No primeiro grupo estão os dados apresentados pelo disque 100<sup>23</sup>, pelos órgãos de segurança e de justiça e pela mídia. No segundo, estão aquelas informações em que nenhuma mídia cobre ou publica, sendo obtidas por meio ativistas e/ou representantes de instituições de direitos humanos, através de relatos testemunhais.<sup>24</sup> Feitas essas considerações, apresentamos os resultados obtidos através da aplicação dessa metodologia:

**Tabela 33** - Mortes travestis e transexuais 2018-2020.

<b>Ano</b>	<b>Mortes travestis/ transexuais</b>
2018	168
2019	129
2020	214

Ao compararmos os quadros 3 e 4, podemos perceber que mais de 50% das mortes de LGBTs ocorridas em 2018, por exemplo, concentraram-se na letra “T” da sigla, permitindo-nos compreender que

---

<sup>23</sup> É um serviço gratuito e confidencial que permite denunciar violações de direitos humanos.

<sup>24</sup> Informações disponibilizadas no dossiê de 2022. Disponível em: Acesso em:

[...] em termos relativos, as pessoas trans representam a categoria sexológica mais vulnerável a mortes violentas. Sob o rótulo “trans”, foram incluídas 81 travestis, 72 mulheres transexuais, 6 homens trans, 2 dragqueens, 2 pessoas não-binárias e 1 transformista. Esse total de 164 mortes, se referidas a 1 milhão de pessoas trans existentes em nosso país, estimativa referendada pelas próprias associações da categoria, indicam que o risco de uma pessoa trans ser assassinada é 17 vezes maior do que uma pessoa gay. (Grupo Gay da Bahia, 2018).

Destacamos que, para critérios de quantificação, o GGB contempla outras identidades para além de travestis e transexuais, assim como é possível identificarmos na contribuição acima. Outro dado interessante elencado pelo Grupo refere-se à vulnerabilidade em que as pessoas colocadas sob a letra “T” enfrentam, sendo muito mais expostas a violência e, conseqüentemente, a morte. Sendo, assim como já discutido, identidades vistas como “precárias”.

Ainda no relatório de 2018, podemos constatar que, entre as vítimas classificadas por travestis e transexuais, cerca de 83 foram mortas ou mortos em lugares públicos, geralmente onde exerciam a prestação de serviços sexuais, informação que costuma ser destacada pelos noticiários, apontando, muitas vezes, para uma justificação da morte. Diante dos percentuais, é possível constatar a vulnerabilidade da morte de mulheres travestis e transexuais, expostas a condição do feminino e das dissidências de gênero.

Ainda, de acordo com os registros da associação, somente 15 dos casos mencionados acima tiveram os suspeitos presos, ou seja, 9% do número total. Além disso, apenas 4% resultaram em uma denúncia formal e os outros 96% foram arquivados. Tais números nos chamam a atenção por demonstrar a pouca importância atribuída à vida de pessoas travestis e transexuais, visto que, muitas vezes, os crimes sequer são investigados. O relatório nos leva a pensar ainda sobre os lugares em que os crimes geralmente são cometidos. Segundo as informações disponibilizadas, 155 assassinatos ocorreram em via pública, representando um percentual de 42,8%.

Em relação aos números de 2019, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais aponta o assassinato de 129 pessoas. Do número total, 121 são mulheres travestis e transexuais e 03 são homens transexuais, demonstrando, mais uma vez, uma maior vulnerabilidade para pessoas entendidas como

pertencentes ao gênero feminino. Além disso, o relatório informa que apenas 11 casos tiveram os suspeitos identificados.

Embora seja apresentada uma redução em comparação ao percentual do ano anterior, o número de mortes ainda assegura ao Brasil o primeiro lugar no *ranking*. Para se ter uma ideia, o México, ocupante da segunda posição, apresenta a metade dos homicídios ocorridos no Brasil. A Associação discute que a possível queda no número de assassinatos pode ser explicada pelo aumento da subnotificação das mortes, além de uma dificuldade no registro das ocorrências, uma vez que grande parte das delegacias brasileiras se mostram hostis diante do enfrentamento a LGBTfobia ou não demonstram preparo em atender e solucionar crimes dirigidos à população LGBT.

Já em 2020, primeiro ano após a criminalização da homofobia, reparamos um aumento significativo no número de assassinatos, chegando a 175 crimes letais. Ainda, de acordo com a divulgação do dossiê, o ano de 2020 representou um aumento de 43,5% em relação ao número total de assassinatos, considerando os dados integrais desde o início do acompanhamento realizado pela ANTRA.

Mais uma vez, os lugares públicos aparecem como cenário escolhido para o crime. Assim como destacam Benivides e Nogueira (2019), podemos pensar na ideia de um “êxodo travesti”, em que muitas vítimas são assassinadas fora de suas cidades de origem, ocorrendo um processo trans-migratório em busca de uma vida melhor ou ainda em uma tentativa de fuga da violência. Além disso, também podemos considerar a rua como o único espaço que resta após todas as negativas e todo o contexto de exclusão em relação a outros lugares sociais.

Outro dado apontado pelo dossiê que merece a nossa atenção refere-se ao lugar em que as violações corporais são cometidas. De acordo com as informações apresentadas, existe uma tendência para que os golpes, socos, facadas e/ou tiros atinjam preferencialmente partes específicas do corpo como rosto/cabeça, seios e genital. Isso corrobora a ideia de uma brutalização desses corpos, que precisam, do ponto de vista dos agressores, ser eliminados da sociedade. Além disso, nos possibilita defender que os casos não representam simplesmente um homicídio ou possam ser vistos de forma isolada. Há um processo de motivação pelo ódio e pela recusa às diferenças que deve ser considerado.



### 3 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Nosso aporte teórico-metodológico está pautado nas contribuições do Círculo de Bakhtin<sup>25</sup>. Com produção iniciada no século XX, o grupo de estudiosos atribui à língua um caráter social, histórico e ideológico, tendo em Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medvedev seus representantes de maior destaque.

As obras do Círculo foram marcadas por grandes problemas de recepção fora e dentro da antiga União Soviética, provocados pela chegada dos escritos em uma ordem não cronológica, sem autoria determinada e mesmo por problemas de tradução para as diversas línguas em que foram vertidas. Outra questão que deve ser lembrada é que alguns textos não foram finalizados, sendo apenas manuscritos recuperados. Porém, à medida que foram sendo objeto de estudos sistemáticos, muito foi feito para resolver esses problemas.

No contexto histórico, o fim da União Soviética possibilitou que diversos pesquisadores tivessem acesso aos originais. Com isso, novas traduções foram possíveis. No Brasil, por exemplo, a primeira tradução de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* para o português foi publicada em 1979, vertida do francês. Atualmente, no entanto, já contamos com esta e outras obras traduzidas diretamente do russo. Também houve vários estudiosos que se dedicaram à questão da autoria, determinando quem seria o autor de cada obra. Inicialmente estudadas no âmbito da literatura, as ideias do Círculo estão incorporadas em diversas áreas, especialmente nas Ciências Humanas e nos Estudos Linguísticos.

Na concepção de Brait (2016, p. 9), “[...] o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem”. Segundo a autora, a Análise Dialógica do Discurso, corrente que se definiu no Brasil a partir das obras do Círculo, apresenta uma relação indissolúvel entre língua, linguagens, história e sujeitos historicamente situados. Desse modo, é, ao considerar os processos de interação, as relações dialógicas do sujeito com

---

<sup>25</sup> A expressão é utilizada como referência a um grupo de estudiosos que teve em Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medvedev seus principais expoentes.

o outro e com o mundo, que iniciamos, neste capítulo, esta exposição teórica, destacando algumas noções basilares para a realização deste trabalho.

Para isso, apontamos em primeiro lugar o entendimento do Círculo acerca das noções de língua e de linguagem, fundamentais para a nossa ancoragem e filiação teórico-metodológica. Na sequência, discutiremos a ideia de signo ideológico, bem como as contribuições que versam sobre os conceitos de ideologia e de valoração. Após isso, apresentaremos uma breve discussão sobre gêneros do discurso, esfera de atividade e estilo.

### 3.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

Como pontua Volóchinov (2017), a língua constitui-se enquanto um fenômeno histórico. Isto é, deve ser pensada a partir de um prisma mais amplo, que considere toda a situação de produção, circulação e recepção do dizer. Desse modo, em oposição a um sistema puramente linguístico, que não apresenta locutor, não possui destinatário e tem uma significação estável, na Análise Dialógica do Discurso a linguagem passa a ser vista como um lugar de interação entre sujeitos e discursos, ocorrendo estes em esferas situadas sócio-historicamente e sendo proferidos por sujeitos concretos do ato da interação verbal.

Diante disso, destacamos que a comunicação não ocorre por meio de frases ou orações isoladas, mas por meio de enunciados necessariamente contextualizados, por meio da historicidade que os constitui. Disso decorre a importância de considerarmos a situação de enunciação como um todo, refletindo e pensando sobre todos os processos que antecedem e sucedem o ato enunciativo, que jamais deve ser visto como um fenômeno isolado. Assim, como pontua Volóchinov, a língua vive e se forma historicamente, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. (Volóchinov, 2017, p. 220).

Ou seja, a língua, para o pensamento aqui exposto, tem sua ancoragem no meio social, lugar em que nasce, se atualiza e significa. Na contribuição acima, podemos ainda perceber uma crítica frente aos pensamentos que permeavam os estudos linguísticos na época das observações do Círculo, a saber: subjetivismo idealista e objetivismo abstrato.

Enquanto para os pensadores inscritos no subjetivismo idealista, a língua apresenta como sua principal função a transmissão do pensamento, para os do objetivismo abstrato, ela é vista enquanto um sistema, nos seus níveis morfológicos, sintáticos e fonológicos, aproximando-se das posições amplamente defendidas pelo estruturalismo linguístico.

No entanto, a partir do entendimento dos pensadores do Círculo, ambas as correntes não representam a realidade da comunicação discursiva, visto que se centram, exclusivamente, ou no carácter individual dos sujeitos, ou na ideia de uma língua sistêmica. É importante salientar que, ainda que não neguem a existência de um certo individualismo ou de uma estrutura, os autores consideram que estudar a linguagem a partir dessas perspectivas torna o seu tratamento insuficiente. Com isso, podemos inferir que, na concepção defendida, o sentido das coisas não nos é dado *a priori*, mas construído em um contínuo processo de interação entre realidades e entre sujeitos. Com efeito,

[...] tomamos a língua não como um sistema de categorias abstratas, mas como uma língua ideologicamente saturada, como uma concepção de mundo, e até mesmo como uma opinião concreta que garante um *maximun* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. (Bakhtin, 2010, p. 81).

Ou seja, mediante o entendimento do Círculo e a postura teórica que aqui adotamos, considerar qualquer uma das tendências discutidas acima é não considerar a sociedade, a historicidade, a ideologia, os interlocutores e as relações estabelecidas socialmente.

Diante disso, Volóchinov (2017, p. 145) defende que “[...] para observar o fenômeno da língua é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som no ambiente social”. Desse modo, acreditamos que tal filiação teórica está diretamente relacionada à forma como visualizamos, interpretamos, interagimos e agimos sobre o mundo, assumindo um compromisso de considerar, trazer para discussão o elemento social. Com efeito, neste trabalho, não pensaremos em sujeitos isolados. O que nos interessa é o sujeito em sua interação com o outro, através da língua, da linguagem e do discurso.

Isso não quer dizer que estejamos refutando a ideia da existência de um sistema linguístico, ou mesmo desconsiderando a importância dos preceitos

estruturalistas. O que estamos afirmando é que, para a concepção bakhtiniana, é necessário ir além - considerar os elementos linguísticos, sociais, históricos e culturais. Disso decorre o olhar metalinguístico defendido pelo Círculo, visto que assim como evidenciado em *O discurso em Dostoiévski*, “temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua enquanto objeto da linguística”. (Bakhtin, 1997, p. 202).

Com isso, podemos considerar a existência do plano da língua - aquele que está voltado para o estudo e observação das formas linguísticas, como o estudo isolado dos fonemas, por exemplo, e o plano da enunciação - atento às interações discursivas. Cabe ressaltar que um plano não é mais importante ou mais válido que outro, apenas atendem a olhares e objetivos diferentes.

A língua que nos chega é social desde a sua essência, carregada de marcas de expressividade do outro, ressignificadas e acentuadas por cada sujeito e por cada situação de enunciação. Não é uma língua una, impermeável e imutável. Ela é puramente social, negociada pela relação constante eu-outro-mundo. Em síntese, podemos dizer que é na e pela interação verbal que língua e sujeito se constituem mutuamente. A partir disso, devemos entender que do mesmo modo que constituímos o outro, somos por ele também constituídos.

Um exemplo que pode ser dado é quando imaginamos a leitura de um texto da esfera jornalística, como uma webnotícia. Durante o momento da leitura, estamos sendo constituídos por aquelas informações, elas estão agindo sobre nós. Podemos concordar ou não com o que está sendo dito, mas, de algum modo, estamos estabelecendo uma interação com aquela enunciação. Paralelamente, da mesma forma que ela pretende atuar sobre os leitores, estes também já atuaram sobre ela, inclusive contribuíram para as escolhas lexicais e estilísticas daquele que a produziu.

Com efeito, podemos entender que a nossa comunicação ocorre em interações concretas - sejam da vida, da arte, da ciência, da filosofia etc. De modo que,

[...] a língua não se reduz a um sistema padronizado, mas sim se materializa em vozes sociais que se cruzam, em diferentes dialetos, jargões profissionais, linguagens de gerações familiares. Há linguagens de momentos, de lugares, transitórias, que possuem estruturas e finalidades próprias a determinados contextos. A linguagem, assim, está em movimento, ou seja, há

uma orquestração discursiva que a constitui. (Di Fanti, 2003, p. 103).

Ou seja, não podemos entender a língua ou a linguagem como ferramentas estanques, como objetos de uma observação essencialmente linguística. A língua é constituída por múltiplas vozes, sujeitos e situações. O acesso à língua ocorre por meio da nossa interação com outros sujeitos, em diferentes situações e contextos do intercâmbio verbal. Logo, a percepção que temos da realidade não é mediada por uma relação escalar, por um espelhamento. Toda nossa visão advém da relação com o outro, com o qual interagimos e negociamos sentidos diante dos objetos que nos circundam.

Com base no que já foi elucidado até aqui, podemos concordar com a posição adotada por Brait (2016, p. 10) ao dizer que, para a teoria bakhtiniana, “é indissolúvel a relação entre língua, linguagens e sujeitos historicamente situados”. Ou seja, é somente através dessa relação que será possível pensarmos no processo de constituição, produção e circulação de discursos. Ao contrário, estaremos apenas realizando uma análise das unidades da língua, sem levar em conta os reais participantes do ato de comunicação verbal.

A linguagem, por sua vez, pode ser entendida como discurso, ou, em outras palavras, como a língua em uso. Ou seja, pensada a partir das condições de produção de enunciados, necessariamente contextualizados. Sobre isso, falaremos mais adiante com maiores detalhes. No entanto, acreditamos que seja oportuno destacar o que aponta Di Fanti (2003, p. 99), para quem “[...] a concepção de linguagem, a partir do enfoque dialógico, configura-se como uma recusa a qualquer forma fechada de tratar as questões da língua[...]”. Ou seja, as relações, sejam elas entre os sujeitos, discursos ou sociedade, devem sempre ocupar um papel central e necessário quando adotada uma concepção de língua e linguagem embasadas no pensamento bakhtiniano.

Colocadas tais noções, na próxima seção trataremos especificamente do entendimento dos autores do Círculo e de alguns de seus estudiosos acerca dos conceitos de palavra e enunciação.

### 3.2 ENUNCIÇÃO E PALAVRA

Diante do que já vimos, podemos compreender que, como aponta Bakhtin (2011, p. 261), “o emprego da língua efetua-se na forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Disso decorre a importância de considerarmos os enunciados e, de forma geral, o contexto enunciativo nos estudos bakhtinianos, uma vez que a nossa unidade de análise não será estrutura frasal.

Quando pensamos em um contexto de enunciação, por exemplo, estamos considerando toda a rede de interação e negociação de sentidos que perpassa um enunciado. Dessa forma, evidentemente, teremos de considerar por quem tal enunciado foi produzido, a posição social daquele que o produziu, com qual objetivo de dizer enunciou, onde, em que época, em que contexto sócio-histórico e qual o endereçamento do dizer, ou seja - para quem a construção discursiva foi pensada, elaborada e direcionada. Com essa simples explicação, é possível percebermos que o tratamento dado a um enunciado difere daquele conferido a uma frase enquanto unidade da língua. Nos próximos parágrafos, falaremos um pouco sobre as suas particularidades de um enunciado.

A primeira a ser considerada refere-se à alternância de sujeitos. Quando estamos falando de uma frase, por exemplo, essa não se correlaciona a interlocutores reais. Em contrapartida, ao olharmos para os enunciados, estes estarão diretamente relacionados aos sujeitos participantes do ato discursivo, desde a sua formulação até a enunciação. Tal noção é fundamental para entendermos a essência enunciativa, visto que a alternância leva em consideração o outro, sua compreensão e sua resposta perante aquilo que foi dito. Com efeito, deixamos de ter uma construção linguística de mão única e passamos a observar a relação entre enunciados e entre sujeitos. O outro deixa de ser um mero “ouvinte” para quem uma mensagem é endereçada e passa a ser considerado como um parceiro ativo do processo enunciativo/discursivo.

A segunda particularidade, por sua vez, diz respeito à conclusibilidade enunciativa. De modo geral, podemos dizer que é a possibilidade de responder ao enunciado, de ocupar uma posição responsiva diante daquilo que foi dito. Para isso, é necessário que tenhamos uma ideia de que aquilo que está sendo enunciado foi concluído. Percebe-se, portanto, que a segunda particularidade

está diretamente ligada à primeira, uma vez que é preciso existir uma certa conclusibilidade enunciativa para que ocorra a alternância dos participantes da cena enunciativa. Mais uma vez, fica nítida a importância do outro no processo de produção discursiva.

Por fim, consideramos a terceira particularidade - as formas estáveis de enunciado. Todo o nosso dizer, considerando a nossa vontade discursiva e o contexto de enunciação em que o enunciado for proferido, obedecerá a uma forma de enunciado. Isto é, se queremos dar uma notícia sobre o assassinato de LGBTs, por exemplo, recorreremos a uma forma típica da construção do dizer. Isso não será tido como uma receita, mas como algo que irá guiar a nossa elaboração discursiva. Faremos uma explanação mais detalhada sobre essa noção mais adiante, quando falarmos sobre os gêneros de discurso.

Antes disso, acreditamos que seja interessante, diante dos objetivos aqui propostos, dialogarmos com Faraco (2009, p. 25), que considera que “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição nesse contexto”. Desse modo, todo e qualquer enunciado deve ser pensado e analisado no seu contexto de produção, considerando os possíveis diálogos estabelecidos enunciativamente, visto que nenhum enunciado surge e se realiza sem o contato com outros dizeres, outras posições valorativas e outros sujeitos.

Disso decorre a ideia defendida pelo Círculo, ao afirmar que o enunciado é “[...] um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. (Volóchinov, 2017, p. 185). Com isso, nosso dizer irá sempre responder aos dizeres que o antecederam e projetar respostas de dizeres futuros. Dessa forma, nossos dizeres estarão sempre concordando, refutando, reformulando enunciações com as quais dialogam. Quando noticiamos a morte de um LGBT, por exemplo, estamos dialogando com outros discursos que já versaram sobre a vida, a morte e a identidade desses sujeitos. Ao enunciarmos, assumimos uma posição de valor frente ao nosso objeto. Tal posição dependerá de todo o contexto envolvido no processo enunciativo, bem como da ideologia que nos constitui e que assumimos enquanto sujeitos situados sócio-historicamente.

Diante do exposto, acreditamos que seja possível dialogarmos com Brait e Melo (2016, p. 63) ao defenderem que “o enunciado é concebido como unidade

de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado”. Ou seja, nos interessa, portanto, o processo comunicacional/interacional. Quando consideramos a comunicação, levamos em conta os sujeitos, as condições do dizer e todo o contexto que extrapola o estritamente verbal. Tal entendimento nos permite conceber o processo enunciativo por meio de um ponto de vista social e histórico, marcado pelas interações entre os sujeitos e pelos discursos por eles proferidos.

Ao adentrarmos na discussão do processo de interação, não podemos deixar de refletir sobre a noção de palavra para o Círculo, bem como a sua importância para este trabalho. Antes de qualquer coisa, acreditamos que seja oportuno salientar e reforçar que não estamos entendendo aqui a palavra como uma unidade da língua ou como um elemento que pode ser analisado de forma isolada, por meio dos seus aspectos sintáticos, morfológicos e fonéticos. Para a concepção bakhtiniana,

[...]quando nós compreendemos uma palavra ou uma sequência organizada de palavras, em certo sentido traduzimos esta palavra do discurso externo (escutado ou lido) de outro homem para o nosso discurso interno e com isso reproduzimos novamente esta palavra, circundamo-la com outras palavras, encontramos seu lugar particular o fluxo verbal completo da nossa consciência. (Volóchinov, 2013, p. 194).

Com isso, podemos compreender que é no seio social que as palavras surgem, são enunciadas e valoradas. A definição da palavra “travesti”, por exemplo, quando pensada somente a partir do nível linguístico, será classificada como um substantivo ou definida como: “pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, sendo a expressão de gênero diferente daquela designada pela sua genitália”. No entanto, quando enunciada em uma situação determinada, por participantes reais do ato enunciativo, pode assumir diferentes significações, sendo, inclusive, utilizada como um insulto. Dessa forma, fica evidente a orientação social das palavras. A forma abstrata interessa apenas ao nível linguístico, cumprindo com outros objetivos que não aqueles aqui propostos. Diante disso, podemos entender que

[...] a palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente



a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido. (Volóchinov, 2013, p.77).

Com efeito, para o pensamento bakhtiniano, toda a palavra deve ser pensada e analisada a partir da sua inserção na realidade enunciativa. Do contrário, adotaremos uma outra concepção de língua e linguagem, visto que, assim como aponta Stella (2015, p. 178), “[...] a palavra reposiciona-se em relação às concepções tradicionais, passando a ser encarada como um elemento concreto da feitura ideológica”.

Ao olharmos para a palavra no nível da língua, na verdade, estamos pensamos em sua significação, que apresenta uma certa estabilidade. É o olhar para a forma dicionarizada, sem considerar a situação extraverbal do processo enunciativo. Mas é somente na interação com o outro que emerge o sentido. Com base nisso, compreendemos, assim como salienta Bakhtin (2011), que a palavra existe em três níveis: como palavra neutra da língua, como palavra do outro e, por fim, como palavra nossa.

As significações que nos chegam por meio das formas da língua nos oferecem potenciais usos e aplicabilidades. No contato com o outro, reavaliamos tais usos, condicionando-os a determinadas situações de produção do dizer. Ao fazer isso, imprimimos a nossa individualidade/expressividade em cada palavra enunciada, (re)acentuamos de acordo com o modo pelo qual visualizamos e vivenciamos as nossas experiências.

Diante disso, as palavras tornam-se nossas, sem deixar de dialogar com os sujeitos, esferas e usos com os quais esteve e estará em contato. Como corrobora Volóchinov (2017, p. 99), “a palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um signo neutro”. Visto dessa forma, é na enunciação que ela “ganha vida”, passa a possuir sentido e acentuação valorativa.

O mesmo autor ainda aponta a palavra como “fenômeno ideológico *par excellence*”. (Volóchinov, 2017, p. 98). É concebendo-as desta forma que podemos pensar em um processo de produção de discursos. Diferentemente da visão estruturalista, especialmente das ideias de Ferdinand Saussure, em que o signo linguístico é visto a partir da união de significante e significado, para os estudos bakhtinianos todo signo deve ser tomado sob um ponto de vista

inteiramente ideológico, deixando de ser considerado como uma forma “abstrata” e passando a integrar a análise das situações reais da interação entre sujeitos e entre discursos, de modo que, ao considerar a natureza social dos eventos enunciativos, não é possível considerá-lo abstraído do seu caráter ideológico.

Desse modo, ao considerar a palavra enquanto um signo ideológico, podemos afirmar que ela reflete e refrata as ideologias, os valores e as visões de mundo de um grupo social e cultural específico. Portanto, não é neutra; ela é uma expressão da ideologia de uma comunidade linguística. Ao concebê-las dessa forma, estamos elucidando que as palavras estão sempre enraizadas em contextos sociais, culturais e históricos específicos, sendo moldadas pelas experiências e visões de mundo daqueles que as utilizam, por meio de um processo que não só reflete como também a refrata a realidade do campo de atividade em que elas são enunciadas.

### 3.3 DISCURSO, IDEOLOGIA E VALORAÇÃO

Considerando o entendimento do Círculo acerca das contribuições já apontadas, iniciaremos a exposição da noção de acento valorativo. Para isso, recorreremos inicialmente a um trecho de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em que podemos encontrar o seguinte pensamento:

Na realidade, nunca ouvimos ou pronunciamos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável, e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e significação ideológica ou cotidiana. (Volóchinov, 2017, p. 181).

Ou seja, no nível enunciativo/discursivo, adotamos uma determinada posição frente ao objeto do nosso discurso e ao mundo. Para isso, devemos considerar que a forma como valoramos algo e nos posicionamos sobre determinados objetos é também determinada por nossa relação com o outro. De modo que,

[...] tudo que é dito, o que é expresso, se encara fora da alma do falante, não pertence só a ele. A palavra não pode ser entregue somente ao falante. O autor (falante) tem seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos, têm também direito aqueles cujas vozes estão na

palavra encontrada de antemão pelo autor. (Bakhtin, 2016, p. 106).

Isto é, para além do posicionamento do locutor perante o mundo, interessa também a posição ocupada pelo seu interlocutor. O sujeito, ao organizar o seu projeto de dizer, leva em consideração o destinatário, considerando o que pode ser enunciado, como deve ser dito e como vai ser compreendido. Ou seja, diante do objeto, o locutor antecipa a visão do outro.

Ao falar nas mortes de travestis e transexuais, por exemplo, leva em consideração o entendimento dos seus interlocutores sobre essas identidades e a importância (ou não) dessas vidas, quais seus preconceitos, de que modo se posicionam sobre a temática e com quais possíveis discursos dialogam. Ou seja, assim como pontua Bakhtin (2016, p. 99), “a relação com os enunciados do outro não pode ser separada da relação com o objeto”.

Com efeito, o acento valorativo, que emerge da nossa interação com o outro, do mesmo modo que carrega a nossa expressão e, com isso, torna-se de certo modo individual, também é influenciado pela expressividade do outro. Dessa forma, podemos afirmar que não há um valor individual, construído por apenas um indivíduo. A valoração nasce e circula sempre no meio social, nas esferas de atividade em que os sujeitos estão inseridos e (inter)agem.

Disso decorre o entendimento de que enunciar é assumir uma posição, seja ela qual for. A todo o momento estamos demarcando a nossa visão de mundo frente aos acontecimentos que nos cercam. Com efeito, não podemos considerar que uma notícia opera com imparcialidade ou neutralidade. Até mesmo a própria decisão de noticiar um acontecimento é valorativa, assim como também é a sua omissão. Através da nossa interação com o outro é que conseguimos interpretar, avaliar e acentuar o mundo.

Desse modo, inferimos que, para a teoria bakhtiniana, não há um sujeito individual. A própria noção de interação leva em consideração o outro como um agente ativo do processo de comunicação verbal. Dessa maneira, o outro, para quem enunciamos, não é alguém que somente “recebe” aquilo que foi dito ou escrito, mas que atua ativamente sobre o nosso dizer, desde o momento da elaboração do projeto enunciativo. Com efeito, partilhamos de uma contribuição de Medvedev, para quem:

a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro [...]. No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social. (Medvedev, 2012, p. 185).

Qualquer acento valorativo só pode existir quando pensamos nos atos concretos de uso da língua, ou seja, nos enunciados. Fora disso, não teremos uma atribuição valorativa, não teremos verdades, nem mentiras. Teremos apenas uma sequência de palavras, com os seus significados advindos do sistema linguístico, mas que não apresentaram um sentido, produto unicamente do seio enunciativo-discursivo.

Ao entendermos o acento valorativo dessa forma, devemos considerar também as especificidades de cada época e grupo social em que ocorre a enunciação. Encarando as palavras como neutras, não podemos admitir que o valor dado para um vocábulo seja o mesmo em todos os contextos do dizer. Em cada enunciação, em cada época e em cada grupo social, uma mesma palavra receberá diferentes atribuições de sentidos, diferentes visões de mundo e, conseqüentemente, diferentes matizes valorativos.

Nesse contexto e, considerando o propósito deste trabalho, cabe, neste momento atentarmos para as contribuições que versam sobre o conceito de entonação. Assim como pontuam os pensadores do Círculo, o estudo do homem é também o estudo dos signos, cabendo aos pesquisadores interpretar o seu sentido. Com isso, Bakhtin (2016, p. 49) aponta que “um dos meios da expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto de sua fala é a entonação expressiva”. Cabe desatacar que isso somente é possível através da relação entre os interlocutores e o objeto.

Ao tomarmos, novamente, como exemplo a palavra “travesti”, veremos que o sentido advém da forma como o autor a emprega em sua enunciação, por meio da expressividade que lhe é conferida. Antes de mais nada, devemos entender que a palavra escolhida para exemplificação, pertence ao sistema da língua e apresenta uma significação dicionarizada. No entanto, no contato com o outro e com a cena enunciativa é que ela adquire expressividade, sentido.

Imaginemos a seguinte situação: ocorre um crime letal contra uma travesti em um determinado município brasileiro. No dia seguinte, ao acompanhar o noticiário, dois munícipes comentam sobre o ocorrido e um deles aponta “só

podia ser travesti”. Nesse contexto, a palavra adquire uma expressão pejorativa, carregando um valor que atribui à vida da vítima um caráter de pouca ou nenhuma importância.

Em outra situação, também ao comentar sobre o ocorrido, outros dois conterrâneos enunciam “mais uma travesti”. Diferentemente da posição anterior, a palavra assume uma outra expressividade, podendo demarcar a inserção em uma cena de frequente violência em que travestis e transexuais são expostas. Desse modo, compreendemos que o sentido da palavra varia conforme as diferentes vozes sociais que a enunciam e atribuem valoração, por meio da expressividade.

A entonação, portanto, não está no sistema da língua, mas busca nele suas potencialidades. Segundo Volóchinov (2019), o ato entonativo estabelece uma relação estreita da palavra com o contexto extraverbal. Ou seja, com a enunciação. Com isso, compreendemos que

[...] a entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida. E antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação: a entonação é social *par excellence*. (Volóchinov, 2019, p. 123).

Com isso, podemos afirmar que a teoria bakhtiniana nos ajuda a compreender que a linguagem não é um sistema fechado e neutro, mas sim um campo de luta e negociação constante de significados entre diferentes grupos sociais, cada um com suas próprias posições, intenções e entonações. Desse modo, entendemos que entonar é, acima de tudo, assumir uma posição frente ao objeto de dizer. É bastante claro que as possibilidades de entonação estarão condicionadas às circunstâncias enunciativas. Disso decorre a importância de pensarmos na noção de cronotopo, entendida como a inserção, no tempo e no espaço, de um sujeito real, considerando as múltiplas interações e condições de dizer em que se insere.

Como podemos perceber, todos os conceitos já apresentados corroboram com a ideia de uma língua enquanto elemento social, marcada por posições valorativas na/pela interação. A partir disso, acreditamos que seja oportuno refletirmos acerca da ideia de ideologia. Tal palavra tem sido utilizada

ultimamente com uma carga negativa, como se devêssemos eliminar tudo aquilo que é ideológico. No entanto, quando entendemos que todos os signos são marcados ideologicamente, isso se torna completamente impossível e impensável. Nesse sentido, a própria negação da existência da ideologia é por si mesma ideológica.

Para os representantes do Círculo e de acordo com o texto intitulado *Que é a linguagem?* temos a seguinte definição:

Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas. (Volóchinov, 2013, p. 138).

Se todo o signo é ideológico, a ideologia está em tudo aquilo que nos circunda e, desse modo, a linguagem, por sua vez, passa a ser vista como a materialidade do ideológico. Seguindo as contribuições do Círculo, Miotello (2016, p. 171) nos chama a atenção para olharmos para a ideologia como “a expressão, a organização e regulação das relações histórico-materiais dos homens”. Para isso, defendemos que deva ser necessário não atentarmos somente para o produto dessas relações, mas para o seu processo, para as disputas enunciativas/ discursivas. O homem, portanto, em sua relação com outros homens, com outros dizeres - possíveis e negociados.

É justamente esse movimento de inter-relação entre os sujeitos e os discursos que nos permite elucidar a ideia de que muitos olhares ideológicos podem existir. A crença em uma ideologia é também a crença em uma sociedade única, em que todos participam da construção dos significados do mundo de maneira consensual, não havendo disputa sobre a manutenção de certos sentidos e a instauração de outros. A linguagem, portanto, assim como apontam os estudos bakhtinianos, deve ser vista como uma arena discursiva, em que múltiplas vozes querem e devem se fazer ouvidas.

Ao falarmos em Análise Dialógica do Discurso, acreditamos que seja necessário destacarmos aquilo que está sendo entendido como discurso. Para isso, compartilhamos de um pensamento de Bakhtin, para quem o discurso deve ser entendido como um fenômeno social em todas as esferas de sua existência em todos os seus momentos, desde a imagem sonora até os estratos semânticos

mais abstratos. Logo, é possível concebê-lo como a língua em uso, pensada a partir da sua inserção em determinadas esferas de circulação e proferida por sujeitos historicamente situados.

Não podemos deixar de mencionar que o nosso discurso será sempre orientado para o discurso de outrem, com ele procurando estabelecer as mais diversas relações - desde a concordância até a refutação. Não somos os primeiros a falar sobre um determinado objeto, outros dizeres antecederam o nosso, assim como outros também o sucederão. Com eles, passados ou futuros, dialogamos, imprimimos a nossa expressividade e instauramos discursos, de modo que

[...] o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não dito, discurso, porém, que já foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo. (Bakhtin, 1998, p. 89).

Dessa maneira, podemos compreender que uma notícia, ao ser escrita, considera também os discursos que irão surgir a partir da sua leitura. O leitor, portanto, se faz presente na formulação do dizer. As suas respostas possíveis são levadas em consideração. O discurso, por sua vez, passa a ser visto como o uso da língua nas mais diversificadas esferas de atividade humana. Ao ser pensado fora do meio social, não possuirá endereçamento e não entrará em relações de diálogo com outros dizeres, sujeitos e objetos. Com isso, afirmamos que não há um dizer monológico, isolado. Todo o nosso dizer será plurivocal, manifestando diferentes vozes e diferentes visões de mundo.

Com base no que foi explanado, ao entendermos o discurso como a língua em uso, não há como pensá-la isoladamente dos seus interlocutores, das suas esferas de interação e dos atos comunicativos/ interacionais. Desse modo, é possível afirmar que pensar na organização discursiva é também pensar na organização social. Devemos frisar que a ideologia se constitui no terreno da interindividualidade, na relação eu-outro-mundo, se materializando na/pela linguagem, por meio de um conjunto de signos que reflete e refrata a realidade, de modo que

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo aquilo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia. (Volóchinov, 2017, p. 91).

Com isso, podemos compreender que, para além de um olhar unívoco, os signos nos possibilitam enxergar, construir e interpretar a realidade a partir de inúmeras posições e acentuações, sendo sempre um material social, produto da interação discursiva.

### 3.4 OS GÊNEROS DO DISCURSO E A WEBNOTÍCIA

Nesta seção, apresentaremos algumas contribuições dos estudos da comunicação e dos estudos linguísticos acerca do entendimento sobre webnotícias. No entanto, ao as entendermos como gêneros discursivos, acreditamos que seja necessário, também ao considerar os objetivos almejados com a realização deste trabalho, iniciarmos com uma explanação sobre as principais ideias no que se refere ao entendimento sobre gêneros do discurso.

#### **3.4.1 Algumas considerações sobre a noção de gêneros discursivos**

Como pontua Bakhtin (2016, p. 12), “cada campo de utilização da língua elabora os seus tipos relativamente estáveis de enunciados” Com base nisso, Sobral (2009, p. 115) afirma que “quando se fala de gênero discursivo do ponto de vista do Círculo, fala-se de algo que é ao mesmo tempo estável e mutável”. Ou seja, devemos considerar que apresentam uma certa estabilidade em sua estrutura e função, o que nos permite reconhecer como pertencente a um gênero ou outro. No entanto, apresentam, também, uma inovação. Há lugar para o novo, para a individualidade e expressividade daquele que enuncia. O estilo do autor,



o lugar em que o gênero se insere e as condições de dizer atuam de forma bastante ativa na “mutabilidade” do gênero, sem, com isso, perder a sua essência, a sua funcionalidade, ou, em outras palavras, o seu caráter de “estabilidade”.

Com base nisso, podemos compreender que não elaboramos um novo gênero ou uma nova forma de dizer a cada momento que enunciamos. De acordo com o nosso propósito comunicativo, recorremos a formas estáveis de dizer - os gêneros discursivos, de modo que nossas enunciações não deixam de ser individuais, mas serão organizadas naquilo que o Círculo de Bakhtin entende como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, funcionando como “correias de transmissão entre a história da sociedade e da linguagem”. (Bakhtin, 2019, p. 20).

Com efeito, os gêneros discursivos passam a ser constituídos pelas esferas de uso da linguagem (Machado, 2016, p. 152). Não são classificados levando em consideração somente a sua estrutura, assim como foi realizado por outras correntes de estudos linguísticos e literários, mas também a sua funcionalidade, a sua intencionalidade e a sua inserção em determinados lugares de dizer. Os gêneros acompanham a história da sociedade e da humanidade, de modo que toda a transformação social refletirá também na forma como as pessoas interagem por meio de tipos relativamente estáveis, assim como podemos perceber através do surgimento das webnotícias, proporcionadas com o avanço tecnológico.

Cabe destacar, como pontua Sobral (2009) que é o projeto enunciativo, ou seja, aquilo que se pretende dizer, que leva a escolha por um gênero ou outro. Ora, se a definição do gênero discursivo a ser adotado parte da vontade de dizer, não há outra forma de concebê-lo para além de um lugar social, histórico e ideológico.

Desse modo, podemos afirmar que os gêneros discursivos desempenham um papel crucial na organização e na compreensão da linguagem, pois cada gênero possui características distintas e orientações específicas que moldam a comunicação e a interação entre sujeitos. Vale destacar que os nossos dizeres são sempre ancorados em contextos sociais e culturais específicos, o que nos leva a considerar a existência de uma multiplicidade de formas de dizer e agir. Ou, em outras palavras, a uma multiplicidade de gêneros do discurso, que

refletem as mudanças sociais mais efêmeras, as necessidades interacionais e a vontade enunciativa dos sujeitos, inseridos nas mais diversas esferas de atividade.

Com isso, como aponta Faraco (2009, p. 126), “fica, assim claro que, para Bakhtin, gêneros do discurso e atividades humanas são mutuamente constitutivos”. Dessa forma, compreendemos que o olhar para o gênero não deve focar no produto em si, mas no processo de elaboração do dizer, considerando todo o contexto de produção, circulação e recepção discursiva.

Ao atentarmos para as webnotícias, por exemplo, podemos entender que a esfera, ou seja, o lugar em que se dá a produção do dizer, atua ativamente no processo de constituição e elaboração dos textos. E é justamente por esse motivo que uma notícia divulgada em um jornal impresso difere daquela inserida no ciberespaço. Há uma mudança na forma como esse gênero é lido, em como chega e em como se apresenta aos seus interlocutores.

O exposto acima nos permite corroborar a ideia de Pereira e Rodrigues (2010), para quem o trabalho com os gêneros discursivos deve partir da sua historicidade, considerando a sua natureza social, discursiva, histórica, cultural e dialógica. Ou seja, quando olhamos para um gênero discursivo devemos encará-lo em sua totalidade, não considerando somente os elementos sintáticos, morfológicos e estruturais.

Um trabalho somente será eficaz se buscarmos o processo de constituição do gênero, dos sujeitos envolvidos e da esfera em que o gênero está inserido. Em outras palavras, podemos dizer que é necessário buscarmos, analisarmos e refletirmos sobre a situação de produção do dizer como um todo, em sua integralidade.

Chamaremos de situação, um termo que já conhecemos os três aspectos subentendidos da parte não verbal: o espaço e o tempo que ocorre a enunciação - o “onde” e o “quando”; o objeto ou tema de que trata a enunciação - “aquilo de que” se fala; e a atitude dos falantes face ao que ocorre - “a valoração”. (Volóchinov, 2013, p. 172).

É esse olhar de totalidade que também definirá o modo pelo qual o nosso enunciado será elaborado, organizado e proferido. Quando intencionamos analisar uma webnotícia publicada pelo G1, a critério de exemplificação,

devemos atentar para todo o processo histórico e social que constitui esse portal, refletindo sobre quais são os seus principais interlocutores, em que contexto e com que finalidade as enunciações ocorrem.

Somente será possível adotar esse olhar ao considerarmos que o sistema da língua nos oferece uma multiplicidade de possibilidades de uso e combinações, as formas que são necessárias para a construção do dizer, mas essas unidades não possuem expressão. A expressividade enunciativa é elaborada e construída no processo de comunicação verbal. Fora disso são apenas possibilidades, unidades sistêmicas. Dessa forma, ao falarmos sobre estilo, devemos atentar para a expressividade do sujeito frente ao dizer.

Conforme já vimos, os gêneros do discurso apresentam uma relativa estabilidade. Assim, cada gênero discursivo apresentará um direcionamento estilístico. Isso se torna mais evidente nos gêneros em que há uma menor possibilidade de alteração por parte do sujeito. É o caso, por exemplo, daqueles que estão inseridos na esfera jurídica, obedecendo um protocolo de construção. Por outro lado, há gêneros que possibilitam uma maior liberdade do sujeito em relação aos recursos linguísticos que serão utilizados, assim como podemos perceber em enunciações do campo literário ou aquelas relacionadas à comunicação cotidiana.

Com isso, ao considerar que a enunciação tem uma orientação social, podemos compreender que o seio em que se dá o processo enunciativo apresenta um papel de grande importância na estilística do enunciado, atuando de forma direta na construção do dizer. Dependendo do lugar em que iremos enunciar, sabemos, dentro das possibilidades que temos, quais serão os recursos linguísticos que servirão a nossa expressividade enunciativa.

Em um texto da esfera jornalística, por exemplo, embora exista um espaço para a individualidade do autor, algumas formas linguísticas são evitadas, pois podem, inclusive, prejudicar a credibilidade que um jornal pretende ter dos seus interlocutores. Por esse motivo é que não costumamos ler em um texto do gênero expressões coloquiais ou aquelas que são utilizadas no nosso cotidiano. Aqui, o estilo da linguagem, além de demarcar o gênero discursivo, também atua na forma em que esse jornal ou portal será visto. Desse modo, podemos compreender que

[...] a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso se caracteriza, antes de tudo, por certo conteúdo semântico objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso é determinada, primeiramente, pelas tarefas (ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. é o primeiro elemento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais. (Bakhtin, 2017, p. 47).

Disso, compreende-se que, em menor ou maior grau, irá ocorrer uma posição daquele que escreve a notícia diante do objeto em que notícia. Mesmo que a tendência seja a de evitar ou procurar negar a posição e o olhar do sujeito, sabemos que isso não será possível, pois todo o ato, incluindo o de noticiar, será sempre valorativo. Como pontua Gubert (2015), a autoria de uma notícia não é solitária, uma vez que o jornalista se vale do argumento de outros sujeitos, por exemplo, para compor o seu propósito comunicativo, a sua intenção de dizer. Do mesmo modo, as vozes com as quais o sujeito que escreve a notícia inter(agiu) também se fazem presentes discursivamente.

Essas valorações nos chegam a partir da nossa experiência com o outro, por meio das situações a quais somos expostos e dos lugares que ocupamos ao enunciar. Logo, são também elas que explicam as nossas escolhas lexicais e o silenciamento de certas palavras, visto que o gênero de discurso reflete as condições específicas e as finalidades de cada campo em que é empregado, “não só por seu conteúdo(temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, [...] mas também, e sobretudo, por sua construção composicional” (Bakhtin, 2000, p. 279).

Desse modo, com base na exposição anterior, podemos entender que não é possível realizar um trabalho de análise de um gênero discursivo sem considerar todos os aspectos presentes em um enunciado, ou, em outras palavras, o seu todo enunciativo, atentando para o seu conteúdo temático, o seu estilo, e a sua construção composicional, levando sempre em consideração os interlocutores envolvidos e o lugar em que a comunicação é estabelecida.

Com isso, acreditamos que neste momento se faz necessário pensarmos acerca das contribuições que envolvem os conceitos de esfera de atividade e interlocutores. Conforme já elucidamos nas contribuições trazidas neste trabalho, a esfera de atividade é um dos conceitos-chave quando intencionamos realizar uma investigação ancorada nos preceitos da Análise Dialógica do

Discurso.

Inicialmente, mais uma vez, é preciso entendermos que todo o nosso dizer, toda a nossa produção discursiva se dá no seio de uma determinada esfera de atividade. Sem isso, não há enunciado, não há discurso. Um olhar investigativo deve considerar a esfera em que o dizer é elaborado, produzido, enunciado e valorado. Ao contrário disso, atentaremos somente para as unidades da língua, fora de um contexto social, histórico e ideológico.

Consideramos que a linguagem, para os estudos bakhtinianos, é vista como um elo inseparável das práticas sociais e das atividades humanas, e é nesse contexto que o conceito de esfera de atividade desempenha um papel crucial e de grande relevância para que possamos entender as ideias defendidas pelo Círculo. É justamente desse lugar social em que se dão as atividades humanas que estamos falando quando abordamos a questão da esfera de atividade. Para isso, devemos considerar que cada esfera ou campo apresenta a sua própria organização, suas próprias normas, valores e finalidades enunciativas.

É por esse motivo que a produção enunciativa que se dá em um espaço acadêmico, por exemplo, difere daquela que se insere em uma reunião de família. Mesmo que os sujeitos envolvidos e o tema da enunciação sejam os mesmos, o dizer será formulado e enunciado de forma diferente, porque assim também são os espaços sociais que estão condicionando a produção do dizer.

O enunciado, como destaca Bakhtin (2019, p. 11), “reflete as condições específicas e a finalidade de cada referido campo”. Desse modo, podemos fazer um exercício e pensar a seguinte situação: em dois campos distintos de atividade humana, temos por assunto a morte de uma travesti.

Para isso, pensaremos do seguinte modo: no primeiro campo temos uma roda de conversa e, no segundo, a bancada de um jornal televisivo. Mesmo que esses dois campos versem sobre o mesmo acontecimento – o assassinato da travesti, o modo como se dará a construção enunciativa, os recursos utilizados e a forma composicional do enunciado em cada um desses campos será distinto, visto que o lugar social de onde se enuncia, as posições enunciativas assumidas durante cada uma das enunciações exemplificadas e a valoração atribuída à morte da travesti será diferente em cada contexto de produção do dizer, porque assim também será a intenção ao enunciar.

Em nenhuma das duas situações apresentadas o enunciado deixará de estabelecer relações dialógicas por meio da relação eu-outro-mundo, assim como também não deixará de produzir discursos sobre o seu objeto, mas o modo em que isso ocorrerá será modificado de acordo com a esfera e com os objetivos discursivos. Por isso, quando analisamos uma notícia, por exemplo, devemos sempre considerar quem a produziu, em que contexto social, histórico e ideológico essa notícia se insere, onde e quando foi publicada, de que forma foi escrita, como se apresenta e quais os seus possíveis interlocutores.

Com base no que foi explanado, podemos entender que, ao pensarmos em gêneros discursivos, estamos, na verdade, pensando na interação entre sujeitos, considerando que a nossa comunicação ocorre por meio de um determinado gênero do discurso. Com base nisso, acreditamos que seja de fundamental importância, em todo e qualquer trabalho que tome como aporte teórico os conceitos bakhtinianos, o desenvolvimento de uma visão mais ampla, que extrapole um olhar focado meramente no produto e redirecione a sua atenção para todo o processo que envolve o ato discursivo. Nesse sentido, corroboramos com a ideia defendida por Rodrigues (2001) ao afirmar que noções como a de discurso, comunicação discursiva, enunciado e atividade humana não essenciais para o entendimento de gêneros discursivos sob o enfoque bakhtiniano.

Na seção seguinte, abordaremos a noção de webnotícia enquanto gênero do discurso. Para que isso seja possível, recorreremos a algumas noções e contribuições dos estudos da comunicação, sem desconsiderar os preceitos defendidos pelo Círculo de Bakhtin e por seus estudiosos.

### **3.4.2 Pensando sobre o gênero webnotícias**

Com o advento tecnológico, novas formas de interação e comunicação surgiram e continuam a surgir, modificando a forma como as pessoas inter(agem) em rede. Nesse contexto, corroboramos a ideia defendida por Canavilhas (2016), ao afirmar que o aparecimento desses novos meios de comunicação social acarretou a introdução de novas rotinas e linguagens jornalísticas, em que, a partir da exploração das potencialidades proporcionadas pela internet, o jornalismo pôde oferecer um novo produto: a webnotícia.

Antes de iniciarmos a explanação do gênero propriamente dito, acreditamos que seja interessante pensarmos sobre a formação da palavra “webnotícia”, em que temos o vocábulo “web” somado ao termo “notícia”.

A designação “web” costuma ser utilizada para denominar o ambiente de inserção e publicação dos arquivos. Ainda, nas palavras de Lévy (2000, p. 27), pode ser entendida como “uma função da Internet que agrega em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento todos os documentos que a alimentam”. Com isso, a expressão webjornalismo<sup>26</sup>, por exemplo, refere-se ao fazer jornalístico no espaço proporcionado pela web. É nesse contexto que surgem as webnotícias, apontadas por Amorim (2013) como um gênero jornalístico por excelência.

Mielniczuk (2001), por sua vez, destaca que a Internet passou a ser empregada de forma expressiva para atender finalidades jornalísticas, a partir de sua utilização comercial, que se deu com o desenvolvimento da Web no início dos anos 1990. Isso não quer dizer que em datas anteriores não ocorria esse uso, no entanto apresentava-se de forma menos intensa. Semelhante ao modo como conhecemos hoje, a primeira publicação de jornal brasileiro na internet foi realizada pelo Jornal do Brasil, em 2005, por meio de uma iniciativa em caráter experimental através do seu site. Não foi necessariamente um material pensando para atender a um público inserido no espaço virtual, mas a inserção em um endereço eletrônico, de um formato elaborado para os leitores que adquiriam a versão impressa.

Atualmente são muitos os portais e jornais que disponibilizam as suas notícias e reportagens na Web, apresentando, cada vez mais, tecnologias de inovação. Desse modo, cabe ressaltar, assim como pontua (Barbosa, 2015) que é comum as pessoas estarem expostas às notícias na atualidade, visto que elas se fazem presentes em diversos lugares, como os blogs, os portais de notícias e os sites. Com isso, diferentemente de quando se comprava um jornal para realizar a leitura de notícias propriamente ditas, com o uso das redes de comunicação, uma simples navegação em sites de redes sociais pode nos levar à leitura de uma notícia. Com isso, os títulos, popularmente conhecidos como

---

<sup>26</sup> Além desta, podem ser encontradas nomenclaturas como “jornalismo online, ciberjornalismo, jornalismo eletrônico ou jornalismo digital”.

“manchetes”, costumam ser ainda mais atrativos, visando despertar o clique dos interlocutores.

As notícias fazem parte do nosso cotidiano há muito tempo. Se fizermos um exercício e procurarmos pensar sobre como realizávamos o acesso à informação em, aproximadamente, 20 anos atrás, chegaremos à conclusão de que isso só era possível graças à publicação de textos de cunho noticiosos em jornais, principalmente impressos. Hoje, com o avanço tecnológico e com o acesso às tecnologias da informação, o cenário de consumo da comunicação apresenta grandes diferenças, especialmente em relação ao modo em que os textos são publicados, acessados, compartilhados e lidos.

Se antigamente precisávamos ir até uma banca física de jornais e/ou revistas ou realizar uma assinatura para sabermos um pouco mais sobre as principais notícias do Brasil e do mundo, hodiernamente, há uma maior facilidade em obter tal acesso. Para isso, basta possuímos um aparelho eletrônico como, por exemplo - tablet, smartphone e notebook e estarmos conectados a uma rede de Internet.

De acordo com a pesquisa TIC domicílios<sup>27</sup>, realizada em 2019, quando olhamos para o cenário da conectividade no território brasileiro, chegamos a um número que nos permite afirmar que 90% dos lares já possuem acesso à internet. Ainda, de acordo o mesmo levantamento, em 2009, ou seja, dez anos antes, cerca de apenas 41% dos domicílios brasileiros estavam nessa condição. O que nos permite, ao fazer um comparativo, afirmar que houve um aumento de 3,3% ao ano no que se refere a conectividade dos brasileiros. Quando atentamos para os dados ao longo do tempo, o aumento é ainda mais evidente. Esse dado mostra-se de grande relevância para a realização deste trabalho, pois nos permite pensar que mais pessoas estão tendo acesso aos textos noticiosos por meio das plataformas digitais de comunicação e informação.

Não podemos também deixar de destacar a mudança na velocidade em que os acontecimentos são noticiados e chegam ao conhecimento do público. Se antes era necessário esperarmos a publicação impressa do próximo número de jornal para termos conhecimento dos acontecimentos, atualmente

---

<sup>27</sup> Consiste em um levantamento sobre acesso a tecnologias da informação e comunicação, realizado pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil.



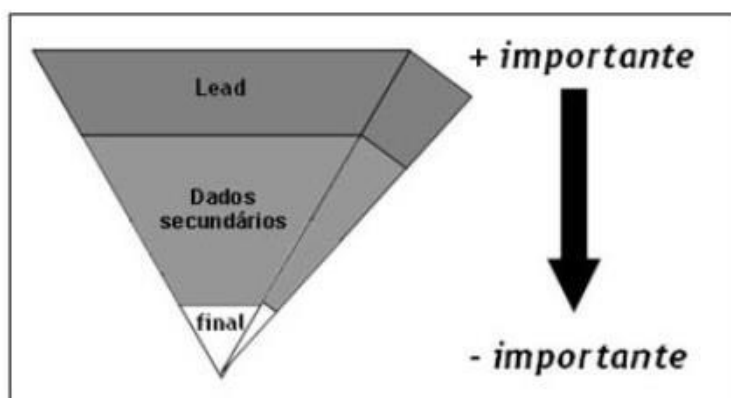
acompanhamos uma “corrida pela postagem”, em que repórteres do mundo todo se apressam para realizar a publicação da notícia dentro do menor tempo possível, sem, com isso, esquecer dos detalhes que são de interesse do leitor.

Para Cavalcanti (2006), aqueles que escrevem, ou seja, os jornalistas, sabem quais são as pautas que podem se transformar em uma notícia. Mais do que isso, sabem como transformá-las em um texto de cunho informativo, considerando o que parece ser interessante e/ou relevante para determinado grupo social. Delimitando, dessa forma, inclusive, os elementos que precisam ser enfatizados ou eliminados do texto.

Com isso, não podemos discorrer sobre as webnotícias, sem perder de vista a sua essência, ou seja, aquilo que de fato define uma notícia. Para Mello (2013), existem duas categorias sobre as quais o discurso jornalístico se articula: o universo da informação e o universo da opinião. As notícias, de modo geral, pertencem ao primeiro grupo. Por ser um gênero do universo informativo, somos levados a pensar que estamos diante de um material que procura não emitir opiniões e/ ou posicionamentos diante dos fatos que são retratados. No entanto, acreditamos que os meios de comunicação não atuam de forma neutra e imparcial, mas auxiliam na reprodução de certas ideologias, atuando na manutenção de forças dominantes.

O caráter informativo ocupa um papel central em todo e qualquer texto que possui a intenção de noticiar algo. Como pontua Rodrigues (2001, p. 174), “a notícia tem como finalidade discursiva a apresentação dos acontecimentos sociais em si, a partir da qual o autor expõe o conteúdo na realidade e o interlocutor executa a ação perante o lido”. Em busca desse propósito, costuma-se observar em escritos do gênero uma estrutura conhecida por “pirâmide invertida”, em que “alimenta-se o início da matéria com os fatos mais relevantes, e o conteúdo dos parágrafos que se seguem vai decrescendo em importância”. (Canavilhas, 2016, p. 35) Na ilustração seguinte, podemos observar de que modo se dá essa organização:

**Figura 1** - Pirâmide invertida.



Fonte: Canavilhas (2016).

A partir dessa disposição, observa-se, geralmente, uma preocupação em responder alguns questionamentos, tais como: Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como? Com isso, as informações que compõem a notícia são organizadas em uma estrutura similar ao esquema abaixo:

**Quadro 1** - Esquema estrutural de uma notícia.

Título	Representa o “anúncio da notícia”, devendo chamar a atenção dos interlocutores.
Subtítulo/ título auxiliar	Complementa o título principal, apresentando informações que o tornem mais atrativo.
Lide	Corresponde ao primeiro parágrafo da notícia e costuma apresentar as informações principais ou mais relevantes.
Corpo da notícia	Expõe as informações em detalhes.

As contribuições acima estão presentes no Manual de Redação e Estilo “O Globo”, tendo sido organizado e editado pelo jornalista Luiz Garcia. Não ousamos e, nem assim pretendemos, apresentar a estrutura como algo rígido, que deva ser seguida por todos os veículos midiáticos. Embora se observe uma certa relatividade no tocante à organização estrutural do gênero, devemos sempre considerar que é o projeto de dizer daquele que enuncia, seja esse um indivíduo ou uma entidade, bem como as condições de produção e circulação do texto que irão determinar as suas especificidades, mais ou menos estáveis, de acordo com as variáveis que atuam no processo de elaboração do dizer.

Embora a pirâmide invertida seja amplamente utilizada pelo jornalismo de modo geral, quando adentramos o campo do webjornalismo essa estrutura vem sofrendo algumas modificações, em função das especificidades geradas pelo espaço virtual e pelas exigências do público leitor. A partir disso, em uma adaptação ao modelo exposto anteriormente, Canavilhas (2016) propõe pensarmos em uma pirâmide deitada, conforme ilustra a Figura 2.

**Figura 2 - Pirâmide deitada.**



Fonte: Canavilhas (2016).

Considerando o contexto de obtenção de informação em rede, um modelo como o apresentado acima parece fazer mais sentido. Muitas vezes, as pessoas que buscam se informar através do webjornalismo não estão dispostas a realizar uma leitura mais extensa, com um número maior de detalhes. Dessa forma, costuma-se apresentar aquelas informações tidas como essenciais e necessárias para o entendimento acerca do fato noticiado e, caso exista interesse do interlocutor, são disponibilizados meios para que se possa complementar aquilo previamente exposto. Outra questão que Canavilhas nos chama a atenção e merece ser considerada reside na ideia de que nas edições online o espaço é tendencialmente infinito, podendo fazer-se cortes por razões estilísticas, mas

não por questões espaciais.

Isso não quer dizer que uma notícia publicada no meio virtual não estabeleça relações com aquelas que são enunciadas de forma impressa. A intenção enunciativa continua por ser a mesma – noticiar algo, seja um evento, um acontecimento, um fato ou uma curiosidade. Em vista disso, algumas semelhanças, sejam elas estruturais e/ ou de estilo podem ser percebidas pelo interlocutor. No entanto, também pode-se observar o novo, proporcionado pelo espaço em que as notícias passam a ser inseridas – a web.

Nesse sentido, algumas particularidades podem ser encontradas, diferenciando-se das notícias impressas. Bardoel e Deuze (2000), apontam algumas especificidades, tais como: 1) Interação: o leitor pode participar do processo da notícia, dependendo do portal ou site, por meio da inserção de informações, comentários e fóruns; 2) Personalização: alguns portais permitem a busca por meio de filtros que direcionam o interesse do interlocutor; 3) Hipertextualidade: é comum observarmos a presença de links que levam a outros meios de comunicação, ampliando a rede de informações disponíveis ao leitor; 4) Multimodalidade: diferentes recursos se articulam e 5) Memória: permite o acesso de notícias publicadas em diferentes momentos temporais.

Obviamente, assim como vimos com as notícias impressas, os apontamentos acima não atuam de forma imperativa. Podemos encontrar portais que não operam com a combinação de elementos multimodais, por exemplo. Cabe a cada entidade delimitar quais são os recursos que melhor atendem ao seu público e ao seu projeto de dizer.

## 4 METODOLOGIA

Organizamos a exposição do nosso caminho metodológico da seguinte forma: inicialmente, abordamos os passos percorridos até chegar à organização e seleção dos dados a serem analisados; após isso, apresentamos os princípios teórico-metodológicos que direcionam nosso olhar para o objeto de pesquisa.

### 4.1 PASSOS PARA CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para chegarmos até as notícias, seguimos os seguintes passos:

#### 4.1.1 Acesso aberto ao portal G1

Esta foi uma etapa de grande importância, pois foi neste momento em que se realizou a primeira inserção do pesquisador no portal em que as webnotícias foram buscadas. Durante esta etapa, foi analisado o modo como o portal escolhido para este trabalho se configura e se apresenta ao interlocutor. É válido destacar que a escolha pelo G1 se deu ao considerar o expressivo número de acesso em suas publicações. De acordo com o ranking divulgado pelo Instituto Verificar da Comunicação (IVC), o portal de notícias do Grupo Globo aparece em primeiro lugar no que se refere o número de visualizações. Segundo os dados divulgados pelo IVC, foi obtida a marca de 148.801.691 acessos em janeiro de 2024.

Acreditamos que entender a organização do portal o primeiro passo para a realização da análise que pretendemos. Através dessa observação foi possível visualizarmos como seriam feitas as buscas e quais seriam os mecanismos oferecidos para direcionar os nossos resultados. Destacamos que o acesso aberto, nada mais é do que visita ao endereço eletrônico sem a necessidade da realização de cadastro, login, ou qualquer tipo de pagamento.

#### 4.1.2 Pesquisa por meio da inserção de termos no espaço reservado à busca de informações

Após a familiarização com a plataforma, iniciamos um processo de busca por meio de termos que nos direcionaram até as notícias do nosso interesse. O portal indicado para este trabalho, assim como destacado por Barboel e Deuze (2000) ao abordar as características do webjornalismo, apresenta um espaço em que o visitante pode inserir palavras ou expressões, de acordo com aquilo que procura, conforme ilustramos na figura a seguir:

**Figura 3 - Buscador G1.**



Fonte: G1- O portal de notícias de Globo. Disponível em: <https://www.g1.com.br/>. Acesso em: 06.jun. 2019.

Com isso, nos foi permitida a realização de uma filtragem a partir de um período determinado, facilitando a obtenção de textos no intervalo em que definimos (2018-2020). Ao fazer a utilização desses recursos, inserimos os termos informados no quadro abaixo:

**Quadro 2 - Termos de busca.**

Travesti
Transexual

É importante salientar que esses termos nos levaram a diversas notícias a eles relacionados, sendo realizada uma filtragem frente aos objetivos propostos. Também verificamos a possibilidade de busca com os termos “homofobia” e “transfobia”, no entanto, os resultados mostraram-se mais amplos, geralmente voltados para o campo jurídico ou da saúde. As notícias geradas versaram, em grande parte, acerca da discussão sobre a aplicação e os impactos da lei da homofobia, a negativa de acesso aos banheiros públicos e à utilização do nome social.

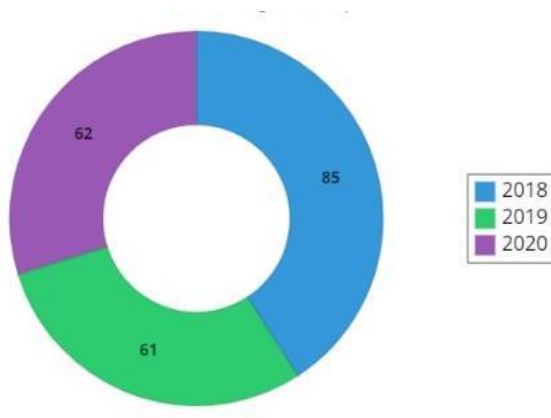
#### 4.1.3 Construção e alimentação do banco de dados

A partir dos resultados obtidos por meio das buscas, foi elaborado um banco de dados com as webnotícias encontradas (anexo 1), sendo categorizadas de acordo com o ano em que foram publicadas e com os links que possibilitam o acesso. As buscas ocorreram semanalmente e o banco de dados foi constantemente atualizado, até dezembro de 2020. É válido destacar que as publicações se encontram organizadas por meio de uma enumeração, com o objetivo de facilitar possíveis menções no momento da análise.

#### 4.1.4 O banco de dados: apresentação e discussão

Após realizarmos as etapas descritas acima, chegamos ao total de 219, distribuídas da seguinte forma:

**Figura 4** - Distribuição das notícias entre 2018-2020.



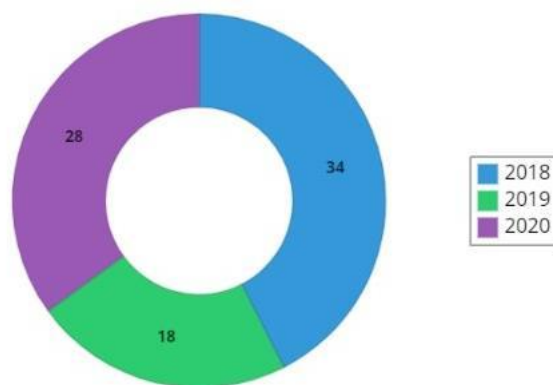
Infelizmente, a redução no número de notícias não representa, de nenhuma forma, um diminutivo no número de mortes. Um outro dado interessante refere-se à possibilidade de um mesmo caso de assassinato ter sido noticiado em mais de um portal filiado ao G1. Dessa forma, por exemplo, o total de 85 notícias encontradas em 2018, não está diretamente relacionado ao número final de assassinatos.

Ao olharmos para essas webnotícias, encontramos alguns pontos interessantes e que podem fundamentar a nossa análise. Dentre eles, o que

mais nos chamou a atenção foi o número de publicações que apontam, já em seus títulos, para um processo de brutalização da morte, assim como pode ser conferido em chamadas como “Travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada e várias facadas pelo corpo em estrada vicinal de Rio Brilhante, MS”, “Transexual é morta a pauladas por jogador de futebol em São Borja, diz polícia” e “Corpo achado queimado e com pés e mãos amarrados em Boa Vista era de travesti”.

Para uma melhor organização, categorizamos essas publicações como “mortes brutais”. O número de webnotícias que se enquadram nessa categorização pode ser conferido no gráfico abaixo:

**Figura 5** - Notícias de mortes brutais entre 2018-2020.



Ao fazermos um comparativo entre o número total de notícias publicadas em cada ano que compõe a nossa análise com o total de notícias que apresentam elementos que nos permitem categorizá-las como “mortes brutais”, temos o indicativo de que no ano de 2018, por exemplo, 40% das notificações atribuem um caráter de brutalidade à morte. No ano de 2019, esse percentual passa a ser de 29,5% e, em 2020, chega a 41,5%.

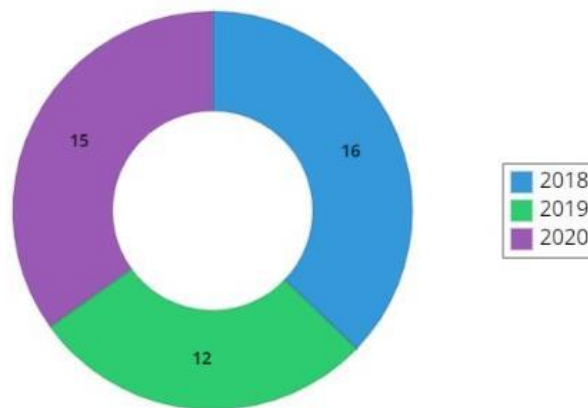
É válido destacar que esses percentuais podem nos auxiliar e nos fornece um panorama prévio da realidade. No entanto, não podemos afirmar que representa o número absoluto e fiel de mortes violentas, uma vez que, dependendo do modo em que a notícia é publicada, a violência que torna o assassinato ainda mais brutal, pode ser ocultada.

Além disso, nos chamou bastante atenção ser informada a ocupação da vítima na webnotícia que notifica a sua morte. Na maioria dos exemplares



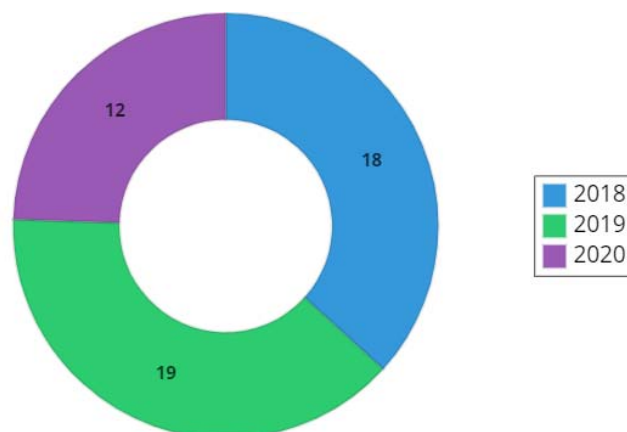
analisados, essa informação só é disponibilizada quando a pessoa assassinada atuava como profissional do sexo. Seria essa uma tentativa de justificção da morte? Assim como organizamos os dados anteriores, optamos por manter a informação dos dados em gráfico, conforme segue:

**Figura 6** - Notícias que apresentam a ocupação da vítima.



Um comportamento comum e com grande ocorrência nos três anos em que buscamos as webnotícias refere-se ao apontamento do nome de registro das vítimas, que não têm as suas identidades respeitadas e reconhecidas nem mesmo após a morte. Na figura seguinte, ilustramos essas ocorrências.

**Figura 7** - Notícias que apresentam o nome de registro.



Durante a análise, mostraremos quais as implicações de sentido e de que modo essa inserção contribui para o valor atribuído à vida e à morte de travestis

e transexuais, considerando os objetivos deste trabalho.

#### **4.1.5 Seleção dos textos a serem analisados**

De acordo com os nossos objetivos, as notícias analisadas foram aquelas em que encontramos, com maior destaque, os pontos destacados nas figuras acima. As outras notícias, serviram para a geração de dados quantitativos. A organização desses dados serviu como um panorama geral das informações encontradas. Com base em nossos objetivos e no espaço que temos, para a realização deste trabalho, foram selecionadas 06 webnotícias para análise, sendo distribuídas da seguinte forma:

**Tabela 4 4** - Distribuição das webnotícias analisadas.

<b>Ano</b>	<b>Número de webnotícias</b>
2018	02
2019	02
2020	02

Após seleção, o caminho metodológico que percorremos para chegar aos resultados serão descritos na seção seguinte.

## **4.2 REALIZAÇÃO DA ANÁLISE**

Com a realização de todas as etapas descritas, foi realizada a análise do nosso *corpus*. Com isso, a partir deste momento se faz necessário uma explanação dos procedimentos que foram adotados, bem como das contribuições metodológicas que embasaram o nosso trabalho. Desse modo, iniciamos a exposição das contribuições analíticas e metodológicas do Círculo de Bakhtin e de seus estudiosos.

### **4.2.1 O olhar para as webnotícias pelo viés da Análise Dialógica do Discurso**

Como já foi salientado, para os representantes do Círculo de Bakhtin, é o

enunciado que deve ser visto como unidade de análise. Com isso, considerar os sujeitos em uma situação social, histórica e ideológica é uma das implicações para a realização de um trabalho significativo no quadro da Análise Dialógica do Discurso. Podemos entender que

[...] em meio às teorias sobre as formas de produção de sentido, sobre textos e discursos, constata-se que o pensamento bakhtiniano, em suas múltiplas faces, aflora de maneira eloquente, múltipla, generosa, sugerindo caminhos para a leitura e interpretação do homem contemporâneo, de suas atividades, das linguagens que identificam seu estar e atuar no mundo. (Brait, 2006, p, 48).

Ainda, de acordo com a linguista, uma das características dessa teoria reside no fato de não aplicar conceitos com a finalidade de compreensão de um discurso, mas deixar que esses releven suas próprias formas de produzir sentido, por meio de um ponto de vista dialógico. Corroborando com essa ideia, Faraco (2009) conclui que os estudos bakhtinianos oferecem um modelo filosófico que nos permite pensar sobre as questões da comunicação humana, sendo papel de cada pesquisador, a partir das coordenadas filosóficas do Círculo, elaborar o seu método científico de estudo. Ou seja, diante daquilo que os pesquisadores apontam, podemos entender que não há um modelo de análise pronto e acabado, nem mesmo um “protocolo” a ser seguido.

No entanto, ao considerar que nossos atos comunicativos se situam em situações reais de interação, Volóchinov (2017) elenca algumas considerações metodológicas que nos auxiliam a melhor pensar em uma análise enunciativo-discursiva. Segundo o autor,

[...] a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (Volóchinov, 2017, p. 220).

O exposto acima nos aponta para um estudo sociológico da língua, iniciando pela situação social da enunciação, até chegar na interpretação

linguística e discursiva, pensando nos sentidos instaurados. Salientamos, dessa forma, a importância de considerarmos o contexto extraverbal de enunciação e, com isso, o olhar do pesquisador para além do estritamente linguístico.

Com efeito, foi também de nosso interesse considerar as condições de dizer sobre as quais estão inseridas as webnotícias analisadas. Para isso, consideramos o contexto social e histórico em que foram escritas, por quem foram enunciadas e qual o projeto enunciativo que gerou a enunciação. Além disso, refletimos sobre os discursos mobilizados, suscitados e esperados.

Assim como destaca Volóchinov (2013), o contexto extraverbal se compõe por meio de três aspectos: o horizonte espacial compartilhado pelos interlocutores, o conhecimento e a compreensão comum e enunciação e, por fim, a valoração que os interlocutores compartilham diante da situação enunciativa. É nesse contexto, considerando os elementos para além do verbal, que foi possível, por meio da situação enunciativa, realizar a análise das palavras enunciativamente (Sobral e Giacomelli, 2016) e a sua disposição na publicação, demarcando uma posição frente ao objeto. Com efeito, defendemos, assim como destacado por Volóchinov (2013, p. 175) que “a entonação é a expressão sonora da valoração social”. Portanto, interessou-nos observar de que modo as palavras e as webnotícias como um todo foram valoradas. Assim como também o valor atribuído à vida e à morte das travestis e transexuais.

A partir disso é que, por exemplo, foram mobilizados elementos que nos permitiram estabelecer uma relação com aquilo que nos chamou a atenção, conforme os apontamentos dos gráficos. Nesse sentido, coube uma atenção especial ao uso da palavra, às escolhas lexicais e estilísticas assumidas pelo portal. Visto que,

[...] neste caso nos encontramos com maior nitidez com as relações de classe que, organizando também o gosto estético, compõem a escolha das palavras de dada expressão. Por consequência, a palavra torna-se arena da luta de classes, a arena da dissidência de opiniões e de interesse de classe orientados de modo distinto. (Volóchinov, 2019, p. 197).

Ou seja, a partir da inserção enunciativa é que conseguimos analisar e pensar quais foram as posições assumidas por meio da escolha de uma palavra ou outra. E mais do que isso: a quais interesses sociais e ideológicos as escolhas

assumidas na/pela enunciação atendem.

Com efeito, é possível considerarmos que somente a cena enunciativa e as relações estabelecidas entre sujeitos e discursos é que irão conferir sentido às palavras. Por esse motivo, ao realizar a análise de uma palavra, seguindo os preceitos bakhtinianos, consideramos qual o seu significado, o seu tema e o seu conteúdo, provenientes unicamente do ato de interação verbal. De modo que,

a língua, a palavra, são quase tudo na vida humana. Contudo, não se deve pensar que essa realidade sumamente multifacetada que tudo abrange possa ser uma ciência – a linguística – e ser interpretada apenas por métodos linguísticos. O objeto da linguística é apenas o material, apenas o meio de comunicação discursiva, mas não a própria comunicação discursiva, não o enunciado, nem as relações entre eles (dialógicas), nem as formas de comunicação, nem os gêneros do discurso. (Bakhtin, 2019, p. 93).

Em uma abordagem dialógica da linguagem devemos chegar aos atos reais de enunciação, de uso da palavra. Como destacado por Volóchinov (2017, p. 106), “é bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais”. Ou seja, assim como expressa o pesquisador, por meio delas é que podemos perceber se há uma mudança valorativa diante da posição acerca das identidades dissidentes.

Disso surge a necessidade de olhar para a enunciação concreta, considerando todos os integrantes do ato enunciativo, já que, assim como pontua (Volóchinov, 2013, p. 77), “a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido”.

Com base no explanado, compreendemos que as relações entre os enunciados extrapolam os limites da linguística, que centra a sua atenção nas relações estabelecidas entre as unidades da língua, em seu nível sistêmico. É importante mencionarmos que as contribuições apresentadas, ao destacarem alguns apontamentos basilares do caminho metodológico, não esgotam as possibilidades de trabalho, reservando a cada pesquisador pensar em critérios de análise que melhor atendam ao seu objeto de estudo e aos objetivos almejados.

Desse modo, diante daquilo que propomos para este trabalho, acreditamos ser interessante a adotarmos o direcionamento dado por Sobral

(2009) em diálogo com Brait. O caminho em questão perpassa os estágios de descrição, análise e interpretação do objeto. Comentamos, a seguir, sobre cada uma dessas etapas.

Ao ser realizada a descrição, o olhar do pesquisador deve estar voltado para a materialidade dos textos que trazem as notícias, isto é, nesse momento, deverá ser observado como essas notícias apresentam-se, que recursos visuais utilizam, ou seja, se trazem chamadas e/ou imagens, como esses elementos são mostrados, qual a fonte usada, o tamanho, as cores etc. Essa descrição mostra-se fundamental, ao revelar qual é o olhar do observador frente à configuração em que seu objeto é exposto. Em outras palavras, podemos dizer que é o momento em que foi pensada sobre a forma composicional da notícia, considerando as características que são inerentes ao gênero e aquelas que pertencem ao estilo do enunciador e do portal.

A análise, por sua vez, como apontam Sobral e Giacomelli (2016), deve ser pautada nas relações entre o plano da língua e o da enunciação. Com isso, observamos o modo pelo qual as unidades da língua foram mobilizadas e atualizadas no processo de produção discursiva. Nos interessou, portanto, pensar de que forma uma palavra como, por exemplo “transfobia” adquire sentido e significa no interior da notícia, com base na sua relação com as outras palavras, com o acento valorativo que lhe é dado e com a situação de produção do dizer.

Cabe acentuar, nessa instância, que o trabalho com o discurso tem uma base na língua. O estilo verbal de disposição dos enunciados, por exemplo, remete a uma configuração específica que considera a língua, a partir da disposição da sintaxe da notícia, das escolhas lexicais empreendidas e da disposição desses elementos. Nessa etapa, ao considerar toda a situação de produção, circulação e recepção dos enunciados, foi possível atentar para a passagem do nível do linguístico, ou seja, da significação, para o nível do sentido, inserido na cena enunciativa.

Por fim, ao levarmos em conta as observações resultantes das etapas anteriores, realizamos a interpretação. Nesse instante, foram pensados os sentidos que emergiram a partir da inserção das notícias em uma determinada situação de interlocução. Em suma, os discursos suscitados. Cabe ressaltar que todas as etapas seguiram as contribuições teóricas e metodológicas elencadas

neste escrito.

Após a realização de todos os passos descritos, respondemos ao problema de pesquisa apontado neste trabalho, verificando se nossas hipóteses se confirmaram e, de modo mais amplo, em diálogo com as demais áreas do conhecimento, apresentando contribuições no tocante à temática levantada.

## **5 UM OLHAR PARA AS WEBNOTÍCIAS: DISCURSOS POSSÍVEIS E SUSCITADOS**

Nesta seção, iniciaremos a exposição das análises das webnotícias selecionadas. Destacamos que as análises se organizaram conforme o caminho descrito no tópico metodológico. Para uma melhor visualização, as webnotícias serão categorizadas numericamente, no intervalo (1-6). Além disso, em cada uma delas será destacado o ano correspondente.

Antes de iniciarmos suas exposições, acreditamos que seja oportuno salientar que qualquer webnotícia sempre terá como objetivo noticiar, contar algo que aconteceu, assumindo um lugar de onde se fala, para quem se fala e como se fala. Em todas as situações analisadas, o interlocutor típico é aquele que acompanha o portal - e é para ele que a editora escreve. Outro fator de relevância refere-se ao contexto social em que as publicações foram escritas.

Entre 2018 e 2020, o Brasil passou por um período de intensas mudanças políticas e sociais, marcadas por eventos significativos que moldaram a direção do país.

No ano de 2018, Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente do país, após disputar o segundo turno das eleições presidenciais com Fernando Haddad, candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Bolsonaro, ex-militar e parlamentar de longa data, construiu sua campanha em torno de discursos conservadores, que frequentemente incluíam pautas contrárias à comunidade LGBT, sinalizando para um fortalecimento das forças políticas conservadoras e fundamentalistas, que passaram a ocupar posições estratégicas no governo e a influenciar a opinião pública. Diversas declarações do presidente e de membros de seu governo foram amplamente criticadas por ativistas de direitos humanos, sendo vistas como incitações à violência e à intolerância, resultando em uma legitimação e aumento das práticas contra as minorias sexuais e de gênero.

No entanto, organizações de defesa dos direitos humanos atuaram de forma bastante ativa na denúncia contra os discursos que visavam desconsiderar a existência de certos sujeitos e de certas identidades. Com isso, apesar da instauração de um ambiente político hostil, o período também foi marcado por avanços significativos para a comunidade, como a criminalização da homofobia e da transfobia, conforme já discutimos.



Além disso, o debate sobre identidade de gênero e reconhecimento de direitos das pessoas trans e travestis ganhou maior visibilidade. Movimentos sociais, ONGs e coletivos ampliaram suas ações, tanto em termos de mobilização quanto em termos de produção de conhecimento e conscientização da sociedade. No contexto das mídias da informação, as redes sociais tornaram-se plataformas importantes para a disseminação de informação e para a organização de protestos e campanhas de apoio à comunidade. Também, por meio desses canais, houve uma maior operacionalização da denúncia frente as barbáries praticadas e/ou ditas por representantes políticos conservadores, incluindo a polêmica posição da Ministra Damare Alves ao defender que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Tal enunciação, ao nosso ver, contribui para a manutenção de estereótipos de gênero baseados no sexo biológico, que excluem e condenam todas as outras existências.

Foi também durante esse período, em meio a uma polarização política e de ideias, que o uso de banheiros por pessoas trans se tornou alvo de grandes debates, protestos e especulações. A discussão girou em torno do direito de pessoas transexuais e travestis usarem banheiros que correspondem à sua identidade de gênero, em vez do sexo atribuído ao nascer. Para a comunidade e seus aliados, essa é uma questão de dignidade, segurança e reconhecimento da identidade assumida. No entanto, o tema foi alvo de controvérsias. Argumentos contrários a esse direito muitas vezes apelavam para o medo e a desinformação, sugerindo que permitir o acesso aos banheiros conforme a identidade de gênero poderia comprometer a segurança em banheiros públicos, apesar de não haver evidências que sustentem essas alegações. Infelizmente, atualmente, em 2024, ainda encontramos enunciações que dialogam com essas posições.

Ao olharmos para esse período, não podemos deixar de mencionar a pandemia de COVID-19 e as suas consequências para a população de travestis e transexuais. Durante o período pandêmico, podemos considerar que a violência contra travestis e transexuais se intensificou, expondo ainda mais a situação de vulnerabilidade já enfrentada por essa população. O isolamento social e a precarização do trabalho, especialmente entre pessoas que dependem da informalidade, expuseram essas pessoas a riscos ainda maiores. Travestis e transexuais, muitas vezes excluídas de ambientes formais de trabalho devido ao

preconceito e discriminação, viram-se obrigadas a continuar exercendo atividades na rua, como a prostituição, mesmo durante as medidas restritivas impostas pela pandemia. Isso as deixou mais expostas tanto ao vírus quanto à violência, já que o policiamento e a proteção social foram reduzidos em várias regiões.

Já em 2022, a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva representou, para muitos, uma esperança de retomada de políticas mais inclusivas e de defesa dos direitos humanos. Além disso, tivemos a eleição de representantes abertamente LGBT para cargos legislativos, como Erika Hilton e Duda Salabert. Mesmo diante disso, o cenário político permaneceu desafiador, com uma bancada conservadora ainda bastante forte no Congresso Nacional e uma sociedade profundamente dividida em relação aos direitos LGBT.

Com isso, podemos afirmar que período entre 2018 e 2022 foi marcado por uma intensa luta da comunidade por reconhecimento e direitos, em um contexto de crescente conservadorismo e resistência política. A criminalização da homofobia e da transfobia pelo STF e a eleição de representantes LGBT para o Congresso foram conquistas importantes, mas o desafio de garantir a plena cidadania ainda persiste, em um Brasil profundamente dividido e intolerante, especialmente em relação às identidades de travestis e transexuais.

Feitas tais considerações, essenciais para que possamos compreender, mesmo que de forma breve, o contexto político-social em que nossas análises foram realizadas, passamos a apresentar o nosso olhar diante das webnotícias, amparado nas contribuições teóricas e metodológicas que adotamos para este trabalho. Iniciamos pelas análises do ano de 2018.

## 5.1 O GÊNERO NÃO RECONHECIDO

**Figura 8** - Webnotícia 1 (2018).

globo.com | g1 | go | genow | g1play | o g1000

ESPÍRITO SANTO

g1

fique por dentro | Riscos para internet | Minireforma eleitoral | Carros elétricos | Jogos | Separações de fam

Anúncios Google

Enviar comentários | Anúncio? Por quê? @

## Travesti morre atropelado por dois carros na BR-101, no ES

O primeiro atropelamento foi causado por um veículo comum que passava pela rodovia e, depois, por uma viatura da Polícia Militar que vinha logo atrás.

Por Serli Santos, TV Gazeta  
29/12/2018 10h39 · Atualizado há 5 anos

f t w h i s



Travesti morre atropelado por dois carros na BR-101, no ES

O jovem Adriano Rangel, de 20 anos, morreu por volta de 4h da manhã deste sábado (29), quando passava pela BR-101, em Linhares, Norte do Espírito Santo. Adriano era travesti.

A Polícia Rodoviária Federal não gravou entrevista, mas informou que o travesti foi atropelado duas vezes. A primeira por um veículo comum que passava pela BR e, depois, por uma viatura da Polícia Militar que vinha logo atrás.

• [Veja mais notícias do Norte e do Noroeste do ES](#)

O corpo de Adriano foi levado para o Serviço Médico Legal de Linhares. A família preferiu não se manifestar.

[Veja o plantão de últimas notícias do G1 Espírito Santo](#)

Fonte: Portal G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/es/espitosanto/noticia/2018/12/29/travesti-morre-atropelado-por-dois-carros-na-br-101-no-es.ghtml> Acesso em: 14. Jun. 2024.

A primeira notícia analisada refere-se à morte de uma travesti em Linhares, no Espírito Santo (ES). Publicada em 29/12/2018, é fruto de uma parceria entre o portal de notícias G1 e a TV Gazeta. No topo do layout, destaca-

se a localização do ocorrido. A seguir, aparece a manchete: “Travesti morre atropelado por dois carros na BR-101, no ES”, destacada em fonte maior e em negrito, uma característica típica de webnotícias que buscam captar a atenção do leitor, mergulhado nas diversas possibilidades do ciberespaço.

Logo abaixo, temos o subtítulo, que, conforme vimos, objetiva complementar, fazer alguns acréscimos informacionais em relação à chamada: “O primeiro atropelamento foi causado por um veículo comum que passava pela rodovia e, depois, por uma viatura da Polícia Militar que vinha logo atrás”. Ou seja, por meio dessa inserção, nos são informados alguns detalhes sobre os veículos que ocasionaram o atropelamento da travesti, sendo, inclusive, um dos veículos pertencentes à Polícia Militar.

Dando continuidade à descrição da disposição da webnotícia no portal, encontramos a assinatura da repórter que noticiou o ocorrido. Trata-se de “Serli Santos”, da TV Gazeta. Ainda, no mesmo campo de visão, temos os ícones que representam as principais redes sociais, permitindo que os leitores compartilhem a informação com os seus amigos e seguidores, traço característico do webjornalismo.

No centro da página, podemos acessar um link que nos direciona para um conteúdo audiovisual. Somado a isso, temos a divulgação da imagem da travesti que, por meio de uma selfie, aparece vestindo uma blusa nas cores branca e preta no modelo conhecido como “tomara que caia”, usando brincos e um colar. Pela posição da imagem, podemos, supostamente, imaginar que a vítima estava deitada durante o registro. A fotografia nos situa sobre qual travesti a notícia se refere.

Logo abaixo, é disponibilizado o texto principal, em que podemos ler: “O jovem Adriano Rangel, de 20 anos, morreu por volta de 4h da manhã deste sábado (29), quando passava pela BR-101, em Linhares, Norte do Espírito Santo. Adriano era travesti. A Polícia Rodoviária Federal não gravou entrevista, mas informou que o travesti foi atropelado duas vezes. A primeira por um veículo comum que passava pela BR e, depois, por uma viatura da Polícia Militar que vinha logo atrás. O corpo de Adriano foi levado para o Serviço Médico Legal de Linhares. A família preferiu não se manifestar”.

Iniciamos a nossa análise pela manchete da webnotícia, em que a expressão “travesti morre atropelado” demarca o não reconhecimento em relação à identidade de

gênero da vítima. Ao ser enunciada a palavra “atropelado”, percebemos um conflito com a posição de gênero assumida pela travesti e confirmada, inclusive, por sua selfie. Tal posição dialoga com discursos e valorações mais conservadoras, que persistem em não reconhecer a existência de certas identidades e de certos sujeitos. O olhar para esta palavra, portanto, mostra-se de extrema importância, visto que, assim como foi postulado por Volóchinov (2019, p. 131), “antes de mais nada, as avaliações determinam a escolha da palavra pelo autor e a percepção dessa escolha pelo ouvinte”.

Ou seja, através da escolha assumida, torna-se possível perceber o valor atribuído por Serli Santos e confirmado pelo G1 diante do que é ser uma travesti, uma vez que toda matéria passa por uma revisão editorial. Ao fazer a concordância com o gênero masculino, também fazem a travesti concordar e pertencer a um gênero que não aquele expresso por sua performance. Com isso, podemos mobilizar as contribuições de Butler (2018) ao fazer referência a pretensa relação de estabilidade pretendida ao envolver as noções de gênero-sexo-desejo. Ao que parece, há uma dificuldade por parte dos responsáveis pela publicação em entender que o gênero, assim como o desejo não decorre do sexo, restrito ao aspecto biológico.

Uma outra hipótese a ser considerada refere-se à busca por uma concordância com os interlocutores. Dito de outro modo, imagina-se a maneira em que os leitores valoram essa identidade, categorizando-a no feminino ou masculino e, a partir disso, insere-se uma forma ou outra na publicação. Desse modo, fica evidente o papel do outro no processo de constituição dos sentidos e do fazer enunciativo.

Ao fazer isso, negam a existência da identidade de gênero da travesti, não reconhecendo o seu lugar enquanto mulher. Com efeito, podem estar sendo estabelecidos diálogos com posições dominantes em que, assim como aponta Volóchinov (2013), procuram atribuir ao signo um caráter supraclassista, apagando da palavra a luta das relações de classe e objetivando fazê-la expressão de um único ponto de vista.

Não precisamos de um grande esforço para entender qual a posição assumida – aquelas ligadas ao entendimento da expressão “mulher de verdade”. Ora, para que alguém seja reconhecido e tenha a sua identidade inteligível, nos termos butlerianos, necessita seguir o acordo social previamente estabelecido, apresentando uma relação de concordância sexo-gênero. É interessante observarmos que, mesmo que a imagem da travesti seja exposta e de que seja possível percebermos nitidamente a sua performance de gênero, a marca do masculino persiste, durante toda a

escrita. Ao que parece, atua como um carimbo com a seguinte demarcação: “não é mulher”.

Quando consideramos estarmos diante de uma webnotícia, isso se torna ainda mais problemático. Atuando ativamente no processo de constituição dos sujeitos, posições como essa são mantidas, sem sequer ser questionadas, problematizadas. Ainda é comum que pessoas da sociedade civil se refiram à travestis e transexuais tratando-as no masculino. A mídia, que poderia estar colaborando para uma outra postura, diante de suas escolhas lexicais e discursivas, estigmatiza essas identidades.

Reforçando tal posição, temos ainda “o jovem Adriano Rangel”. Ou seja, mais uma vez, procura-se inserir a identidade de gênero no domínio do masculino. Somado a isso, podemos perceber a presença do nome de registro da vítima “Adriano Rangel”, desconsiderando o seu possível nome social e, mais uma vez, a sua existência. Ao que parece, a travesti não morre somente atropelada, mas também pelo não reconhecimento da sua identidade. Ao dar prosseguimento à leitura, encontramos sequências como “Adriano era travesti” e ‘o travesti”. Há uma repetição da informação, como se fosse necessário enquadrar, através das marcas de gênero possibilitadas pelas escolhas lexicais, o corpo e a existência da vítima no campo do masculino.

No entendimento de Bento (2017), o que faz com que uma travesti ou transexual se sinta pertencente a um gênero ou outro é a noção de sentimento, de identificação. No entanto, o que enunciações como essa procuram é apontar corpos que reproduzam as identidades de gênero hegemônicas, definidas unicamente pela genitália. São essas reiteraões daquilo que se entende como feminino/ masculino que geram uma série de consequências, por vezes letais, para aqueles e aquelas que ousam transgredir a norma, apresentando novas performances.

O exemplar não foi escolhido por acaso. Em uma leitura dos 219 textos, percebemos uma grande ocorrência dos nomes de registro das vítimas ou menções ao gênero masculino em 2018. Situações semelhantes também podem ser observadas em outras webnotícias do ano, tais como: 8, 15, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 34, 35, 39, 46, 47, 48, 56, 58, 59, 63, 79 e 80.

Outra enunciação que nos chama a atenção é “a Polícia Rodoviária Federal não gravou entrevista, mas informou que o travesti foi atropelado duas

vezes”. Podemos nos questionar por quais motivos uma pessoa é levada a ser atropelada por duas vezes consecutivas, como se uma não fosse o suficiente. Com isso, estabelecemos, novamente, uma reflexão a partir dos pensamentos de Butler (2019, p. 69), para quem “quando uma população parece constituir ameaça direta à minha vida, seus integrantes não aparecem como vida”.

Considerando ser o corpo de uma travesti, ocupando uma via pública, durante a madrugada, podemos imaginar possíveis valores atribuídos a essa existência, a essa vida. Não há como deixar de lado a escolha do portal pelo termo “travesti”, que costuma aparecer associado ao perigo, à prostituição e ao crime. Com isso, seria essa uma vida de valor tão insignificante que poderia ser atropelada e, conseqüentemente, eliminada?

O fato, confirmado pelo noticiário, de um duplo atropelamento, nos leva a pensar na invisibilidade da existência de certas identidades que, colocadas à margem, deixam de ser vistas e, por consequência, diante dos olhos daqueles que negam a possibilidade de outras formas de existir, passam a ocupar um não-lugar: do não-visto e do não-digno. Com base nisso, corroboramos com a ideia de Silva (2019), ao afirmar que movida pelo ódio e repúdio às performances de gênero não hegemônicas, a transfobia costuma operar como um mecanismo de correção, visando punir aqueles corpos e subjetividades que existem fora de um padrão binário legítimo – homens e mulheres cisgêneros.

Ainda ao discutir a questão que envolve o atropelamento, nos chega, através da enunciação do portal, a informação de que o segundo veículo a atropelar a vítima pertencia à Polícia Militar. Aquele corpo que não foi visto por duas vezes, deixa também de ser considerado por uma instituição de controle – que deveria trabalhar pela garantia de sua segurança. Embora o caso tenha envolvido uma força institucional do estado do Espírito Santo, nenhuma explicação é trazida na webnotícia, como se não fosse necessário justificar o ocorrido, como se a vida da travesti não fosse digna de uma justificativa. Ou ainda, como se o fato de ser uma identidade não hegemônica, em um horário avançado e em uma via pública justificassem os atropelamentos e a invisibilidade conferida.

Diante do exposto, percebemos, assim como apontam os estudos bakhtinianos, que as palavras, ao serem inseridas em determinados contextos enunciativos, demarcam uma posição. A partir da leitura que realizamos, a carga

valorativa passa a ser de toda a enunciação, perpassando pelo valor atribuído à travesti, ao atropelamento e ao órgão de segurança pública. Conforme procuramos evidenciar, uma webnotícia não opera somente na notificação de um fato, mas, ao buscar a sua orientação no outro, também atua na construção e perpetuação de certas visões de mundo e de certos valores.

Na sequência, apresentamos mais uma publicação de 2018, ano em que foram cometidos 168 assassinatos contra pessoas travestis e transexuais.

## 5.2 PODEMOS FALAR EM TRANSFOBIA?

**Figura 9 - Webnotícia 2 (2018).**



Fonte: Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/corpo-encontrado-proximo-a-praia-de-jacarape-na-pb-e-identificado-diz-policia.ghtml> Acesso em: 14. Jun. 2024.

A segunda webnotícia a compor nossa análise, apresenta-se, pelo menos inicialmente, de forma muito semelhante ao modelo exposto anteriormente. No topo da página, mais uma vez, aparece a localidade do ocorrido. Desta vez, o estado da Paraíba. A notificação do crime aconteceu no dia 19/02/2018. Ao



contrário da publicação anterior, nesta não há uma assinatura pessoal, mas institucional, expressa em “por G1”.

Seguindo a organização estrutural do gênero discursivo em questão, podemos identificar a chamada da webnotícia: “Corpo encontrado na praia de Jacarapé, na PB, é identificado, diz polícia”. Novamente, a fonte aparece em destaque em relação ao restante do texto. Diferentemente da chamada anterior, agora não há o uso de palavras como “travesti” ou “transexual” no título. Ao fazer a leitura da manchete, temos, portanto, somente a informação de que um corpo foi identificado.

A forma como o título é colocado nos leva a pensar que, possivelmente, a informação sobre a identificação do corpo da vítima relaciona-se com uma outra publicação – aquela em que foi notificado o encontro de um corpo na praia de Jacarapé. Uma outra hipótese é a seguinte: considerando que a publicação está inserida em um ambiente virtual, geralmente, ao ser compartilhada, os leitores têm acesso somente à chamada. Com isso, é despertada uma curiosidade sobre a identificação do corpo encontrado e são levados a clicar na webnotícia, realizando a leitura na íntegra.

Na sequência, aparece o subtítulo “vítima era travesti, mas delegado afirma que ainda não é possível falar em crime transfóbico”. Ao cumprir com a sua função, expondo detalhes para além daqueles anteriormente apresentados pela manchete, a inserção nos convida a refletir sobre algumas questões importantes frente aos objetivos deste trabalho. Ao iniciar a leitura do trecho, a primeira informação que acessamos é “a vítima era travesti”. Com isso, deixamos de ter a noção de apenas um corpo encontrado em uma praia da Paraíba e passamos a associá-lo à identidade de uma travesti. Aqui caberiam as mesmas hipóteses levantadas na análise anterior em relação ao uso da palavra.

Ao elaborar um subtítulo de uma webnotícia, os repórteres e editores levam em consideração aquilo que costuma ser de interesse dos seus interlocutores. Ou seja, pensam sobre quais informações devem ser passadas e qual a relevância. Isso ajudará na seleção e escolha dos recursos linguísticos, bem como na ordem em que os dados irão aparecer na publicação. Com efeito, não podemos pensar que a sequência “a vítima era uma travesti” foi inserida de forma aleatória e despretensiosa. Assim como apontam os estudos do Círculo de Bakhtin, a escolha pelos recursos estilísticos, incluindo o modo como as

informações são dispostas, tem sempre uma orientação social, atendendo a objetivos específicos. No entendimento de Volóchinov (2019, p. 134), “o principal tom do estilo do enunciado é determinado, acima de tudo, por aquele sobre quem se fala e por sua relação com o falante”.

Ao estabelecer uma relação entre o subtítulo e a chamada, entendemos que pode estar ocorrendo um processo de atenuação daquilo que levou o leitor a clicar na webnotícia. Ou seja, na busca em saber sobre a identificação do corpo, informa-se ser de uma travesti. Diante disso, é de escolha do interlocutor dar continuidade à leitura ou não. Com efeito, podemos imaginar dois cenários possíveis: no primeiro, o internauta acessa o texto, busca a identificação do corpo e, ao saber que é de uma travesti, fecha a aba, não demonstrando interesse pela leitura restante. No segundo, ao saber a qual identidade pertence àquele corpo, dá-se continuidade à leitura, procurando mais informações sobre o ocorrido.

A disposição da informação permite, portanto, aos interlocutores o exercício de, pelo menos, duas respostas possíveis. O que definirá a escolha por uma posição ou outra será o modo pelo qual o valor em relação à morte da travesti é elaborado. Cabe salientar que a posição adotada não reflete somente o momento da leitura, mas carrega toda a historicidade do sujeito, a relação estabelecida com outros discursos e com o mundo. Nas palavras de Bakhtin (2019, p. 58), o enunciado “[...] responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro e não só a relação com os objetos do seu enunciado”.

Em outras palavras, ao falarmos ou escrevermos, estamos sempre dialogando com algo que já foi dito antes, seja de forma explícita ou implícita, e essa resposta se dá não apenas em relação aos objetos sobre os quais falamos, mas principalmente em relação aos outros enunciados e aos outros falantes. Com efeito, a postura adotada frente a leitura é, essencialmente, uma resposta valorativa diante do objeto e diante do mundo.

Logo após a sequência analisada acima, há a inserção de um conectivo de oposição (mas), que une “a vítima era uma travesti” a “delegado afirma que ainda não é possível falar em crime transfóbico”. Ora, ao ser estabelecida uma ideia de contraste, parece, pelo menos diante dos vocábulos assumidos, que há uma relação direta entre uma informação e outra. No entanto, isso é rapidamente

negado. E a negação não ocorre somente pelas unidades da língua, mas é confirmada por uma voz de autoridade – o delegado policial.

Ainda considerando que todo enunciado, assim como apontam os postulados bakhtinianos, procura responder enunciações passadas e antecipar respostas futuras, podemos imaginar que havia, em 2018, em Jacarapé, enunciações que atribuíam uma motivação de ódio ao crime. A voz institucional, que poderia, ao menos considerar a hipótese de um crime transfóbico, afirma que “ainda não é possível falar”. Desse modo, consideramos uma dupla negação – primeiro temos aquela ligada ao ocorrido, que ainda não pode ser encarado como um crime de transfobia e, por consequência, uma negativa diante de posicionamentos da sociedade, que poderiam estar olhando para o acontecimento como mais um ato transfóbico.

Nessa situação, embora a palavra “transfobia” tenha sido utilizada, podemos reparar que ela atua de forma oposta àquela pretendida por organizações sociais e defendida pelo movimento LGBT. Há uma evocação, mas não para denunciar um cenário corriqueiro de violência de gênero. Com efeito, a palavra assume, portanto, um valor de “não-transfobia”.

Ao realizarmos a leitura da lide, parágrafo inicial que costuma apresentar as informações principais ou mais relevantes, nos é informado o seguinte: “O corpo encontrado na manhã desta segunda-feira (19), nas proximidades da praia de Jacarapé, em João Pessoa, foi identificado como sendo de José Leonardo do Nascimento, de 24 anos, segundo informações do delegado de Homicídios Canrobert Rodrigues. De acordo com o policial, a vítima era travesti e trabalhava fazendo programas sexuais”.

Ao iniciar o segmento, assim como na webnotícia 1, é escrito o nome de registro da vítima: “foi identificado como sendo de José Leonardo do Nascimento”, negando sua possível identificação social. Com isso, a existência da travesti passa ser apagada por duas vezes – pelo seu assassinado e pelo não reconhecimento daquilo que lhe é mais pessoal – o seu nome. Mais uma vez, parece haver uma grande dificuldade em reconhecer as identidades dissidentes, procurando formas para deslegitimá-las. Ao contrário daquilo que é apontado por Scott (1990) ao afirmar que o gênero é uma construção social, o que as análises nos apontam é que continua por ser associado ao sexo biológico, desconsiderando as questões sociais e identitárias. Ainda, remetendo-nos a Bento (2017), podemos defender que é a performance e não imposição que

confere o gênero.

Fator que também nos chama a atenção é o fato de ter sido exposta a idade da travesti. De acordo com associações que monitoram os crimes letais praticados contra essa população, a expectativa de vida de travestis e transexuais, segundo relatórios da ANTRA, é de apenas 35 anos, significativamente mais baixa em comparação com a média da população geral, refletindo as profundas desigualdades e discriminações que essas pessoas enfrentam.

Embora, geralmente, a pouca idade de uma vítima de um crime brutal costume ser destacada em uma matéria jornalística, não é o que observamos na webnotícia em análise. De acordo com o Estatuto da Juventude, são considerados jovens aqueles entre 15 e 29 anos. No entanto, essa não parece ser uma informação relevante para o portal de notícias. Diante disso, podemos fazer o seguinte questionamento: não sendo a vítima uma travesti, outras escolhas lexicais poderiam ser mobilizadas na enunciação?

Dando prosseguimento à análise do espaço denominado como lide, encontramos que “de acordo com o policial, a vítima era travesti e trabalhava fazendo programas sexuais”. Ocorre uma confirmação da informação anteriormente apresentada “a vítima era travesti”. A reiteração aponta para um possível entendimento, por parte do portal, sobre a relevância dessa identidade. Ou, em outras palavras, sobre a necessidade de realizar uma associação entre o corpo encontrado e a identidade dissidente.

Na sequência, por meio do uso de um conectivo de adição, somado à informação de que o corpo é de uma travesti, nos é dito que ela “trabalhava fazendo programas sexuais”. A adjetivação “sexuais” reforça o valor atribuído ao substantivo “programas”, inserindo a ocupação da vítima em um lugar que costuma ser questionado, refutado e marginalizado. Conforme pontuado por Green (2016), desde o início do século XIX, a identidade das travestis costuma aparecer ligada à prostituição.

Considerando o modo pelo qual a sociedade costuma valorar a profissão de profissional do sexo, podemos imaginar que a informação não atende a outros objetivos que não aquele de procurar justificar e naturalizar a morte, na lógica “morreu, mas era travesti e prostituta”. Em 2018 foi comum a ocupação das vítimas ser informada. Assim como demonstrado em nossa análise, casos semelhantes podem ser observados nas webnotícias 7, 17, 23, 28, 33, 38, 48, 53, 54, 56, 59, 68, 80 e 84.

No corpo da notícia, espaço em que costumam ser apresentadas as informações de forma mais detalhada, podemos conferir que “de acordo com o

Instituto de Polícia Científica (IPC), o laudo deve sair em até 30 dias e só então será possível confirmar a causa da morte. A perícia inicial, conforme informou a Polícia Civil, constatou que o corpo apresentava ferimentos por arma de fogo. O delegado disse que ainda não é possível afirmar que o crime tenha motivações transfóbicas, uma vez que a investigação ainda está na fase inicial. O caso segue sob investigação, mas, até o momento, prisões não foram feitas”.

Conforme observado, é possível notarmos a presença de vozes oficiais, que visam legitimar as informações apresentadas. No caso analisado, temos o Instituto de Polícia Científica (IPC) e a Polícia Civil da Paraíba. Essas informações também reforçam a impossibilidade de concluir o caso, inclusive, tratando, mesmo que previamente, como um crime de transfobia, já que “o laudo deve sair em até 30 dias e só então será possível confirmar a causa da morte”. No entanto, sabemos que a motivação do crime não será apontada pelo laudo, mas por uma investigação policial.

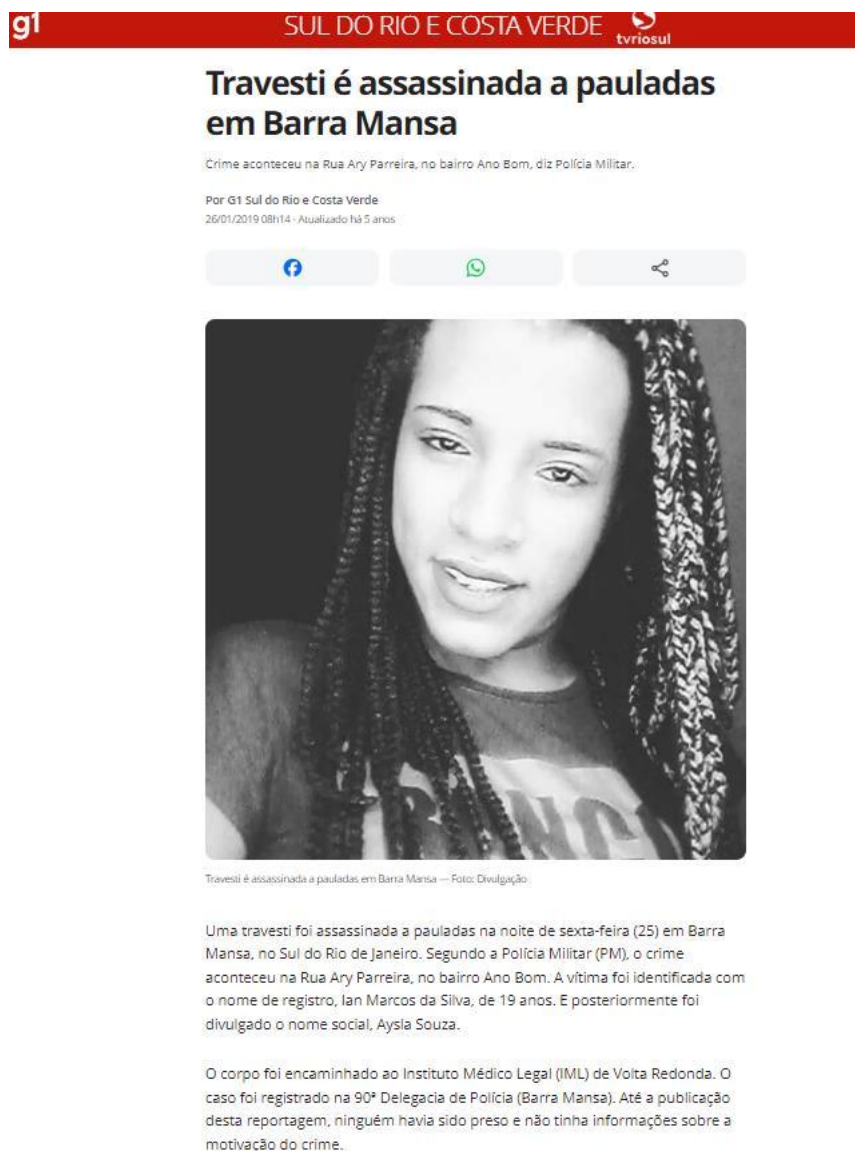
Reforçando tal ideia, temos “O delegado disse que ainda não é possível afirmar que o crime tenha motivações transfóbicas, uma vez que a investigação ainda está na fase inicial.” Reconhecemos a importância das investigações, todavia, conforme defendem as associações de luta pelos direitos de gênero e com as quais concordamos, poderíamos ter uma outra postura do portal, mesmo que inserindo a transfobia no campo das possibilidades e não no campo da refutação.

Sendo uma travesti, uma jovem, uma nordestina e uma garota de programa, necessitamos, assim como aponta Santana (2018) reconhecer as precariedades, para que assim possamos trabalhar no intuito de uma revisão das normas sociais, que atuam na delimitação da vida de certos sujeitos. Essa revisão passa também por uma nova posição dos meios de comunicação, essenciais no que se refere à reflexão sobre os valores sociais e as posições de mundo.

Nos próximos dois tópicos expomos mais duas webnotícias, ambas referentes ao ano de 2019.

### 5.3 SOBRE A BRUTALIZAÇÃO DA MORTE

**Figura 10 - Webnotícia 3 (2019).**



Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/01/26/travesti-e-assassinada-a-pauladas-em-barra-mansa.ghtml>. Acesso em: 16. Jun. 2024.

Ao iniciar a nossa descrição, apontamos, mais uma vez, a padronização adotada pelo Portal G1 no que se refere ao design de suas webnotícias. Isso nos remete à ideia dos gêneros discursivos enquanto unidades “relativamente estáveis”. Seguindo os modelos anteriores, observamos a localização espacial, desta vez no “Sul do Rio e Costa Verde”. Os ícones das redes sociais seguem abaixo. De acordo com os dados apresentados, sabemos que o acontecimento ocorreu no dia 26/01/2019. Assim como na análise anterior, a publicação é

assinada “por G1”. Não há, portanto, a assinatura de uma pessoa física, mas de uma organização midiática.

O título, em destaque, nos chama bastante a atenção: “travesti é assassinada a pauladas em barra mansa”. já na chamada percebemos que estamos diante de um caso brutal. A travesti não é morta, mas assassinada. A escolha lexical nos leva a refletir sobre a importância de considerarmos a palavra, assim como pontuado por Stella (2015, p. 178) como “um elemento concreto da leitura ideológica”. isto é, toda palavra, ao constituir um ato enunciativo, carrega posições e valores, oriundos do contexto enunciativo. para isso, devemos considerar toda a situação de elaboração, circulação e recepção do dizer. É por meio desse pensamento que (Volóchinov, 2017) concebe as palavras como signos ideológicos *par excellence*.

Ao refletirmos, a critério de exemplificação, sobre a palavra “assassinada” em seu nível estritamente linguístico, podemos acessar o seu significado dicionarizado “pessoa vítima de um assassinato”. É somente no contato com a realidade concreta e com as situações reais de comunicação que poderemos atribuir sentido a esse vocábulo, por meio das relações estabelecidas entre ele e todos os outros elementos da cena enunciativa. Dessa forma, entendemos o seu caráter neutro, preenchido por tonalidades expressivas e discursivas durante a enunciação, podendo, com isso, apontar para sentidos até mesmo opostos àqueles da forma dicionarizada, sistêmica.

Logo abaixo, no subtítulo a informação de que o “crime aconteceu na Rua Ary Parreira, no bairro Ano Bom, diz Polícia Militar”. Não podemos deixar de mencionar o olhar atribuído ao ocorrido como um “crime” e não como um “caso”, por exemplo, assim como aparece em algumas publicações. Acreditamos que o fato da morte da travesti ser apontada dessa forma é um elemento de grande relevância, podendo atuar, inclusive, em uma posição em que o leitor encare o acontecimento de uma outra forma, diferentemente do habitual.

Diante disso, podemos compreender a máxima de que “qualquer palavra, dita ou pensada, não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo”. (Volóchinov, 2019, p. 196). Ou seja, há um posicionamento diante daquilo que está sendo noticiado e a escolha pela palavra destacada nos permite realizar um enquadramento. Estamos diante de uma morte, de um assassinato e, portanto, de um crime.

Abaixo do subtítulo, há uma fotografia da vítima, com a legenda “travesti é assassinada a pauladas em Barra Mansa”. Reconhecemos a importância da exposição da imagem no que tange o reconhecimento da travesti. No entanto, acreditamos que a inserção fotográfica pode colaborar com a ideia de um crime isolado, desconsiderando o contexto de violência que elimina a vida de travestis e transexuais no Brasil. Pode-se imaginar que o ocorrido está restrito àquela pessoa que estampa o noticiário e não a um grupo marginalizado. Como apontado por Mott (2018) os atos transfóbicos podem ocorrer por meio de uma visão que atribui a essas existências atributos de pouco ou nenhum valor social, o que não nos permite encará-los de modo único.

Ao observar a imagem, é possível sinuarmos que a vítima desempenhava uma performance de gênero dentro daquilo que se entende e convencionou-se chamar de feminino. No entendimento dos estudiosos de gênero e com base nas questões discutidas por Butler, podemos afirmar que o gênero não é algo inato a nossa identidade, tampouco ao nosso corpo. Para além disso – é uma performance, em um processo ininterrupto de construção, elaboração e atualização. Conforme discutimos, aquelas performances que rompem com o sistema social, geram conflitos, discriminação, violência e exclusão.

Ao realizar a leitura da lide, encontramos que “uma travesti foi assassinada a pauladas na noite de sexta-feira (25) em Barra Mansa, no Sul do Rio de Janeiro. Segundo a Polícia Militar (PM), o crime aconteceu na Rua Ary Parreira, no bairro Ano Bom. A vítima foi identificada com o nome de registro, Ian Marcos da Silva, de 19 anos. E posteriormente foi divulgado o nome social, Aysla Souza”.

Devemos, neste momento, concentrar nossa atenção ao segmento em que nos é afirmado que “uma travesti foi assassinada a pauladas [...]”. De acordo com o Dicionário Online da Língua Portuguesa, o vocábulo “pauladas” denota: chutes, bordoadas, cacetadas, golpes, mocadas e ripadas.<sup>28</sup> Ou seja, não basta a crueldade de uma morte, sendo necessário brutalizar ainda mais essa existência, inserindo-a em um lugar da não-dignidade do viver. Como pontua (Pocahy, 2007, p. 12), “a violência transfóbica corresponde à reações de ódio e rejeição, expressas nos atos de vigilância e eliminação: ateia-se fogo, corta-se, perfura-se, apedreja-se, mata-se”. De modo geral, o que observamos por meio

---

<sup>28</sup> <https://www.dicio.com.br/pauladas/>.



da leitura das 219 notícias, é que o *modus operandi* desses crimes ocorre de forma muito peculiar, apontando para a intolerância e para o ódio. Em 2019, além da webnotícia em análise, também foi possível observarmos indícios de brutalidade nas seguintes publicações: 86, 91, 92, 93, 95, 98, 99, 113, 115, 118, 119, 120, 123, 128, 131, 135 e 136.

Ao nosso ver, a motivação da morte, nesses casos, torna-se indiscutível. No entanto, diante das posições adotadas por veículos midiáticos, ainda é preciso buscar ou procurar o motivo da eliminação da vida em outros fatores, que não aqueles explicitamente explícitos. Nesse sentido, a utilização da palavra “pauladas” parece apontar para uma denúncia da brutalização, porém, em nenhum momento, a forma como o crime ocorreu foi problematizada.

A partir disso, inicia-se uma busca por aquilo que parece não ter explicação. Logo em seguida, nos é apontado o período do dia em que a travesti foi morta “na noite de sexta-feira (25) em Barra Mansa, no Sul do Rio de Janeiro”. Como apontam os relatórios divulgados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a noite e o espaço público figuram como principais cenários dos assassinatos motivados pela intolerância. Parece existir um imaginário de que a noite é reservada ao descanso e ao sono e, perante isso, temos a ideia de que “quem procura, acha”.

Ainda na lide “a vítima foi identificada com o nome de registro, Ian Marcos da Silva, de 19 anos. E posteriormente foi divulgado o nome social, Aysla Souza”. Novamente, não há respeito em relação à identidade de gênero. Neste caso, a situação se torna ainda mais problemática, visto que se sabe o seu nome social, e mesmo assim, opta-se por expor o nome de registro. Defendemos que o nome social é uma expressão fundamental da identidade de gênero, sendo garantido por lei. Ignorá-lo ou recusá-lo significa negar a própria existência e dignidade da pessoa. A idade da vítima também causa espanto, tendo apenas 19 anos. Assim como na análise anterior, esse não foi um fator de interesse do G1.

Na parte dedicada ao corpo da webnotícia nos é apontado que “o corpo foi encaminhado ao Instituto Médico Legal (IML) de Volta Redonda. O caso foi registrado na 90ª Delegacia de Polícia (Barra Mansa). Até a publicação desta reportagem, ninguém havia sido preso e não tinha informações sobre a motivação do crime”.

Embora tivéssemos acesso a escolhas lexicais que apontavam para um

cenário de crime transfóbico, ao longo da publicação, diante das informações que foram sendo apresentadas, percebemos que uma nova valoração foi sendo construída. Isso se confirma ao ser finalizada a webnotícia, por meio do trecho “até a publicação desta reportagem, ninguém havia sido preso e não tinha informações sobre a motivação do crime”. Mesmo diante de todas as marcas de um crime de ódio, procura-se negar isso, apontando outras circunstâncias, como, por exemplo, a circulação da vítima no período noturno, mais especificamente, no Rio de Janeiro, lugar que carrega um estigma associado à violência.

Abaixo, apresentamos mais uma notificação de uma morte ocorrida em 2019. É válido lembrar que neste ano foram registrados 129 assassinatos de travestis e transexuais.

#### 5.4 QUAL O PERIGO DE UMA TRAVESTI?




**Figura 11 - Webnotícia 4 (2019).**


**g1** **MARANHAO** REDE AMBENTE

### Travesti é assassinada a golpes de faca no Maranhão

Melissa, de 30 anos, teve a mão decepada e foi morta pelo ex-companheiro no sábado (4) em Bacabal.

Por G1 MA — São Luís  
06/05/2019 11h38 - Atualizado há 5 anos

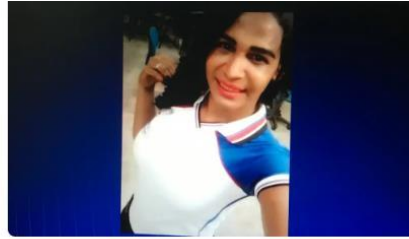


Travesti é morta a golpes de faca em Bacabal

Jalison Feitosa, uma travesti de 30 anos conhecida como "Melissa", foi assassinada com golpes de faca no sábado (4) em Bacabal, a 240 km de São Luís.

De acordo com a polícia, a Justiça já havia expedido o mandado de busca contra o ex-companheiro de Melissa, identificado como José Ferreira de Sousa, 33, mas ele se apresentou na Delegacia de Pío XII, a 270 km da capital, e confessou ter assassinado a travesti.

Em depoimento, José Ferreira contou detalhes sobre o crime e afirmou que no final de semana eles se reencontraram em uma festa. Logo depois, saíram para usar drogas em uma área de matagal próximo ao ginásio de esportes de Bacabal.



Jalcion Felissa, uma travesti de 30 anos conhecida como "Melissa", foi assassinada com golpes de faca na noite de sábado (4), em Bacabal. — Foto: Reprodução TV Mirante

Segundo a polícia, José contou que os dois tiveram uma discussão porque Melissa não aceitava o fim do relacionamento. Ele acrescentou que a faca estava com Melissa que pretendia matá-lo. Ele tomou a faca da vítima e a atingiu com vários golpes de faca.

O corpo da travesti Melissa foi encontrado na manhã de domingo (5) sem roupas e com a mão direita decepada em cima do rosto.

José Ferreira confessou o crime e foi transferido para a Delegacia Regional de Santa Inês, a 250 km de São Luís. Ele deve ser transferido para Bacabal ainda nesta segunda-feira (6), para que seja dada continuidade às investigações desse caso.

Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/05/06/travesti-e-assassinada-a-golpes-de-faca-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 14jun. 2024.

Conforme podemos observar acima, a webnotícia 4 apresenta a mesma configuração inicial de todas que já foram analisadas. Desta vez, o G1 nos situa no estado do Maranhão, apontando para uma parceria entre o portal da Globo e a rede Frente Mirante. Na sequência, a exposição da chamada “Travesti é assassinada a golpes de faca no Maranhão”.

O título, visando chamar a atenção dos interlocutores não destaca uma localidade pontual, informando apenas o estado do ocorrido. Para que o leitor tenha um conhecimento mais específico acerca da localidade do crime é necessário que acesse a publicação. Isso pode fazer parte de um projeto enunciativo que visa obter o clique daquele que está por trás da tela.

Podemos estabelecer uma relação de semelhança, mas também de diferença quando comparadas as manchetes das webnotícias 3 e 4. Ambas apontam para um assassinato, direcionando o nosso olhar para a ocorrência de um crime. No entanto, a segunda nos traz outros elementos informacionais – o fato do assassinato ter sido realizado por meio de “golpes de faca”. Essa forma de violação contra a vida de travestis e transexuais é uma questão profundamente preocupante, que destaca não apenas a violência física, mas também as complexas dimensões sociais e culturais envolvidas. De acordo com Benevides (2020), 28% dos assassinatos cometidos em 2019 ocorreram por meio da utilização de facas.

Ainda, de acordo com a autora, existe, por parte dos criminosos, um ódio

e desejo por destruir o corpo das vítimas. Além das facadas, podemos também considerar todo o processo de violência e violação que antecede o golpe fatal. Por isso, é essencial que a forma em que o crime se realiza seja discutida, noticiada. As facadas que denunciam o ódio, geralmente ocorrem na face, no peito e na região genital. São justamente esses lugares do corpo que apontam para uma relação de discordância entre a performance de gênero assumida pelas vítimas e o sexo biológico.

Na sequência, temos o subtítulo, com informações que complementam a manchete: “Melissa, de 30 anos, teve a mão decepada e foi morta pelo ex-companheiro no sábado (4) em Bacabal”. Iniciando pela exposição do nome social, o que parece ser positivo, logo em seguida, nos é dito que a travesti, agora Melissa, teve sua mão decepada, sendo morta pelo ex-companheiro. O trecho destacado nos leva a um lugar semelhante àquilo que foi apresentado na análise anterior – estamos diante de uma brutalidade.

Embora a webnotícia, até o momento, gire em torno da morte da travesti, é inserido um link audiovisual em que podemos visualizar a imagem do acusado de matar Melissa. O homem aparece vestindo uma camiseta preta, calça jeans e chinelo. Ao fundo, podemos observar um painel repleto de logomarcas da Polícia Civil do Maranhão. Ao que parece, o criminoso posa para o registro. Na legenda “travesti é morta a golpes de faca em Bacabal”. Há, nessa inserção, uma reiteração do *modus operandi* do crime.

Mais adiante, na lide, encontramos que “Jailson Feitosa, uma travesti de 30 anos conhecida como “Melissa”, foi assassinada com golpes de faca no sábado (4) em Bacabal, a 240 km de São Luís”. Com isso, a travesti anteriormente apresentada como Melissa, passa agora a ser denominada como “Jailson Feitosa”. Além disso, o seu nome social é introduzido por meio da expressão “conhecida como”. Ou seja, Melissa não era o seu nome, mas sim como era conhecida. Novamente, a informação sobre os golpes de faca, que insiste em ser dita. A partir dessa leitura temos acesso, com mais exatidão à localidade do crime “em Bacabal, a 240 km de São Luís”. Com isso, é possível sabermos que se trata de uma região do interior, distante da capital.

O fato da repetição da informação, certamente, atende a um projeto do enunciador. Por algum motivo, o portal considera importante que o modo em que ocorreu o crime seja uma informação a não ser esquecida pelo leitor, a ponto de

reiterá-la sempre que possível. É válido lembrar que toda a enunciação atende a objetivos específicos, em que “a orientação social tem um papel decisivo para a construção da estrutura estilística”. (Volóchinov, 2013, p. 190).

Com efeito, ao ser elaborada, toda enunciação prevê quais são os seus possíveis interlocutores. Considerando que estamos analisando um portal de renome nacional, provavelmente, tal estudo já tenha sido realizado por setores responsáveis do Grupo Globo. A partir disso e, ponderando os objetivos almejados, são pensadas as palavras consideradas ideias para a enunciação. Além disso, considera-se também as informações a serem apresentadas, pensando em como devem aparecer e onde podem ser inseridas.

Diferentemente das webnotícias anteriores, o corpo do texto da publicação em análise apresenta-se de forma mais extensa. Diante disso, dividiremos a seção em três partes. Na primeira, nos é informado que “de acordo com a polícia, a Justiça já havia expedido o mandado de busca contra o ex-companheiro de Melissa, identificado como José Ferreira de Sousa, 33, mas ele se apresentou na Delegacia de Pio XII, a 270 km da capital, e confessou ter assassinado a travesti. Em depoimento, José Ferreira contou detalhes sobre o crime e afirmou que no final de semana eles se reencontraram em uma festa. Logo depois, saíram para usar drogas em uma área de matagal próximo ao ginásio de esportes de Bacabal”.

Inicialmente, destacamos a voz policial que é trazida no trecho. Ao apontar que “[...] a Justiça já havia expedido o mandado de busca contra o ex-companheiro de Melissa”, reconhecemos que há uma culpabilização a alguém. Nesse caso, o acusado de matar a travesti. Isso nos é apontado pelas informações que são disponibilizadas, mas também pela inserção da fotografia do acusado.

Mais adiante temos ainda “[...] mas ele se apresentou na Delegacia de Pio XII, a 270 km da capital, e confessou ter assassinado a travesti”. Ou seja, aquilo que poderia ser uma acusação, uma suspeita, torna-se uma evidência diante do depoimento de José Ferreira. Ao que tudo indica, há um culpado, alguém responsável por ocasionar o crime.

No entanto, durante exposição de um trecho do depoimento do rapaz, é apresentada a informação de que “[...] final de semana eles se reencontraram em uma festa. Logo depois, saíram para usar drogas em uma área de matagal



próximo ao ginásio de esportes de Bacabal”. Com base nisso, parecem estar sendo buscados indícios que amenizem, tornem menos violenta a ação cometida por José.

Acreditamos que o excerto do depoimento não tenha sido escolhido por acaso. Possivelmente, além dessa, foram apresentadas outras informações durante o relato, que não fazem parte do enquadramento escolhido pelo portal. Em “logo depois saíram para usar drogas em uma área de matagal”, temos, por meio das marcas expressas pelo verbo, o conhecimento de que a vítima usou drogas junto com o seu agressor. Mais do que isso – a forma apontada nos leva a crer que a ida até a localidade foi também uma escolha da vítima, já que ambos “saíram” com destino ao local.

Esse espaço passa a também ser construído pela webnotícia “uma área de matagal”. Ora, por “matagal”, podemos entender uma parte da cidade repleta de mata fechada, possivelmente, afastada da área urbana. Essa construção não opera somente na descrição de um lugar em específico, mas também na valoração do crime. Como apontado por Santana (2018, p. 149), “as coberturas são incapazes de mostrar o processo social que leva ao comportamento considerado como de risco”. Perante isso, há uma observada tendência em procurar culpabilizar a vítima.

Desse modo, utilizando como exemplo a webnotícia em análise, podemos inferir que foi uma escolha de Melissa ir até um lugar afastado, coberto por mato. A partir disso, diante do que é informado e, ao que parece, a vítima passa a também ser responsável por sua morte. Conforme dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, em 2019, 64% dos assassinatos ocorreram na rua. Isso, ao nosso ver, demonstra a fragilidade de exposição dessas vidas.

Na segunda parte, “segundo a polícia, José contou que os dois tiveram uma discussão porque Melissa não aceitava o fim do relacionamento. Ele acrescentou que a faca estava com Melissa que pretendia matá-lo. Ele tomou a faca da vítima e a atingiu com vários golpes de faca”. Parece haver uma insistência em, ao menos, dividir a responsabilidade pela morte. Dessa vez, de acordo com o depoimento apresentado, sabemos que houve uma discussão, pelo motivo de Melissa não aceitar o fim do relacionamento. Podemos reparar que é apresentada uma motivação para a discussão, exposta por meio de uma conjunção explicativa (porque). Ou seja, a briga, diante dos apontamentos, foi iniciada pela travesti.

Na sequência “ele acrescentou que a faca estava com Melissa que pretendia matá-lo”. Logo, era a travesti quem representava o perigo, possuindo um objeto considerado como uma arma. Além da posse, havia também uma intenção – matar José. É sempre válido lembrar que o depoimento, embora alocado na webnotícia, representa apenas uma posição, apenas uma visão de mundo. É o olhar de José frente ao ocorrido.

Como aponta Carvalho (2012), apresentar um acontecimento, por meio de uma notícia, dando-lhe um enquadramento, consiste na seleção de aspectos que deem à narrativa uma determinada inteligibilidade. Ou seja, dentre as posições possíveis, elege-se uma, que conduzirá o leitor a construir uma determinada visão. A identidade de travestis, por muito tempo, esteve associada ao crime e ao perigo. Portanto, parece esse ser um enquadramento mais próximo daquilo que o leitor espera.

A publicação é finalizada do seguinte modo: “O corpo da travesti Melissa foi encontrado na manhã de domingo (5) sem roupas e com a mão direita decepada em cima do rosto. José Ferreira confessou o crime e foi transferido para a Delegacia Regional de Santa Inês, a 250 km de São Luís. Ele deve ser transferido para Bacabal ainda nesta segunda-feira (6), para que seja dado continuidade as investigações desse caso”.

Fica evidente, diante da leitura, o caráter de brutalização e coisificação da vítima – que foi esfaqueada, decepada e, possivelmente, sexualmente violentada. Era Melissa quem não aceitava, de acordo com o portal, o fim do relacionamento. No entanto, é José quem a viola, exterminando a sua vida. Situações como essa refletem uma combinação de violência extrema e de desumanização profunda.

As próximas duas webnotícias a serem analisadas apontam para violações cometidas no ano de 2020. A primeira delas no estado de Roraima e a segunda no Rio Grande do Norte.

## 5.5 ELIMINAR É A SOLUÇÃO?


Figura 12 - Webnotícia 5 (2020).


**g1** RORAIMA **amazônica**

## IML identifica travesti encontrada morta em saco de estopa em Boa Vista

Leticia, de 17 anos, foi reconhecida por familiares. IML afirma que adolescente foi morta por asfixia.

Por G1 RR  
21/01/2020 09:07 - Atualizado há 8 anos



Leticia foi encontrada morta no domingo (19), em terreno do bairro Santa Luzia. — Foto: Reprodução/Facebook/ATERR

O corpo da **travesti encontrada dentro de um saco de estopa no domingo (19)** era da estudante Leticia, de 17 anos. Segundo o Instituto Médico Legal (IML), o nome da vítima no registro civil é Davi Mateus Leonardo Pereira de Oliveira. Ela foi identificada por familiares e por meio do exame de papiloscopia.

Conforme o laudo médico, Leticia foi morta por asfixia em decorrência de estrangulamento com fita de borracha. Ela também tinha facada na barriga, segundo a Polícia Militar.

Nessa segunda (20), Associação de Travestis e Transsexuais do Estado de Roraima (ATERR) emitiu nota de pesar e declarou que a morte da adolescente sinaliza crime de ódio. O grupo pediu que o caso seja investigado.

---

**Leticia foi encontrada em um terreno do bairro Santa Luzia, zona Oeste de Boa Vista, em meio a galhadas. De acordo com a PM, a faca usada no crime também foi achada no local.**

Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/01/21/iml-identifica-travesti-encontrada-morta-em-saco-de-estopa-em-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 14. Jun. 2020.

O fato noticiado acima, conforme apresentação disponibilizada pelo G1, ocorreu no estado de Roraima, sendo notificado no dia 21/01/2020, em parceria como a Rede Amazônica. O título “IML identifica travesti encontrada morta em saco de estopa em Boa Vista”, não assinala, pelo menos de forma explícita, a ocorrência de um assassinato, visto que, conforme a escolha assumida na



enunciação, a vítima foi “encontrada morta”. Essa expressão pode apontar para uma ideia de um crime sem solução aparente, uma vez que o encontro do corpo da vítima, segundo leitura da chamada, não indica vestígios do crime.

A manche é o primeiro contato do leitor com a publicação e, diante dessa escolha lexical, muitas poderiam ser as inferências a partir da sua leitura. Devemos considerar que o modo em que as notícias ou chamadas chegam aos interlocutores de uma webnotícia difere daquele que pode ser observado por meio da leitura de um jornal físico, por exemplo. Muitas vezes, o acesso se dá por meio das redes sociais, em que alguém compartilha a informação e cabe ao leitor dar continuidade ou não ao acesso, através de um clique. Caso não seja realizado, a informação que irá atingir o internauta será somente aquela expressa pela chamada – “travesti encontrada morta em saco de estopa”.

Logo abaixo, ao ser inserido o subtítulo “Letícia, de 17 anos, foi reconhecida por familiares. IML afirma que adolescente foi morta por asfixia”. Diante disso, concluímos que, pelo menos na parte inicial da webnotícia, o seu nome social foi respeitado, tendo Letícia a sua identidade “reconhecida pela família”.

Ainda atentos à leitura das enunciações no subtítulo, percebemos que há uma reiteração da informação “foi morta”, com um acréscimo “por asfixia”. Não é possível apontarmos o que motivou Letícia ser asfixiada. Da forma que a informação é colocada não é possível ser estabelecida nenhuma relação com um possível crime de ódio em virtude da sua identidade de gênero. Na busca por mais detalhes, cabe ao leitor dar continuidade ao texto.

Outro detalhe que nos chama a atenção é a indicação da pouca idade, com apenas 17 anos. Com isso, a morte da travesti se insere no contexto de violência em que aponta que a expectativa da vida desses sujeitos é de apenas 35 anos. Em nenhum momento a idade da vítima pareceu como algo que deveria ser evidenciado, problematizado e discutido. Como apontado por Benevides (2021, p. 38), as maiores chances de uma pessoa transexual ou travesti ser assassinada está na faixa dos 15-29 anos. Ainda, de acordo com a autora “o assassinato precoce é o início da tentativa de destruição sistemática de uma população. É a consolidação de um projeto transfeminicida em pleno funcionamento no país – e no mundo.”

Na lide, a informação de que “o corpo da travesti encontrado dentro de um

saco de estopa no domingo (19) era da estudante Letícia, de 17 anos. Segundo o Instituto Médico Legal (IML), o nome da vítima no registro civil é Davi Mateus Leonardo Pereira de Oliveira. Ela foi identificada por familiares e por meio do exame de papiloscopia”. É o momento em que, portanto, o corpo passa a ser, de fato, identificado, pertencer a alguém.

Ao apontar “o nome da vítima no registro civil”, acreditamos que seja estabelecido um valor de oposição entre o nome assumido pela travesti e aquele pelo qual foi nomeada ao nascer. Desse modo, ao que parece, o “nome no registro civil” aponta para uma posição de oficialidade, sendo considerado esse o “verdadeiro” nome da vítima. Por sua vez, ao nome social é atribuído um lugar de menor relevância, necessitando de um outro nome para que possa existir, se fazer conhecido.

Conforme temos observado, a inserção do nome de registro tem sido uma prática comum em publicações no G1 que versam sobre a morte de travestis e transexuais. Como pontua Benevides (2021), em estudo realizado no ano de 2020, “14% dos casos notificados não respeitaram a identidade de gênero das vítimas e 47% dos casos expuseram seu nome de registro - muitos deles sem sequer mencionar o nome social”. Não há como deixar de considerar esse comportamento como uma prática de violência contra aquelas identidades que já foram violentadas.

Acima da lide há a inserção de uma fotografia da vítima, situada no centro da página. Na imagem, Letícia aparece usando brincos no modelo argola, uma blusa estampada e um short. Além disso, podemos observar as suas unhas pintadas na cor vermelha. Toda essa descrição reforma o enquadramento da vítima naquilo socialmente definido como pertencente ao gênero feminino, o que nada tem a ver com o nome apontado - Davi Leonardo Pereira de Oliveira. Há, portanto, um estranhamento entre a sequência verbal e a imagem trazida.

No corpo do texto, a primeira informação que acessamos refere-se ao fato de que, “conforme o laudo médico, Letícia foi morta por asfixia em decorrência de estrangulamento com fita de borracha. Ela também tinha facada na barriga, segundo a Polícia Militar. Com isso, passamos a ter conhecimento sobre a motivação da asfixia “em decorrência de estrangulamento com fita de borracha”. Somado a isso, temos ainda a informação de uma facada na barriga, sendo apresentada pela primeira vez. O estrangulamento e a facada permitem com que

seja atribuído um valor de crueldade e brutalidade ao crime.

De acordo com relatório apresentado pela ANTRA, 24% dos crimes cometidos em 2020 foram ocasionados por espancamento, apedrejamento, asfixia e/ou estrangulamento. Diante desse percentual, não há como olhar para a presente notificação como um caso isolado. Ainda, conforme aponta Benevides (2021), houve um aumento de 11% em relação ao ano anterior no que se refere a utilização dessas formas de violência.

Diante disso, acreditamos que seja oportuno estabelecermos uma interlocução com as ideias defendidas por estudiosos queer, especialmente Judith Butler. No entendimento da filósofa americana, “é só desafiando a mídia dominante que determinados tipos de vida podem ser tornar visíveis ou reconhecíveis em sua precariedade” (Butler, 2019, p. 82). Ao considerarmos as precariedades a quais estão expostas as vidas de travestis e transexuais, um outro olhar deve ser assumido pela esfera midiática, dando visibilidade às questões que colocam as existências dessa população em lugar marginalizado e de pouco (ou nenhum) prestígio social.

A sequência apresentada pela webnotícia nos faz refletir sobre a valoração atribuída a essas vidas. Com isso, não podemos deixar de mensurar o caráter constitutivo das mídias da informação, que atuam de forma bastante ativa no processo de manutenção e revisão de valores sociais, sobretudo aquelas ligadas à esfera jornalística, que detêm de uma grande confiança dos seus interlocutores.

A asfixia provocada por um estrangulamento com fita de borracha e o descarte do corpo em um saco de estopa nos mostram que essas existências são colocadas em um lugar de abjeção, daquilo não reconhecido como humano. O descarte do corpo em um saco, ao nosso ver, denuncia a forma pela qual essas vidas são tratadas. Colocamos em um saco aquilo que desejamos eliminar, assim como ocorre com aquelas identidades que ousam transgredir os limites sociais. Como bem pontua Butler (2019, p. 53), “essas populações podem ser “perdidas” ou sacrificadas, precisamente porque foram enquadradas como já tendo sido perdidas ou sacrificadas”. Ora, não precisamos de um grande esforço para averiguar que foram eliminadas desde sempre. Eliminadas da sociedade, da escola, da família e, principalmente, da condição humana.

Dando continuidade à leitura do corpo do texto, encontramos: “nessa

segunda (20), Associação de Travestis e Transexuais do Estado de Roraima (ATERR) emitiu nota de pesar e declarou que a morte da adolescente sinaliza crime de ódio. O grupo pediu que o caso seja investigado”.

No segmento acima, é interessante observamos o modo pelo qual a informação é inserida na publicação. Podemos observar que o portal não assume a responsabilidade por declarar que a morte de Melissa sinaliza um crime de ódio. Essa informação é compartilhada com os leitores, no entanto, a responsabilização não é daquele que enuncia, não é daquele que detém a confiança dos seus leitores. Foi a Associação de Travestis e Transexuais do Estado de Roraima que “emitiu” e “declarou” a informação. Desse modo, podemos dizer que a posição da ATERR é colocada na webnotícia por meio da lógica “eu não falei isso”. Com efeito, a posição que atribui um possível crime de ódio ao ocorrido é assumida pela Associação e não pelo G1.

É válido lembrar que o ano de 2020 foi o primeiro ano posterior à criminalização da homofobia, equiparada ao crime de racismo. Durante leitura realizada nas webnotícias do ano, reparamos que palavras como “crime de ódio” “transfobia” e “homofobia”, embora ainda tímidas, apareceram com mais frequência quando comparadas aos anos anteriores. No entanto, em todos os usos identificados, encontramos semelhanças com o modo em que observamos na webnotícia em análise.

Ou seja, há uma notificação da morte, muitas vezes com marcas evidentes de crueldade e, no final da publicação, é inserida uma voz externa, que não pertence ao portal de notícias, geralmente ligada à ONGs ou associações. Outro fator observado foi o fato da existência de um “modelo”, visto que o mesmo posicionamento foi percebido em mais de uma webnotícia. Ao nosso ver, a informação acrescentada pode ser comparada com uma “nota”, que não apresenta relação direta com aquilo que é noticiado. Não estamos criticando a inserção da declaração, mas o modo em que é enunciada, que, diante do nosso entendimento, pouco atua como valor de denúncia frente o ocorrido.

Ao finalizar a publicação, nos é apontado que “Letícia foi encontrada em um terreno do bairro Santa Luzia, zona Oeste de Boa Vista, em meio a galhadas. De acordo com a PM, a faca usada no crime também foi achada no local”. Ou seja, é somente ao finalizar a webnotícia que temos maiores conhecimentos sobre a localidade em que o crime ocorreu. Além disso, aparece pela primeira vez o fato de

ter sido encontrada uma faca junto à vítima, o que aponta para situações de potencialização da violência.

As escolhas “em um terreno” e “em meio a galhadas” nos posicionam, mais uma vez, em um espaço social atribuído ao perigo, visto como uma área que não deve ser frequentada. Geralmente, por terreno entendemos um espaço em meio à cidade ou em uma área rural, sem a presença de algum tipo de construção e, conseqüentemente, sem a circulação de pessoas – motivos que podem ser utilizados para valorar a morte.

No próximo tópico apresentamos nossa última análise, de um crime que também ocorreu em 2020, ano em que foram registrados 214 assassinatos.

## 5.6 ELA ERA GAROTA DE PROGRAMA

**Figura 13 - Webnotícia 6 (2020).**



Fonte: G1: Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/01/26/travesti-e-assassinada-a-tiros-na-zona-norte-de-natal.ghtml>. Acesso em: 14. Jun. 2024.

A webnotícia 6 refere-se ao assassinato da travesti Bruna, morta na capital do Rio Grande do Norte, no ano de 2020. Iniciamos apontando a autoria não

assinada por um repórter, mas pela editoria da InterTV Cabugi, uma emissora de televisão afiliada da TV Globo, sediada em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Trata-se, portanto, já de início, de uma impessoalização da produção enunciativa. Alguém escreveu, mas essa webnotícia não é importante o suficiente para que um repórter se identifique. Isso demonstra que o locutor assume um lugar – o jornal digital. É claro que todo enunciado tem um autor, responsável pelo seu projeto enunciativo.

O fato de não haver um repórter, mas a assinatura genérica de uma empresa afiliada indica ser para o G1 um fato corriqueiro, que pode ser noticiado a partir da neutralidade que uma notícia supostamente exige, algo que um locutor explícito, um indivíduo natural, com suas marcas enunciativas de subjetividade, poderia tornar pessoal. No entanto, há uma contradição entre um objeto que merece destaque, a ponto de um órgão importante da mídia lhe dar espaço, e o fato de o locutor do enunciado ser uma editoria, e não “alguém” identificável. Será possível que a notícia tenha como foco o assassinato e não o sujeito assassinado, por ser ele portador de uma vida que não importa?

A ênfase está na manchete: “Travesti é assassinada a tiros na Zona Norte de Natal”, que, além de estar em uma fonte maior do que aquela apresentada no corpo do texto, aparece destacada em negrito. Após, no subtítulo, temos uma pequena explicação sobre o acontecimento, como um resumo da notícia, um título auxiliar que visa apenas a acrescentar algumas informações. Destaca-se aqui que, se na manchete há a indicação de um assassinato, a “informação complementar” não aponta a ação como um crime, mas como um “caso”. Como vimos, em todo enunciado, a escolha da palavra é significativa da posição ideológica de onde se fala.

Considerando o que vimos em relação à produção do enunciado ser feita por uma editoria e a mobilização de forma linguística, é possível afirmar que a tentativa de não dar destaque ao ocorrido, a despeito da manchete, que se chama inicialmente a atenção, é agora atenuada.

Na sequência do enunciado, aparece uma imagem em que é exposto o local em que foi ocorrido o assassinato. A imagem está localizada no centro da página e nela é exibido um prédio azul com um caminhão estacionado em sua frente. A rua não é calçada e não aparecem pessoas.

Como legenda, além da repetição do que foi dito na manchete e no título

auxiliar, apenas a indicação da localização da fotografia. Como o enunciado é o todo, o elemento visual é importante para o projeto enunciativo determinado pelo texto. Logo, ao vermos uma imagem que não apresenta pessoas, que mostra uma rua limpa, prédios, calçada e céu azul e branco, percebemos uma expressão “limpa” e “tranquila”, que em nada representa a violência de um assassinato.

Não é uma imagem que pretenda chocar ao retratar um fato abjeto, hediondo, mas algo que parece indicar antes uma ideia de “normalidade”: Assassinaram uma travesti, assim como o sol nasceu hoje e todo dia. Eis o que o segmento verbo-visual parece sugerir.

Na lide, a apresentação das informações tidas como principais ou mais relevantes. Normalmente, também se indica o porquê, mas, como se vê no restante da notícia, a motivação não foi esclarecida. Desse modo, podemos entender que a lide, ainda que composta por palavras típicas da forma do gênero, revela um estilo que, nas respostas, repete o que anteriormente já havia sido dito na manchete, no título auxiliar e na legenda. Relativamente necessário em outras notícias, aqui ela é repetitiva e pode cansar quem lê, fazendo com que o interlocutor possa vir a responder ignorando o restante da notícia.

Esse proceder pode comprovar que o projeto enunciativo desse texto se vincula com o fato de um assassinato e não com o fato de que alguma pessoa foi assassinada, e mais, que se tratava de uma travesti. Passando a pensar no modo como os elementos do nível linguístico são atualizados na produção do enunciado, vemos, de imediato, desde a manchete, um certo respeito com o gênero social da vítima, uma vez que a escolha por “uma travesti” em vez de “um travesti”, expressão menos frequente, mas ainda muito utilizada, nos mostra um certo entendimento perante a discussão sobre as identidades de gênero, especialmente sobre aquelas que não operam em conformidade com as imposições sociais, políticas e históricas.

Desse modo, como toda palavra tem um caráter individual contextual, vemos que, ao assumir a forma feminina, o enunciador valora o termo, dando a ele um sentido expressivo que dialoga com as recentes pautas linguístico - identitárias.

Segundo Bakhtin (2016), a expressividade da palavra não pertence a ela, mas nasce no ponto de contato do vocábulo com a realidade concreta, em

situações reais de interação. Nesse caso, vemos que a palavra utilizada pelo jornal, na forma como é feito, revela que os enunciados se formam e se desenvolvem em uma interação contínua com outros enunciados já ditos e ouvidos, em um processo de assimilação da palavra do outro, que é colocada no dizer a partir de sua expressão, que é reacentuada.

Por sua vez, embora não saibamos de que modo Bruna se apresentava, ou seja, como travesti ou transexual, o uso da palavra travesti pode suscitar algumas reflexões. É comum que o reconhecimento da identidade de transexuais esteja sujeito à cirurgia de transgenitalização, mesmo que estudos e pesquisas confirmem que a identidade não deve ser condicionada a um procedimento médico. Outra possibilidade para pensarmos sobre a utilização da palavra se refere ao estigma associado às travestis, vistas como um perigo ou ameaça para a sociedade.

Como pontua Ferreira (2021, p. 81), a escolha pela forma travesti costuma ser adotada em enunciações que associam essas identidades “ao crime (cometido por elas ou que as submete à violência), à marginalidade, à periferia, à pobreza, ao mercado social e à falsa feminilidade”. Tais posições costumam dialogar com discursos conservadores, fundamentalistas, sexistas e LGBTfóbicos. Com efeito, não podemos deixar de levantar a hipótese de que o termo utilizado procura ir ao encontro do valor que os interlocutores do portal podem estar atribuindo a essas identidades.

Como é mencionado mais de uma vez o local onde ocorreu o crime (Zona Norte de Natal) e a especificação do ambiente (pátio do Centro Clínico do Conjunto Santa Catarina), tais informações nos situam em um espaço específico e contribuem para o melhor entendimento do projeto de dizer da notícia, bem como a valoração dada à morte da travesti. Vale destacar que a Zona Norte de Natal e o bairro em que está localizado o Centro Clínico pertencem a uma área periférica.

Além do uso de travesti no feminino, chama-nos a atenção o reconhecimento de Bruna como vítima, embora, no desenrolar do texto, haja algumas expressões que procuram significar o ocorrido, mas parecem deslocadas. Como exemplo, mencionamos a sequência que é iniciada em “a vítima foi baleada atrás de um caminhão que estava estacionado no centro de saúde”.



Devemos considerar que nos são apontados um estacionamento e a traseira de um veículo, inserindo a vítima em um local que, supostamente, não deveria ser ocupado por pessoas, mas por automóveis. Isso nos remete a uma relação que pode ser estabelecida com discursos que apontam certos ambientes sociais como “zonas de perigo”, lugares que devem ser evitados e não frequentados. Dessa forma, a descrição pode levar o interlocutor, a partir do modo como valora o mundo, a compreender o assassinato como algo comum em um local perigoso, dando ensejo a um discurso que se justificaria pelo dito popular de que “quem procura, acha”.

Como um enunciado é determinado “pelo elemento semântico-objetual e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico - objetual do enunciado.” (Bakhtin, 2016, p. 56), a descrição do evento revela um ponto de vista específico de quem o noticia e que induz o leitor a uma dada leitura.

Com isso, percebemos no texto o modo pelo qual o ambiente do crime, inicialmente entendido como um simples lugar no mundo, vai nos sendo apresentado e, com base nos recursos estilísticos utilizados e em sua relação com toda a situação de produção, vemos que já não se está falando de uma rua que recebe um Centro Clínico, mas de um lugar onde foi cometida a morte de uma travesti, de um lugar periférico e associado ao perigo. Com efeito, a valoração atribuída ao local, opera, também, na valoração da morte travesti.

Por sua vez, o respeito à identidade de gênero apontado no início de nossa análise logo é refutado. Embora não tenhamos informações exatas sobre o registro do nome social de Bruna, devemos concordar que o uso de seu antigo nome, atribuído através de uma imposição e normatização de gênero, serve como uma negação da sua própria identidade. Isto é, mesmo após a sua morte, Bruna continua a não existir. Tal afirmação pode ser comprovada quando nos deparamos com a expressão “conhecida como Bruna”. Ou seja, não era Bruna. Isso é complementado por “foi identificada oficialmente como Pedro Paulo da Silva Oliveira”. Assim, além de não ter seu nome social reconhecido, é inserida uma informação que oficializa seu “verdadeiro nome”. O nome Bruna, portanto, passa a ser visto como algo fora do oficial e, por consequência, não reconhecido.

Confrontam-se, portanto, dois juízos de valor. Aquele primeiro que desde o início do texto aponta a “travesti” com outros que expressam outras valorações.

Como todo enunciado é um elo numa cadeia enunciativa, tantos os já ditos quanto os que o precederão, não são indiferentes entre si, mas se conhecem e se refletem mutuamente uns nos outros, ou seja, “todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado.” (Bakhtin, 2016, p. 57).

Partindo do pressuposto que os enunciados dialogam entre si, rejeitando, confirmando, completando outros enunciados, as valorações que circulam nas palavras sobre a identidade travesti implicam em que se possa aceitar alguns dos juízos de valor enquanto se repetem outros. A contradição do que é dito fica expressa apenas quando se entende que, ao se falar de um objeto do mundo, ele já foi falado por outras vozes que o avaliaram de diferentes modos e a ele respondem também de diferentes pontos de vista, visões de mundo.

Essas entonações avaliativas conflitantes são apenas uma forma de orquestrar vozes dissonantes que circulam em uma dada sociedade e que um texto que se pretende neutro não sabe como reger. O trecho acima nos aponta para uma dificuldade de certos setores sociais, incluindo a esfera midiática, em reconhecer aquelas identidades que lhes parecem estranhas e confusas. A utilização do nome masculino procurar inserir travestis e transexuais em um lugar que não é seu, mas que lhes é imposto por normas de poder. Em última análise, podemos dizer que Bruna é morta duas vezes -uma pelo seu assassinato e outra pelo não reconhecimento de sua existência.

Não podemos deixar de mencionar que os interlocutores que acessam portais de notícias geralmente exigem o máximo de informações sobre aquilo que está sendo noticiado. Dessa forma, não querem saber somente que uma travesti foi morta, mas também quais as possíveis causas e os desdobramentos do caso. Considerando isso, ao organizar um projeto de dizer, os responsáveis pela escrita e/ou edição de uma notícia costumam levar tais fatores em conta, apresentando informações que projetam ser esperadas por seus interlocutores.

Ao observar de que modo isso ocorre no texto, constatamos que são procuradas e apontadas justificativas que objetivam autorizar e naturalizar a morte travesti. Com efeito, além das informações apresentadas pela descrição do local onde o crime ocorreu, nos são também expostas informações sobre a ocupação da vítima. Ao nosso ver, todas essas informações operam em um processo valorativo da vida e, consequentemente, da morte de Bruna. O valor

nos é apresentado por meio das escolhas assumidas no “quê” e no “como” se notícia.

No destaque de que “o local é um movimentado ponto de prostituição à noite”, nos parece que há uma pretensa associação entre a prostituição e o crime, como se uma coisa levasse necessariamente à outra. Para isso, devemos considerar todo o estigma atribuído à população de travestis e transexuais e o imaginário que as cerca como profissionais do sexo, profissão ainda marginalizada socialmente.

Isso também pode ser percebido no fragmento: “a mãe e o irmão de Bruna confirmaram que ela fazia programa, mas a motivação do crime ainda é desconhecida”. Ao procurar apontar um possível motivo para o assassinato, é inserida uma conjunção adversativa (mas), estabelecendo uma oposição entre Bruna se prostituir e o desconhecimento da causa de sua morte. Ou seja, pela lógica apresentada, a prostituição deveria ser apontada como uma das motivações do crime.

Mais uma vez, percebemos a estigmatização de uma vida que não gera luto nem revolta. Ao contrário, procura-se normatizar, colocar travestis e transexuais como profissionais expostas ao perigo e responsabilizá-las por suas mortes. É válido lembrar que, embora o caso tenha acontecido após a criminalização da homofobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF), não são levantadas quaisquer suspeitas que indiquem um possível crime de ódio.

Palavras como “homofobia”, “travestifobia” ou “LGBTfobia” sequer são mencionadas. Ao que parece, a posição ocupada pelo Brasil no que se refere ao assassinato de travestis e transexuais não é objeto de comoção, mas de normalização em termos de “quem procura, acha”. A valoração feita do local em que Bruna foi assassinada, da sua identidade e todo o contexto de produção e circulação do dizer, ao considerarmos o que pretende realizar um gênero jornalístico, nos leva a pensar em uma naturalização da morte e na precarização de certas existências – justificadas quando perdidas, mas não lamentadas.

## 5.7 ENTRE UMA WEBNOTÍCIA E OUTRA, ALGUNS APONTAMENTOS POSSÍVEIS

Ao realizar a descrição, análise e interpretação das publicações acima,

estabelecemos algumas relações entre elas, sejam através de semelhanças ou de diferenças identificadas.

Em todas as webnotícias apontadas identificamos uma certa relatividade em relação ao gênero discursivo, apresentado semelhanças no modo em como são apresentadas ao interlocutor. Nos três anos de análise, o design do portal e o modo de disponibilização das informações pouco mudou. Com isso, cabe estabelecermos uma reflexão a partir de Sobral (2009, p. 115), para quem “o gênero discursivo é estável porque conserva traços que o identificam como tal”. Com isso, ao acessarmos o endereço eletrônico fica nítido que estamos diante de uma webnotícia.

Outro elemento que merece ser destacado é a presença de ícones que representam as principais redes sociais. Considerado que as publicações estão inseridas em uma esfera virtual de uso da linguagem, recursos como esses apontam para a ideia de uma ampliação do alcance da notícia, uma vez que os textos podem ser lidos e compartilhado por todos. Essa é, portanto, uma especificidade proporcionada pelo webjornalismo.

Com isso e, considerando que estamos diante de um projeto de dizer – noticiar algo, no caso a morte de travestis e transexuais, observamos que foi possível apontarmos para essa certa estabilidade em relação à estrutura adotada pelo portal. No entanto, ao entendermos que não estamos diante de uma simples notificação, mas de uma posição que é assumida, faz-se necessário fazer alguns apontamentos relacionados às seis publicações.

Iniciando por 2018, vemos que ambas as publicações fazem menção ao nome de registro das vítimas, "Adriano Rangel" e "José Leonardo do Nascimento", respectivamente. Essa escolha revela uma tendência em desconsiderar o nome social das travestis, apagando parte importante de suas identidades. Além disso, atribui ao gênero assumido pelas vítimas um valor de não-reconhecimento. Ao consideramos que toda escolha faz parte de um projeto enunciativo e é direcionada a um interlocutor, acreditamos que seja necessário refletirmos sobre as posições assumidas pelo G1 em suas enunciações, pensando a quais projetos o portal atende e direciona o seu dizer.

Outra semelhança observada é que os dois modelos incluem informações fornecidas por autoridades, como a Polícia Militar a a Polícia Civil. Essas vozes institucionais são utilizadas para conferir legitimidade aos fatos apresentados.

Do mesmo modo, podem ser vistas como uma forma da garantia da segurança e do controle. Considerando que as vidas já foram eliminadas, cabe, agora, ao trabalho da investigação policial. Não podemos considerar a inserção dessas enunciações como algo desprezioso – tudo aquilo que é dito e inserido em uma webnotícia atende a determinados objetivos.

Nas duas publicações percebemos a presença de algumas marcas enunciativas (Sobral e Giacomelli, 2016) que parecem atenuar o crime. A primeira aponta que o crime ocorreu no período noturno, em uma BR. A segunda, por sua vez, a ocupação da vítima, que realizava “programas sexuais”. Ao fazer essas inserções, é construído um lugar que procura justificar ou atenuar a morte, por meio das valorações atribuídas aos espaços e aos comportamentos das vítimas. Por fim, enquanto na webnotícia 1 não é feita nenhuma menção a um possível crime de ódio e/ou transfobia, na webnotícia 2 a palavra chega a ser enunciada, mas assume uma valoração de negação, uma vez que, conforme o delegado de polícia, ainda não é possível falar sobre isso.

De modo geral, ao olharmos para as publicações de 2019, identificamos semelhanças e diferenças no tratamento jornalístico de casos de violência contra travestis, destacando como os elementos discursivos são moldados e interpretados dentro de contextos específicos.

Conforme já apontamos, o layout da página manteve sua forma e disposição durante toda a pesquisa. Dessa forma, as informações foram apresentadas de modo muito semelhante, seguindo não só a estrutura do gênero em questão, mas também as contribuições apontadas por Canavilhas (2016) ao apresentar as especificidades do fazer jornalístico no espaço virtual.

Em 2019, as duas webnotícias selecionadas apontam, já em suas chamadas, para a ocorrência de um crime operado por meio da brutalidade e da coisificação. Na primeira “Travesti é assassinada a pauladas”, na segunda “Travesti é assassinada a golpes de faca”. É também válido destacar a escolha pelo vocábulo “assinada”, que aponta para a operacionalização de um crime. Essas palavras, de acordo com o sentido que adquirem na enunciação, carregam uma forte carga expressiva e são indicativos de um ponto de vista avaliativo, como sugerido por Bakhtin. Ambas as análises evidenciam a desumanização das vítimas, através da forma como suas mortes são valoradas.

Isso reflete a ideologia subjacente, que vê nessas vidas valores de pouco ou nenhum prestígio social.

Assim como apontado nas análises das publicações de 2019, em 2020 o não reconhecimento das identidades de gênero das vítimas continuou a figurar nas enunciações. No caso de Aysla Souza, é usado o nome de registro junto ao nome social, e no caso de Melissa, é dado destaque ao nome de registro e ao termo "conhecida como", minimizando sua identidade de gênero.

Nas duas análises, o uso das palavras "assassinada", "pauladas" e "golpes de faca" carregam posições avaliativas claras, mostrando uma violência extrema e de forma explícita, que deixa de ser discutida e problematizada. Isso corrobora com a noção defendida por Bakhtin, ao elucidar que as palavras são signos ideológicos, carregando significados que são interpretados e valorados dentro de contextos específicos. As duas publicações demonstram como os gêneros discursivos das notícias sobre violência contra travestis são moldados por forças sociais e ideológicas, apontando como as escolhas linguísticas e estilísticas dos jornalistas podem reforçar ou desafiar as percepções sociais no que se refere à vida e à morte dessa população. Além disso, não há como deixar de considerar a forma pela qual o contexto extraverbal influencia a maneira em que os fatos são noticiados, moldando discursos e valores diante das posições assumidas na enunciação.

Por fim, ao olharmos para as webnotícias publicadas em 2020, constatamos que, assim como em todas outras análises o nome de registro das vítimas foi mencionado, como forma de menosprezar ou não reconhecer suas identidades de gênero. Bruna e Leticia, de acordo com postura adotada pelo G1, têm suas existências valoradas na informalidade, em oposição ao nome de registro, que oficializa suas identidades. Não podemos, diante disso, deixar de chamar a atenção para discursos opressores e sexistas, que negam a possibilidade de travestis e transexuais serem vistas como mulheres, assim como discutido por Bento (2017).

Ao nosso ver, a exposição dos nomes tidos como oficiais colabora para a manutenção de um imaginário e uma valoração de que só é mulher quem possui uma vagina. As identidades dissidentes, diante dessa posição, passam a não ser legitimadas e autorizadas socialmente. Disso decorre, por exemplo, a negativa

de muitas travestis e transexuais ao acessar o banheiro feminino, visto como um espaço que não as pertence.

As webnotícias de 2020 apresentam também algumas diferenças em relação às escolhas lexicais dos vocábulos assumidos em suas chamadas. Na webnotícia 5, temos a informação de que a travesti ‘foi encontrada morta’. Do ponto de vista enunciativo, podemos considerar que, por meio dessa expressividade, o título nos direciona para uma leitura operacionalidade por uma possível neutralidade – simplesmente foi encontrado. A webnotícia 6, por sua vez, destaca, já em sua manchete, o ocorrido enquanto um assassinato. Ao fazer um comparativo entre os dois títulos, acreditamos que fica nítida a posição assumida em cada uma das enunciações. Assim como apontado anteriormente, a webnotícia 6 também procura justificar o ocorrido ao mencionar a ocupação da vítima, além dos espaços sociais por ela ocupados.

De modo geral, podemos observar muito mais semelhanças do que diferenças entre as publicações analisadas, ficando evidente que há uma certa constância na forma como são estruturadas e apresentadas. As diferenças, sejam elas estruturais ou estilísticas, como, por exemplo, a inserção da imagem da vítima ou da localidade em que o crime foi cometido, atendem a objetivos muito específicos, próprios de cada ato enunciativo, visando atuar na construção da valoração que vai sendo atribuída à vítima, ao criminoso, aos espaços sociais, à ocupação das travestis e transexuais e, de certa forma, a importância que é conferida (ou não) a essas vidas.

Diante do exposto, acreditamos que seja possível concordarmos com a ideia de que as webnotícias analisadas não são meras transmissões de informações, mas sim construções discursivas que refletem e moldam percepções sociais, contribuindo para a formação de narrativas sobre identidade de gênero, violência e justiça.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que apresentamos neste momento não é uma conclusão definitiva, mas sim algumas considerações possíveis com base na pesquisa realizada. Ao iniciarmos este estudo, fomos movidos por uma inquietação: o alarmante número de mortes de pessoas LGBT, especialmente travestis e transexuais, considerando o *modus operandi* desses crimes.

Diante dessa realidade, direcionamos nosso olhar para algumas questões específicas. Uma delas foi verificar como essas mortes são tratadas pela mídia, com foco no portal G1, um dos principais veículos midiáticos do Brasil. Ao defender a tese de que as valorações assumidas por esse portal podem contribuir para a naturalização e silenciamento das reais motivações desses crimes, analisamos seis webnotícias publicadas pelo Grupo Globo, dialogando com diferentes campos do saber, especialmente a Análise Dialógica do Discurso e a Teoria Queer.

As contribuições da Análise Dialógica do Discurso, por meio de conceitos fundamentais como ideologia, enunciação, palavra e discurso, permitiram-nos refletir e analisar as enunciações inseridas no meio social, considerando todo o processo de produção, circulação e recepção discursiva. Esse olhar mostrou-se de extrema importância, pois nos possibilitou compreender as relações entre sujeitos, posições e discursos, refletindo sobre o contexto de exclusão e violência ao qual certas existências e identidades estão submetidas.

Ao discutirmos o capítulo “Travestilidades, Transexualidades, Violências e Abjeção”, buscamos entender o processo social e histórico que constitui essas identidades, sobretudo no Brasil. Isso nos permitiu compreender as relações discursivas atuais, especialmente aquelas que perpetuam a não-aceitação das diferenças sexuais e de gênero. Além disso, os dados apresentados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais e pelo Grupo Gay da Bahia revelaram altos números de mortes, muitas vezes acompanhadas de uma brutalização e coisificação das vítimas, demarcando crimes motivados por ódio e intolerância.

Nesse contexto, com base nas contribuições teóricas e metodológicas mobilizadas, defendemos ao longo deste trabalho que a valoração assumida pelo portal em questão pode estar atuando na manutenção da violência. Os



resultados encontrados nos permitiram responder a algumas das questões levantadas, confirmando nossa tese.

As análises evidenciaram que as webnotícias, de forma geral, continuam a dialogar com discursos e posições conservadoras, seja pela omissão ou pelo não-reconhecimento de aspectos cruciais, como a identidade de gênero das vítimas. Observamos que as escolhas lexicais, ao destacarem elementos como a ocupação (garotas de programa) ou o local onde estavam, funcionam como atenuantes dos crimes. Tal prática contribui para a desumanização, tratando os assassinatos de maneira isolada e descontextualizada, buscando justificativas para a violência, o ódio e a intolerância diante de vidas consideradas abjetas.

Ao considerarmos a Teoria Queer, que desafia normas e estruturas de poder que regulam e marginalizam identidades dissidentes, percebemos que a omissão ou o tratamento dado a termos como "LGBTfobia", "transfobia" e "travestifobia" atua como uma forma de apagamento da violência específica que essas comunidades enfrentam. A Teoria Queer nos instiga a questionar e desestabilizar as narrativas hegemônicas, promovendo uma visão crítica frente a todas as formas de opressão. Nesse sentido, a ausência de uma problematização mais profunda e contextualizada das motivações desses crimes reflete uma falha em reconhecer e desafiar as estruturas de poder que perpetuam a violência contra pessoas transgêneras, inclusive na esfera midiática.

Como procuramos demonstrar nas análises, as valorações e escolhas lexicais do portal analisado contribuem para a manutenção de um discurso conservador, que naturaliza e silencia a violência contra travestis e transexuais. Em vez de denunciar e combater a intolerância frente às identidades de gênero dissidentes, o portal acaba por perpetuá-la e justificá-la. Diante do exposto, acreditamos ser urgente uma revisão no modo de notificação dos meios de comunicação, especialmente do G1, adotando uma postura mais inclusiva e crítica, que contribua para a conscientização e combate efetivo da violência contra identidades transgêneras.

Em relação à metodologia adotada, consideramos que o caminho proposto por Sobral (2009) se mostrou satisfatório. Por meio da descrição, análise e interpretação das webnotícias, acreditamos que foi possível estabelecer interlocuções que atenderam nossos objetivos, sustentaram a tese

defendida e corroboraram as hipóteses levantadas. Além disso, consideramos que, ao seguir as etapas mencionadas, conseguimos mostrar aos nossos interlocutores o olhar crítico que lançamos sobre o portal escolhido, abrangendo desde a constituição enunciativa até a instauração discursiva.

Esperamos que os diálogos estabelecidos durante esta pesquisa estimulem novas inquietações e debates sobre a temática abordada, contribuindo para uma nova valoração em relação à vida de travestis e transexuais. Acreditamos que esta tese possa servir como um ponto de partida para futuras investigações, que busquem aprofundar as análises sobre a relação entre mídia, discurso e violência contra pessoas travestis e transexuais. A relevância dessa discussão se torna ainda mais evidente quando consideramos o papel central que os meios de comunicação desempenham no processo de constituição discursiva.

Além disso, enfatizamos a importância de uma abordagem interdisciplinar que articule diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, como fizemos ao integrar a Análise Dialógica do Discurso, a Teoria Queer e os diferentes campos do saber. Essa integração permite uma compreensão mais complexa e crítica das dinâmicas sociais que sustentam a violência e a discriminação contra as minorias sexuais e de gênero. Esperamos que outras pesquisas possam expandir esse diálogo, explorando novas metodologias, teorias e abordagens que contribuam para o enfrentamento efetivo da violência.

Por fim, ressaltamos a necessidade de uma atuação mais incisiva das políticas públicas e de iniciativas da sociedade civil que visem a proteção e valorização das vidas travestis e transexuais. A mídia, ao assumir uma postura mais responsável e inclusiva, pode se tornar uma aliada na luta contra a violência e a marginalização dessas comunidades. Assim, esperamos que este trabalho inspire não apenas novas pesquisas, mas também ações concretas que promovam a dignidade, o respeito e a visibilidade das identidades transgêneras, especialmente no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. **Comunicação e sociedade**, v. 9, p. 93-102, 2006.

AMORIM, Adriana Paula da Silva. Aprendendo a produzir notícias na era digital. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BARBOSA, Maria Lourdilene Vieira. O processamento da informação na webnotícia. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). 2015. 357f. Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. (1999) Network Journalism. In: <http://home.pscw.uva.nl/deuze/publ9.htm>

BENEVIDES, B; NOGUEIRA, S. **Dossiê: assassinato e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. Brasília: ANTRA, 2019.

BENEVIDES, B; NOGUEIRA, S. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão popular, 2020.

BENEVIDES, B; NOGUEIRA, S. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão popular, 2021.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. 2001.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **No “mundo dos jornalistas”: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros**. 2006. Tese de Doutorado. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística). Unicamp, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In.: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance (1934-1935)**. Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2011].

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**.

Trad. Aurora Bernardini; Jose Junior; Augusto Góes; Helena Nazário; Homero de Andrade. 5. ed. São Paulo: Huittec, 2002.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Salvador: Editora Devires, 2017.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Trad. Guilherme João Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos- chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-33.

BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá** – Publicação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 20, p. 47-62, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida se torna passível de luto?. Trad. Sergio Niemener; Arnaldo Cunha. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **Jornalismo digital de terceira geração**, p. 26-36, 2016.

CONTENT, Rock. **Social Media Trends 2019**: panorama das empresas e usuários de redes sociais. Disponível em: <https://inteligencia.rockcontent.com/social-media-trends-2019-panorama-das-empresas-e-dos-usuarios-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 07. jun. 2019.

DI FANTI, M. G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Veredas - Rev. Est. Ling**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, jan./dez. 2003, p. 95-111.

DROIT, Roger-Pol. **Tolerância**: O que é? Por que é importante? É possível nos dias de hoje? Como educar para a tolerância? Trad. Patricia Reuillard. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

EFREM FILHO, R. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **Cadernos Pagu**. v.46, p. 311-340, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, Guilherme Gomes. **Donas de rua, vidas lixadas**: interseccionalidades e marcadores sociais nas experiências de travestis com o crime e o castigo. 2018.

FERREIRA, Guilherme. **Vidas lixadas**: crime e castigo nas narrativas de

travestis e transexuais brasileiras. Simões Filho: Editora Devires, 2021.

FIRMINO FH, PORCHAT P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero.” *Doxa. Revista Brasileira de Psicologia e Educação*. 2017;19(1):51–61.

G1: o portal de notícias da Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 06. jun. 2019.

GREEN, James. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino; Cássio Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

GRILLO, Sheila. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos- chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p.133-160.

GROSSI, Miriam. Identidade de gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis: PPGAS/UFSC, n. 24, 1998.

GRUPO GAY DA BAHIA. (2018). Relatório Anual: População LGBT morta no Brasil. Salvador: Grupo Gay da Bahia.

INSTITUTO VERIFICADOR DA INFORMAÇÃO. Disponível em: <https://ivcbrasil.org.br/#/>. Acesso em: 26.maio. 2024

KRISTEVA, Julia. Powers of Horror: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1982.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEITE, A.; SANTOS, C. (2016). Cartografias Trans: mapas sobre a apropriação médica das transexualidades. **Clínica & Cultura**, v. 5, n. 1, pp. 50-64, jan-jun.

LIONÇO, T. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no processo transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. **Physis** (Rio de Janeiro.) 2009; p. 43-63.

MACHADO, I. Gêneros do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2016. p. 151-166.

MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos de Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELLO, Luiz. 10 anos da Conferência Nacional “Direitos Humanos e Políticas

Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais- breves reflexões sobre impasses, desafios e conquistas. In: Ribeiro, P. *et al.* (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. Rio Grande: EdiFURG, 2018, p. 159-178.

MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na Web. In: **Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa**. 2001.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

MOLINA, Luana. P. P. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses**. Londrina, v.4, n.8, p.949-962, 2011.

MOTT, Luiz. O imprevidível GGB: Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, J.N. *et al.* (Orgs.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 211-236.

MURAD, Angéle. **Oportunidades e desafios para o jornalismo na Internet**. In: <http://www.uff.br/mestcii/angele1.htm>. Acesso em: 22.out.2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo, 1990

PELÚCIO, L. Dossiê Saberes Subalternos. São Carlos: **Contemporânea**, v. 2, n. 2. 2012.

PEREIRA, Rodrigo; BRAIT, Beth. Revisitando o estudo/ estatuto dialógico da palavra-enunciado. **Linguagem em Dis(curso)**, Santa Catarina, v.20, n.1, p. 125-141, 2020.

RODRIGUES, R. H. 2001. A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria 20.40 (2010): 147-162.

STELLA, P. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos- chave**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 177-190.

PEREIRA, J. B. Subjetivação do corpo travesti sob a perspectiva das relações sociais heteronormativas. **Revista Interfaces: saúde, humanas e tecnologia**, v. 2, n. 6, p. 1-4, 2014.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, direitos humanos e vítimas. *In*: MISKOLCI, R; PELÚCIO, L. (Orgs.). **Discursos fora da ordem**: sexualidade, saberes e direitos. São Paulo: Annalume, 2012, p. 199-227.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. *In*: GREEN, J.N. et al. (Orgs.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p.15 - 38.

SANTANA, Eder Luis. **LGBT como pauta do jornalismo**. Salvador: Editora Devires, 2018.

SILVA, D. C. P. (2017). **Atos de fala transfóbicos no ciberespaço**: uma análise pragmática da violência linguística. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SCOTT, Joan W. *Gênero*: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 5-22, 1990.

SOBRAL, A; GIACOMELLI, K. Gêneros, marcas linguísticas e enunciativas: uma análise discursiva. *In*: SOBRAL, A (org); SOUZA, S (org). **Gêneros, entre o texto e o discurso**. São Paulo: Mercado de Letras, 2016. p. 47-69.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: As bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

UOL: o melhor conteúdo. Disponível em: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br). Acesso em: 06. jun. 2019.

VOLÓCHÍNOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Trad. João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

## **ANEXO 1**



<b>TÍTULO</b>	<b>LINK</b>	<b>ANO</b>
1. Polícia dá detalhes sobre morte de travesti	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7176313/">https://globoplay.globo.com/v/7176313/</a>	2018
2. Travesti é assassinada a facadas em Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/11/18/travesti-e-assassinada-a-facadas-em-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/11/18/travesti-e-assassinada-a-facadas-em-fortaleza.ghtml</a>	2018
3. Travesti é encontrada morta em Maringá	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7105361/">https://globoplay.globo.com/v/7105361/</a>	2018
4. Travesti é morta a facadas em BH	<a href="https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/10/31/travesti-e-morta-a-facadas-em-bh.ghtml">https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/10/31/travesti-e-morta-a-facadas-em-bh.ghtml</a>	2018
5. Travesti é assassinada em Maracanaú	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7267211/">https://globoplay.globo.com/v/7267211/</a>	2018
6. Travesti é morta e enterrada pelo companheiro em Itanhaém	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7212573/">https://globoplay.globo.com/v/7212573/</a>	2018
7. Travesti é assassinada em João Pessoa	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6518072/">https://globoplay.globo.com/v/6518072/</a>	2018
8. Polícia prende novamente suspeito de esfaquear travesti	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7102450/">https://globoplay.globo.com/v/7102450/</a>	2018
9. Polícia conclui inquérito que investiga assassinato de travesti em	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7247453/">https://globoplay.globo.com/v/7247453/</a>	2018

Londrina		
10. Travesti é assassinada com golpe de faca em Fortaleza	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7171932/">https://globoplay.globo.com/v/7171932/</a>	2018
11. Travesti de Rondônia é morta no DF	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7215380/">https://globoplay.globo.com/v/7215380/</a>	2018
12. Travesti é baleada na Zona Oeste de Recife	<a href="https://g1.globo.com/pe/paranambuco/noticia/2018/10/17/travesti-e-baleado-na-zona-oeste-do-recife.ghtml">https://g1.globo.com/pe/paranambuco/noticia/2018/10/17/travesti-e-baleado-na-zona-oeste-do-recife.ghtml</a>	2018
13. Mais uma travesti é assassinada em Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/mais-uma-travesti-e-assassinada-em-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/mais-uma-travesti-e-assassinada-em-fortaleza.ghtml</a>	2018
14. Travesti é executada no Bairro Laranjeiras em Uberlândia	<a href="https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2018/12/28/travesti-e-executada-no-bairro-laranjeiras-em-uberlandia.ghtml">https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2018/12/28/travesti-e-executada-no-bairro-laranjeiras-em-uberlandia.ghtml</a>	2018
15. Travesti leva três tiros em São Mateus, ES	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7197504/">https://globoplay.globo.com/v/7197504/</a>	2018
16. Travesti militante LGBT é morta a tiros em Vitória da Conquista	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7164883/">https://globoplay.globo.com/v/7164883/</a>	2018
17. Travesti é baleada em ponto de prostituição em Porto Velho	<a href="https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2018/10/25/travesti-e-baleada-em-ponto-de-prostituicao-em-porto-velho.ghtml">https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2018/10/25/travesti-e-baleada-em-ponto-de-prostituicao-em-porto-velho.ghtml</a>	2018
18. Família de Herica Isidoro pede justiça após assassinato de travesti	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7116496/">https://globoplay.globo.com/v/7116496/</a>	2018

19.	Suspeito de matar travesti é preso em Porto Velho	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7116496/">https://globoplay.globo.com/v/7116496/</a>	2018
20.	Travesti é assassinada a tiros em Santa Rita, na Paraíba	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6749915/">https://globoplay.globo.com/v/6749915/</a>	2018
21.	Travesti é morta a tiros em Xique-Xique, região Oeste	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6990384/">https://globoplay.globo.com/v/6990384/</a>	2018
22.	Polícia civil investiga morte de travesti em Linhares, no ES	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7265612/">https://globoplay.globo.com/v/7265612/</a>	2018
23.	Travesti é morta a tiros em Aparecida de Goiânia	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6602748/">https://globoplay.globo.com/v/6602748/</a>	2018
24.	Travesti é baleada por agente penitenciário em Montes Claros	<a href="https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/travesti-e-baleada-por-agente-penitenciario-em-montes-claros.ghtml">https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/travesti-e-baleada-por-agente-penitenciario-em-montes-claros.ghtml</a>	2018
25.	Homem é preso após matar e enterrar travesti em SP	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7214349/">https://globoplay.globo.com/v/7214349/</a>	2018

26.	Travesti é atropelado por dois carros na BR-101, no ES	<a href="https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2018/12/29/travesti-morre-atropelado-por-dois-carros-na-br-101-no-es.ghtml">https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2018/12/29/travesti-morre-atropelado-por-dois-carros-na-br-101-no-es.ghtml</a>	2018
27.	Travesti é assassinada a tiros em bar em Colniza (MT)	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/travesti-e-assassinada-a-tiros-em-bar-em-colniza-mt.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/travesti-e-assassinada-a-tiros-em-bar-em-colniza-mt.ghtml</a>	2018
28.	Travesti é encontrada morta em cima da cama em Aparecida de Goiânia	<a href="https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/09/09/travesti-e-encontrada-morta-em-cima-de-cama-em-aparecida-de-goiania.ghtml">https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/09/09/travesti-e-encontrada-morta-em-cima-de-cama-em-aparecida-de-goiania.ghtml</a>	2018
29.	Travesti é morta a facadas após discussão por causa de vasilha, em Goiânia	<a href="https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/09/01/travesti-e-morta-a-facadas-apos-discussao-em-goiania.ghtml">https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2018/09/01/travesti-e-morta-a-facadas-apos-discussao-em-goiania.ghtml</a>	2018
30.	Polícia civil investiga morte de travesti em Lajeado	<a href="https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/policia-civil-investiga-morte-de-travesti-em-lajeado.ghtml">https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/policia-civil-investiga-morte-de-travesti-em-lajeado.ghtml</a>	2018
31.	Suspeito de matar travesti a pauladas confessa crime à polícia: “estava me perseguindo”.	<a href="https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2018/11/28/suspeito-de-matar-travesti-a-pauladas-confessa-o-crime-a-policia-estava-me-perseguindo.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2018/11/28/suspeito-de-matar-travesti-a-pauladas-confessa-o-crime-a-policia-estava-me-perseguindo.ghtml</a>	2018
32.	Travesti é achado morto em rua de Campos Altos	<a href="https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/travesti-e-achado-morto-em-rua-de-campos-altos.ghtml">https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/travesti-e-achado-morto-em-rua-de-campos-altos.ghtml</a>	2018
33.	Travesti de 21 anos é assassinada em rua de Taguatinga, no DF	<a href="https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/12/05/travesti-de-21-anos-e-assassinada-em-rua-de-taguatinga-no-df.ghtml">https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/12/05/travesti-de-21-anos-e-assassinada-em-rua-de-taguatinga-no-df.ghtml</a>	2018
34.	Travesti morre depois de ser agredida e esfaqueada em Londrina, diz	<a href="https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2018/12/10/travesti-morre-depois-de-ser-agredida-e-esfaqueada-em-londrina-diz">https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2018/12/10/travesti-morre-depois-de-ser-agredida-e-esfaqueada-em-londrina-diz</a>	2018

PM	pm.ghml	
35. Travesti é encontrada morta com marcas de tiros em passarela de Salvador	<a href="https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/travesti-e-encontrada-morta-com-marcas-de-tiros-em-passelela-de-salvador.ghml">https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/travesti-e-encontrada-morta-com-marcas-de-tiros-em-passelela-de-salvador.ghml</a>	2018
36. Homem é preso por matar travesti em Concórdia do Pará	<a href="https://g1.globo.com/pa/para/noticia/homem-e-preso-por-matar-travesti-em-concordia-do-para.ghml">https://g1.globo.com/pa/para/noticia/homem-e-preso-por-matar-travesti-em-concordia-do-para.ghml</a>	2018
37. Polícia prende suspeito de matar travesti em SP e descarta intolerância e motivação política	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/31/policia-prende-suspeito-de-matar-travesti-em-sp-e-descarta-intolerancia-e-motivacao-politica.ghml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/31/policia-prende-suspeito-de-matar-travesti-em-sp-e-descarta-intolerancia-e-motivacao-politica.ghml</a>	2018
38. Travesti é morta com tiro na cabeça na Feira do Mutirão, em Manaus	<a href="https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/travesti-e-morta-com-tiro-na-cabeca-na-feira-do-mutirao-em-manaus.ghml">https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/travesti-e-morta-com-tiro-na-cabeca-na-feira-do-mutirao-em-manaus.ghml</a>	2018
39. Polícia investiga morte de travesti em Tangará da Serra	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6429056/">https://globoplay.globo.com/v/6429056/</a>	2018
40. Polícia confirma morte de travesti atingida por tiros disparados por motociclista em Belém	<a href="https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2018/09/17/policia-confirma-morte-de-travesti-atingida-por-tiros-disparados-por-motociclista-em-belem.ghml">https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2018/09/17/policia-confirma-morte-de-travesti-atingida-por-tiros-disparados-por-motociclista-em-belem.ghml</a>	2018

41. Travesti morre em PS de Cuiabá após companheiro esfaqueá-la durante briga	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/08/30/travesti-morre-em-ps-de-cuiaba-apos-companheiro-esfaquea-la-durante-briga.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/08/30/travesti-morre-em-ps-de-cuiaba-apos-companheiro-esfaquea-la-durante-briga.ghtml</a>	2018
42. Travesti é morta a tiros em calçada de Aparecida de Goiânia	<a href="https://g1.globo.com/go/goias/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-em-calcada-de-aparecida-de-goiania.ghtml">https://g1.globo.com/go/goias/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-em-calcada-de-aparecida-de-goiania.ghtml</a>	2018
43. Travesti é morta a facadas dentro de boate em MT e suspeito é o namorado, diz polícia	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/09/18/travesti-e-morta-a-facadas-dentro-de-boate-em-mt-e-suspeito-e-o-namorado-diz-policia.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/09/18/travesti-e-morta-a-facadas-dentro-de-boate-em-mt-e-suspeito-e-o-namorado-diz-policia.ghtml</a>	2018
44. Corpo de travesti é encontrado com perfurações de faca na zona Oeste de Boa Vista	<a href="https://g1.globo.com/rr/rraia/noticia/corpo-de-travesti-e-encontrado-com-perfuracoes-de-faca-na-zona-oeste-de-boavista.ghtml">https://g1.globo.com/rr/rraia/noticia/corpo-de-travesti-e-encontrado-com-perfuracoes-de-faca-na-zona-oeste-de-boavista.ghtml</a>	2018
45. Travesti foi morta com 11 facadas e companheiro pagou bares com dinheiro da vítima em Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/11/20/travesti-foi-morta-com-11-facadas-e-companheiro-pagou-bares-com-dinheiro-da-vitima-em-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/11/20/travesti-foi-morta-com-11-facadas-e-companheiro-pagou-bares-com-dinheiro-da-vitima-em-fortaleza.ghtml</a>	2018
46. Delegado diz que jovem morto com	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6461497/">https://globoplay.globo.com/v/6461497/</a>	2018



motel em Ribeirão Preto, SP	em-quarto-de-motel-em-ribeirao-preto-sp.ghml	
53. Corpo de travesti morta a tiros será enterrado em Gurupi nesta quinta-feira (19)	<a href="https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2018/07/18/travesti-morta-a-tiros-sera-enterrada-em-gurupi-nesta-quinta-feira-19.ghml">https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2018/07/18/travesti-morta-a-tiros-sera-enterrada-em-gurupi-nesta-quinta-feira-19.ghml</a>	2018
54. Travesti é morta a tiros por motociclistas no bairro da Campina em Belém	<a href="https://g1.globo.com/pa/para/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-por-motociclistas-no-bairro-da-campina-em-belem.ghml">https://g1.globo.com/pa/para/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-por-motociclistas-no-bairro-da-campina-em-belem.ghml</a>	2018
55. Travesti adolescente é morta a tiros e suspeitos fogem de moto em Itaperuna, no RJ	<a href="https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/adolescente-e-morto-a-tiros-e-suspeitos-fogem-de-moto-em-itaperuna-no-rj.ghml">https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/adolescente-e-morto-a-tiros-e-suspeitos-fogem-de-moto-em-itaperuna-no-rj.ghml</a>	2018
56. Travesti é morta a tiros em ponto de ônibus de Luziânia, em Goiás; polícia suspeita de cliente	<a href="https://g1.globo.com/go/goias/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-em-ponto-de-onibus-de-luziania-em-goias.ghml">https://g1.globo.com/go/goias/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-em-ponto-de-onibus-de-luziania-em-goias.ghml</a>	2018
57. Travesti é encontrada morta com a cabeça esmagada e várias facadas pelo	<a href="https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/travesti-e-encontrada-morta-com-a-cabeca-esmagada-e-varias-facadas-pelo-">https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/travesti-e-encontrada-morta-com-a-cabeca-esmagada-e-varias-facadas-pelo-</a>	2018



corpo em estrada vicinal de Rio Brilhante, MS	corpo-em-estrada-vicinal-de-rio-brilhante-ms.ghml	
58. Travesti de 17 anos é morta na BA; homem que mantinha relacionamento com vítima confessa crime e alega ciúmes	<a href="https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/travesti-de-17-anos-e-morta-na-ba-homem-que-mantinha-relacionamento-com-vitima-confessa-e-alega-ciumes.ghml">https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/travesti-de-17-anos-e-morta-na-ba-homem-que-mantinha-relacionamento-com-vitima-confessa-e-alega-ciumes.ghml</a>	2018
59. Corpo encontrado próximo à praia de Jacarapé, na PB, é identificado, diz polícia	<a href="https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/corpo-encontrado-proximo-a-praia-de-jacarape-na-pb-e-identificado-diz-policia.ghml">https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/corpo-encontrado-proximo-a-praia-de-jacarape-na-pb-e-identificado-diz-policia.ghml</a>	2018
60. Duas pessoas são mortas em Maringá	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7105262/">https://globoplay.globo.com/v/7105262/</a>	2018
61. Duas travestis e dois gays são mortos vítimas de LGBTfobia em Rondonópolis (MT) entre 2017 e 2018	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/12/18/duas-travestis-e-dois-gays-sao-mortos-vitimas-de-lgbtfobia-em-rondonopolis-mt-em-um-ano-e-meio.ghml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/12/18/duas-travestis-e-dois-gays-sao-mortos-vitimas-de-lgbtfobia-em-rondonopolis-mt-em-um-ano-e-meio.ghml</a>	2018
62. Transexual morre baleada e outra fica ferida na Zona Oeste do Rio	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/transsexual-morre-baleada-e-outra-fica-ferida-na-zona-oeste-do-rio.ghml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/transsexual-morre-baleada-e-outra-fica-ferida-na-zona-oeste-do-rio.ghml</a>	2018

63. Jovem de 19 anos confessa morte de transexual em MS: 'Quebrou pescoço e a sufocou por 3 minutos', diz polícia	<a href="https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2018/12/21/jovem-de-19-anos-confessa-morte-de-transexual-em-ms-quebrou-pescoco-e-a-sufocou-por-3-minutos-diz-policia.ghtml">https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2018/12/21/jovem-de-19-anos-confessa-morte-de-transexual-em-ms-quebrou-pescoco-e-a-sufocou-por-3-minutos-diz-policia.ghtml</a>	2018
64. Corpo de jovem é achado com pelo menos 10 marcas de tiros em Itaperuna, no RJ	<a href="https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/corpo-de-jovem-e-achado-com-marcas-de-tiros-em-itaperuna-no-rj.ghtml">https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/corpo-de-jovem-e-achado-com-marcas-de-tiros-em-itaperuna-no-rj.ghtml</a>	2018
65. Corpo de jovem vítima de espancamento é sepultado em Boquim	<a href="https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/corpo-de-jovem-vitima-de-espancamento-e-sepultado-em-boquim.ghtml">https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/corpo-de-jovem-vitima-de-espancamento-e-sepultado-em-boquim.ghtml</a>	2018
66. Dois homens são mortos por motociclistas no Coqueiro, em Ananindeua	<a href="https://g1.globo.com/pa/para/noticia/dois-homens-sao-mortos-por-motociclistas-no-coqueiro-em-ananindeua.ghtml">https://g1.globo.com/pa/para/noticia/dois-homens-sao-mortos-por-motociclistas-no-coqueiro-em-ananindeua.ghtml</a>	2018
67. Duas travestis são baleadas por um motoqueira na avenida Almirante Barroso	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7024813/">https://globoplay.globo.com/v/7024813/</a>	2018
68. Transexual é encontrada morta	<a href="https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/transexual-e-">https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/transexual-e-</a>	2018

afogada em alto-mar em Florianópolis	encontrada-morta-afogada-em-alto-mar-em-florianopolis.ghml	
69. Transexual é morta e corpo é encontrado no litoral sul, em Jacarapé	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6516889/">https://globoplay.globo.com/v/6516889/</a>	2018
70. Transexual é assassinada a tiros e idoso baleado na perna em rua de Cujubim, RO	<a href="https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/transsexual-e-assassinada-a-tiros-e-idoso-baleado-na-perna-em-rua-de-cujubim-ro.ghml">https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/transsexual-e-assassinada-a-tiros-e-idoso-baleado-na-perna-em-rua-de-cujubim-ro.ghml</a>	2018
71. Transexual morre baleada e outra fica ferida na Zona Oeste do Rio	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/transsexual-morre-baleada-e-outra-fica-ferida-na-zona-oeste-do-rio.ghml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/transsexual-morre-baleada-e-outra-fica-ferida-na-zona-oeste-do-rio.ghml</a>	2018
72. Polícia elucida homicídio de transexual	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6745884/">https://globoplay.globo.com/v/6745884/</a>	2018
73. Polícia elucida crime que vitimou transexual no conjunto Augusto Franco	<a href="https://globoplay.globo.com/v/6713320/">https://globoplay.globo.com/v/6713320/</a>	2018
74. Transexual é assassinada em Florianópolis	<a href="https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/transsexual-e-assassinada-em-florianopolis.ghml">https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/transsexual-e-assassinada-em-florianopolis.ghml</a>	2018
75. Transexual é morta a tiros em Lagarto	<a href="https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/transsexual-e-morta-a-tiros-em-lagarto.ghml">https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/transsexual-e-morta-a-tiros-em-lagarto.ghml</a>	2018
76. Polícia investiga a morte de	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/policia-investiga-a-">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/policia-investiga-a-</a>	2018

transexual na Baixada Fluminense	morte-de-transexual-na-baixada-fluminense.ghml	
77. Polícia investiga se transexual morta na Baixada foi vítima de transfobia	<a href="https://g1.globo.com/busca/?q=transexual&amp;order=recent&amp;from=2018-06-01T00%3A00%3A00-0300&amp;to=2018-06-30T23%3A59%3A59-0300">https://g1.globo.com/busca/?q=transexual&amp;order=recent&amp;from=2018-06-01T00%3A00%3A00-0300&amp;to=2018-06-30T23%3A59%3A59-0300</a>	2018
78. Transexual é morta a pauladas por jogador de futebol em São Borja, diz polícia	<a href="https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/transexual-e-morta-a-pauladas-por-jogador-de-futebol-em-sao-borja-diz-policia.ghml">https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/transexual-e-morta-a-pauladas-por-jogador-de-futebol-em-sao-borja-diz-policia.ghml</a>	2018
79. Transexual morre após ter casa atingida por tiros em Florianópolis	<a href="https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/08/10/transexual-morre-apos-ter-casa-atingida-por-tiros-em-florianopolis.ghml">https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/08/10/transexual-morre-apos-ter-casa-atingida-por-tiros-em-florianopolis.ghml</a>	2018
80. Polícia identifica transexual encontrado morto	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7106583/">https://globoplay.globo.com/v/7106583/</a>	2018
81. Morre transexual que foi encontrada no centro de Aracaju	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7101076/">https://globoplay.globo.com/v/7101076/</a>	2018
82. Transexual é assassinada a tiros durante festa de aniversário na Zona Oeste de Manaus	<a href="https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2018/11/20/transexual-e-assassinada-a-tiros-durante-festa-de-aniversario-na-zona-oeste-de-manaus.ghml">https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2018/11/20/transexual-e-assassinada-a-tiros-durante-festa-de-aniversario-na-zona-oeste-de-manaus.ghml</a>	2018

83. Corpo de transexual encontrada morta em terreno de UBS é enterrado em SP	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/12/15/corpo-de-transexual-encontrada-morta-em-terreno-de-ubs-e-enterrado-em-sp.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/12/15/corpo-de-transexual-encontrada-morta-em-terreno-de-ubs-e-enterrado-em-sp.ghtml</a>	2018
84. Transexual que trabalhava como garota de programa é morta a tiros por cliente em MT	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/12/09/transexual-que-trabalhava-como-garota-de-programa-e-morta-a-tiros-por-cliente-em-mt.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/12/09/transexual-que-trabalhava-como-garota-de-programa-e-morta-a-tiros-por-cliente-em-mt.ghtml</a>	2018
85. Corpo de transexual é encontrado em milharal com sinais de estrangulamento, diz polícia em MS	<a href="https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2018/12/20/corpo-de-transexual-e-encontrado-em-milharal-com-sinais-de-estrangulamento-diz-policia-em-ms.ghtml">https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2018/12/20/corpo-de-transexual-e-encontrado-em-milharal-com-sinais-de-estrangulamento-diz-policia-em-ms.ghtml</a>	2018
86. Travesti é assassinada a pauladas em Barra Mansa	<a href="https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/01/26/travesti-e-assassinada-a-pauladas-em-barra-mansa.ghtml">https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/01/26/travesti-e-assassinada-a-pauladas-em-barra-mansa.ghtml</a>	2019
87. Travesti é morta a tiros no centro de Camaçari e polícia suspeita de latrocínio	<a href="https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/01/25/travesti-e-morta-a-tiros-no-centro-de-camacari-e-policia-suspeita-de-latrocinio.ghtml">https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/01/25/travesti-e-morta-a-tiros-no-centro-de-camacari-e-policia-suspeita-de-latrocinio.ghtml</a>	2019

88.	Travesti é assassinada em Pacatuba	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7416556/">https://globoplay.globo.com/v/7416556/</a>	2019
89.	Travesti é encontrada morta a tiros no Ceará	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/02/27/travesti-e-encontrada-morta-a-tiros-no-ceara.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/02/27/travesti-e-encontrada-morta-a-tiros-no-ceara.ghtml</a>	2019
90.	Travesti é assassinada a tiros após sair de festa em Buritis, RO	<a href="https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/2019/03/18/travesti-e-assassinada-a-tiros-apos-sair-de-festa-em-buritis-ro.ghtml">https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/2019/03/18/travesti-e-assassinada-a-tiros-apos-sair-de-festa-em-buritis-ro.ghtml</a>	2019
91.	Corpo achado queimado e com pés e mãos amarrados em Boa Vista era de travesti	<a href="https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/04/06/corpo-achado-queimado-e-com-pes-e-maos-amarrados-em-boa-vista-era-de-travesti.ghtml">https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/04/06/corpo-achado-queimado-e-com-pes-e-maos-amarrados-em-boa-vista-era-de-travesti.ghtml</a>	2019
92.	Travesti é assassinada a facadas após discussão com cliente em bar em MT	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/04/13/travesti-e-assassinada-a-facadas-apos-discussao-com-cliente-em-bar-em-mt.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/04/13/travesti-e-assassinada-a-facadas-apos-discussao-com-cliente-em-bar-em-mt.ghtml</a>	2019
93.	Travesti é assassinada a facadas em Bacabal	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7595779/">https://globoplay.globo.com/v/7595779/</a>	2019
94.	Travesti é encontrada morta em Campo Grande	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7628191/">https://globoplay.globo.com/v/7628191/</a>	2019

95. Travesti é assassinada a golpes de faca no Maranhão	<a href="https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/05/06/travesti-e-assassinada-a-golpes-de-faca-no-maranhao.ghtml">https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/05/06/travesti-e-assassinada-a-golpes-de-faca-no-maranhao.ghtml</a>	2019
96. Travesti é morta com tiros na cabeça e no peito em Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/05/15/travesti-e-morta-com-tiros-na-cabeca-e-no-peito-em-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/05/15/travesti-e-morta-com-tiros-na-cabeca-e-no-peito-em-fortaleza.ghtml</a>	2019
97. Travesti que aguardava clientes em ponto de prostituição é morta por homens em motocicleta em MT	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/05/27/travesti-que-aguardava-clientes-em-ponto-de-prostituicao-e-morta-por-homens-em-motocicleta-em-mt.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/05/27/travesti-que-aguardava-clientes-em-ponto-de-prostituicao-e-morta-por-homens-em-motocicleta-em-mt.ghtml</a>	2019
98. Travesti é encontrada morta na Avenida Dom Pedro I, na Região Norte de BH	<a href="https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/bom-dia-minas/video/travesti-e-encontrada-morta-na-avenida-dom-pedro-i-na-regiao-norte-de-bh-7610416.ghtml">https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/bom-dia-minas/video/travesti-e-encontrada-morta-na-avenida-dom-pedro-i-na-regiao-norte-de-bh-7610416.ghtml</a>	2019
99. Travesti é assassinada em Lucena, no Litoral Norte da Paraíba, diz PM	<a href="https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/05/30/travesti-e-assassinada-em-lucena-no-litoral-norte-da-paraiba-diz-pm.ghtml">https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/05/30/travesti-e-assassinada-em-lucena-no-litoral-norte-da-paraiba-diz-pm.ghtml</a>	2019
100. Travesti é morta em SP e testemunhas falam em espancamento; polícia registra como morte suspeita	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/travesti-e-morta-em-sp-e-testemunhas-falam-em-espancamento-policia-registra-como-morte-suspeita.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/travesti-e-morta-em-sp-e-testemunhas-falam-em-espancamento-policia-registra-como-morte-suspeita.ghtml</a>	2019

101. Travesti é encontrada morta com ferimento no pescoço em avenida de Campo Grande	<a href="https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2019/05/19/travesti-e-encontrada-morta-com-ferimento-no-pescoco-em-avenida-de-campo-grande.ghtml">https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2019/05/19/travesti-e-encontrada-morta-com-ferimento-no-pescoco-em-avenida-de-campo-grande.ghtml</a>	2019
102. Corpo de travesti é encontrado em mata de preservação em Guariba, SP	<a href="https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/05/06/corpo-de-travesti-e-encontrado-em-mata-de-preservacao-em-guariba-sp.ghtml">https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/05/06/corpo-de-travesti-e-encontrado-em-mata-de-preservacao-em-guariba-sp.ghtml</a>	2019
103. Duas travestis e dois gays são mortos vítimas de LGBTfobia em Rondonópolis (MT) entre 2017 e 2018	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/12/18/duas-travestis-e-dois-gays-sao-mortos-vitimas-de-lgbtphobia-em-rondonopolis-mt-em-um-ano-e-meio.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/12/18/duas-travestis-e-dois-gays-sao-mortos-vitimas-de-lgbtphobia-em-rondonopolis-mt-em-um-ano-e-meio.ghtml</a>	2018
104. Travesti é assassinada em Horizonte	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7698975/">https://globoplay.globo.com/v/7698975/</a>	2019
105. Travesti é executada a tiros em Horizonte, na Grande Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/06/16/travesti-e-executada-a-tiros-em-horizonte-na-grande-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/06/16/travesti-e-executada-a-tiros-em-horizonte-na-grande-fortaleza.ghtml</a>	2019
106. Travesti é morta a tiros no setor entroncamento, em Araguaína	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7736965/">https://globoplay.globo.com/v/7736965/</a>	2019



107. Travesti é morta a tiros durante discussão por celular em Araguaína	<a href="https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/07/02/travesti-e-morta-a-tiros-em-avenida-de-araguaina.ghtml">https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/07/02/travesti-e-morta-a-tiros-em-avenida-de-araguaina.ghtml</a>	2019
108. Travesti é morta por homem com tiro na cabeça em Araguaína	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7737491/">https://globoplay.globo.com/v/7737491/</a>	2019
109. Travesti é assassinada a tiros em loteamento de Caruaru	<a href="https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/travesti-e-assassinada-a-tiros-em-loteamento-de-caruaru.ghtml">https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/travesti-e-assassinada-a-tiros-em-loteamento-de-caruaru.ghtml</a>	2019
110. Travesti é encontrada morta em terreno baldio no sul da Bahia	<a href="https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/08/21/travesti-e-encontrada-morta-dentro-de-terreno-baldio-no-sul-da-bahia.ghtml">https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/08/21/travesti-e-encontrada-morta-dentro-de-terreno-baldio-no-sul-da-bahia.ghtml</a>	2019
111. Travesti assassinada dentro de casa	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7941363/">https://globoplay.globo.com/v/7941363/</a>	2019
112. Segunda travesti cearense morta em uma semana	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7942275/">https://globoplay.globo.com/v/7942275/</a>	2019
113. Travesti cearense assassinada em São Paulo	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7941362/">https://globoplay.globo.com/v/7941362/</a>	2019
114. Travesti é morta a tiros enquanto tomava banho em residência na Grande Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/09/20/travesti-e-morta-a-tiros-enquanto-tomava-banho-em-residencia-na-grande-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/09/20/travesti-e-morta-a-tiros-enquanto-tomava-banho-em-residencia-na-grande-fortaleza.ghtml</a>	2019
115. Travesti é encontrada morta com	<a href="https://g1.globo.com/mg/triangulo-">https://g1.globo.com/mg/triangulo-</a>	2019

13 perfurações no Bairro Morumbi em Uberlândia	mineiro/noticia/2019/09/30/travesti-e-encontrado-morto-com-13-perfuracoes-no-bairro-morumbi-em-uberlandia.ghtml	
116. Travesti é morta a facadas em Santo André, no ABC Paulista	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/18/travesti-e-morta-a-facadas-em-santo-andre-no-abc-paulista.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/18/travesti-e-morta-a-facadas-em-santo-andre-no-abc-paulista.ghtml</a>	2019
117. Travesti é morta a tiros no recôncavo da Bahia; vítima era militante LGBT	<a href="https://g1.globo.com/bahia/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-no-reconcavo-da-bahia-vitima-era-militante-lgbt.ghtml">https://g1.globo.com/bahia/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-no-reconcavo-da-bahia-vitima-era-militante-lgbt.ghtml</a>	2019
118. Travesti tem casa invadida e é assassinada a tiros em MT	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/09/06/travesti-tem-casa-invadida-e-e-assassinada-a-tiros-em-mt.ghtml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/09/06/travesti-tem-casa-invadida-e-e-assassinada-a-tiros-em-mt.ghtml</a>	2019
119. Corpo de travesti é encontrado com mãos e pés amarrados às margens da SP-215 em São Carlos	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/09/16/corpo-com-maos-e-pes-amarrados-e-encontrado-as-margens-da-rodovia-sp-215-em-sao-carlos.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/09/16/corpo-com-maos-e-pes-amarrados-e-encontrado-as-margens-da-rodovia-sp-215-em-sao-carlos.ghtml</a>	2019
120. Em menos de 24h, duas mulheres trans são assassinadas em Santa Maria	<a href="https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/09/08/em-menos-de-24h-duas-mulheres-trans-sao-assassinadas-em-santa-maria.ghtml">https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/09/08/em-menos-de-24h-duas-mulheres-trans-sao-assassinadas-em-santa-maria.ghtml</a>	2019

121. Polícia investiga morte de travesti em Goiânia	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7981442/">https://globoplay.globo.com/v/7981442/</a>	2019
122. Travesti é morta a tiros no bairro Atrás da Banca em Petrolina	<a href="https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2019/10/25/homem-e-morto-a-tiros-no-bairro-atras-da-banca-em-petrolina.ghtml">https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2019/10/25/homem-e-morto-a-tiros-no-bairro-atras-da-banca-em-petrolina.ghtml</a>	2019
123. Travesti é encontrada morta com sinais de agressão dentro de casa, em Goiânia	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7980532/">https://globoplay.globo.com/v/7980532/</a>	2019
124. Travesti é assassinada a tiros por dois homens em Sobral, no Ceará	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/12/travesti-e-assassinada-a-tiros-por-dois-homens-em-sobral-no-ceara.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/10/12/travesti-e-assassinada-a-tiros-por-dois-homens-em-sobral-no-ceara.ghtml</a>	2019
125. Cabeleireira é assassinada a tiros às margens da rodovia BR-316 na Zona Sul de Teresina	<a href="https://g1.globo.com/pi/noticia/2019/10/07/jovem-e-assassinada-a-tiros-as-margens-da-rodovia-br-316-na-zona-sul-de-teresina.ghtml">https://g1.globo.com/pi/noticia/2019/10/07/jovem-e-assassinada-a-tiros-as-margens-da-rodovia-br-316-na-zona-sul-de-teresina.ghtml</a>	2019
126. Travesti morre após ser baleada em rua do bairro Bodanese em Vilhena, RO	<a href="https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/11/26/travesti-morre-apos-ser-baleada-em-rua-do-bairro-bodanese-em-vilhena-ro.ghtml">https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/11/26/travesti-morre-apos-ser-baleada-em-rua-do-bairro-bodanese-em-vilhena-ro.ghtml</a>	2019
127. Vídeo revela travesti sendo morta	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8239802/">https://globoplay.globo.com/v/8239802/</a>	2019

128. Transexual é assassinada em Tramandaí	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7343076/">https://globoplay.globo.com/v/7343076/</a>	2019
129. Polícia investiga morte a facadas de transexual em Tramandaí	<a href="https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/01/31/policia-investiga-morte-a-facadas-de-transexual-em-tramandai.ghml">https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/01/31/policia-investiga-morte-a-facadas-de-transexual-em-tramandai.ghml</a>	
130. Polícia investiga assassinato de transexual a facadas em Sorocaba	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7388000/">https://globoplay.globo.com/v/7388000/</a>	2019
131. Mulher transexual é morta a facadas após discussão em bar de Sorocaba	<a href="https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/02/16/mulher-transexual-e-morta-a-facadas-apos-discussao-em-bar-de-sorocaba.ghml">https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/02/16/mulher-transexual-e-morta-a-facadas-apos-discussao-em-bar-de-sorocaba.ghml</a>	2019
132. Motorista mata transexual a pauladas	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp2/video/motorista-mata-transexual-a-pauladas-7595044.ghml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp2/video/motorista-mata-transexual-a-pauladas-7595044.ghml</a>	2019
133. SP tem 1º caso registrado de feminicídio a transexual	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp2/video/motorista-mata-transexual-a-pauladas-7595044.ghml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp2/video/motorista-mata-transexual-a-pauladas-7595044.ghml</a>	2019
134. Transexual é vítima de latrocínio no ES	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7655490/">https://globoplay.globo.com/v/7655490/</a>	2019
135. Transexual é morta a tiros em Cachoeiro de Itapemirim, ES	<a href="https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/05/30/transexual-e-morta-a-tiros-em-cachoeiro-de-itapemirim-es.ghml">https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/05/30/transexual-e-morta-a-tiros-em-cachoeiro-de-itapemirim-es.ghml</a>	2019

136. Transexual é brutalmente assassinada em bairro nobre de São Paulo	<a href="https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/transexual-e-brutalmente-assassinada-em-bairro-nobre-de-sao-paulo-7594526.ghtml">https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/transexual-e-brutalmente-assassinada-em-bairro-nobre-de-sao-paulo-7594526.ghtml</a>	2019
137. Transexual é morta a pauladas na zona sul de SP	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp1/video/transexual-e-morta-a-pauladas-na-zona-sul-de-sp-7593661.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp1/video/transexual-e-morta-a-pauladas-na-zona-sul-de-sp-7593661.ghtml</a>	2019
138. Corpo da transexual morta em SP é enterrado em Fortaleza	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7597161/">https://globoplay.globo.com/v/7597161/</a>	2019
139. Corpo encontrado em estrada rural de Xaxim seria de transexual, diz polícia	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7100545/">https://globoplay.globo.com/v/7100545/</a>	2019
140. Homem transexual é assassinado a tiros no bairro de Jurunas, em Belém	<a href="https://globoplay.globo.com/v/7887207/">https://globoplay.globo.com/v/7887207/</a>	2019
141. Jovem transexual é amarrado, arrastado por rua e morto a tiros, em Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/09/07/jovem-e-amarrada-morta-a-tiros-e-tem-corpo-arrastado-por-rua-de-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/09/07/jovem-e-amarrada-morta-a-tiros-e-tem-corpo-arrastado-por-rua-de-fortaleza.ghtml</a>	2019
142. Corpo de transexual assassinado no Bairro Pici, em Fortaleza, é sepultado no interior do Ceará	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/09/09/corpo-de-transexual-assassinado-no-bairro-pici-em-fortaleza-e-sepultado-no-interior-do-ceara.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/09/09/corpo-de-transexual-assassinado-no-bairro-pici-em-fortaleza-e-sepultado-no-interior-do-ceara.ghtml</a>	2019

143. Transexual morre após ser agredida na Zona Sul de São Paulo	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/10/17/transsexual-morre-apos-ser-agredida-na-zona-sul-de-sao-paulo.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/10/17/transsexual-morre-apos-ser-agredida-na-zona-sul-de-sao-paulo.ghtml</a>	2019
144. Transexual é morta a facadas em Guriri, no Norte do ES	<a href="https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2019/11/01/transsexual-e-morta-a-facadas-em-guriri-no-norte-do-es.ghtml">https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2019/11/01/transsexual-e-morta-a-facadas-em-guriri-no-norte-do-es.ghtml</a>	2019
145. Transexual morta a facadas é enterrada em Santa Maria	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8164199/">https://globoplay.globo.com/v/8164199/</a>	2019
146. Jovem transexual é encontrada morta em propriedade rural de Marília	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8154110/">https://globoplay.globo.com/v/8154110/</a>	2019
147. Trans morta com uma facada no abdome é sepultada em Santa Maria	<a href="https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/12/13/trans-morta-com-uma-facada-no-abdome-e-sepultada-em-santa-maria.ghtml">https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/12/13/trans-morta-com-uma-facada-no-abdome-e-sepultada-em-santa-maria.ghtml</a>	
148. Travesti é assassinada no centro de Fortaleza	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8218620/">https://globoplay.globo.com/v/8218620/</a>	2020
149. Vídeo revela travesti sendo morta em Fortaleza	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8239891/">https://globoplay.globo.com/v/8239891/</a>	2020
150. Travesti é assassinada a tiros na Zona Norte de Natal	<a href="https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/01/26/travesti-e-assassinada-a-tiros-na-zona-norte-de-natal.ghtml">https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/01/26/travesti-e-assassinada-a-tiros-na-zona-norte-de-natal.ghtml</a>	2020

151. Travesti é morta a tiros no Centro de Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/01/06/travesti-e-morta-a-tiros-no-centro-de-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/01/06/travesti-e-morta-a-tiros-no-centro-de-fortaleza.ghtml</a>	2020
152. Travesti é morta com facada no peito em Rolim de Moura, RO	<a href="https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/01/30/travesti-e-morta-com-facada-no-peito-em-rolim-de-moura-ro.ghtml">https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/01/30/travesti-e-morta-com-facada-no-peito-em-rolim-de-moura-ro.ghtml</a>	2020
153. IML identifica travesti encontrada morta em saco de estopa em Boa Vista	<a href="https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/01/21/iml-identifica-travesti-encontrada-morta-em-saco-de-estopa-em-boa-vista.ghtml">https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/01/21/iml-identifica-travesti-encontrada-morta-em-saco-de-estopa-em-boa-vista.ghtml</a>	2020
154. Travesti é achada morta dentro de saco de estopa em Boa Vista	<a href="https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/01/19/travesti-e-achada-morta-dentro-de-saco-de-estopa-em-boa-vista.ghtml">https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/01/19/travesti-e-achada-morta-dentro-de-saco-de-estopa-em-boa-vista.ghtml</a>	2020
155. Polícia investiga a morte de travesti em cachoeira de Missão Velha	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8325548/">https://globoplay.globo.com/v/8325548/</a>	2020
156. Polícia investiga laudo de morte de travesti no Cariri	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8339405/">https://globoplay.globo.com/v/8339405/</a>	2020
157. Travesti é morta a tiros em Itaperuna, no RJ	<a href="https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2020/02/21/travesti-e-morta-a-tiros-em-itaperuna-no-rj.ghtml">https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2020/02/21/travesti-e-morta-a-tiros-em-itaperuna-no-rj.ghtml</a>	2020

158. Com corpo acorrentado, travesti é encontrada morta no Carií	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8324375/">https://globoplay.globo.com/v/8324375/</a>	2020
159. Técnica de enfermagem transexual morre dentro de hospital no norte do estado	<a href="https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/02/12/enfermeira-transexual-morre-dentro-de-hospital-no-norte-do-estado.ghml">https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/02/12/enfermeira-transexual-morre-dentro-de-hospital-no-norte-do-estado.ghml</a>	2020
160. Travesti é morta a tiros em Caruaru	<a href="https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2020/03/21/travesti-e-morta-a-tiros-em-caruaru.ghml">https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2020/03/21/travesti-e-morta-a-tiros-em-caruaru.ghml</a>	2020
161. Corpo de travesti conhecida como 'Sarita' é encontrado no rio Madeira em Porto Velho	<a href="https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/03/07/corpo-de-morador-de-rua-conhecido-como-sarita-e-encontrado-no-rio-madeira-em-porto-velho.ghml">https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/03/07/corpo-de-morador-de-rua-conhecido-como-sarita-e-encontrado-no-rio-madeira-em-porto-velho.ghml</a>	2020
162. Homem mata travesti e liga para a polícia confessando o crime em MS	<a href="https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/03/31/homem-mata-travesti-e-liga-para-a-policia-confessando-o-crime-em-ms.ghml">https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/03/31/homem-mata-travesti-e-liga-para-a-policia-confessando-o-crime-em-ms.ghml</a>	2020
163. Travesti é assassinada a tiros, em Bayeux	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8462747/">https://globoplay.globo.com/v/8462747/</a>	2020



164. Travesti é assassinada a pedradas e dois homens são presos suspeitos do crime em MT	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/04/06/travesti-e-assassinada-a-pedradas-e-dois-homens-sao-presos-suspeitos-do-crime-em-mt.ghml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/04/06/travesti-e-assassinada-a-pedradas-e-dois-homens-sao-presos-suspeitos-do-crime-em-mt.ghml</a>	2020
165. Dois suspeitos de matar travesti a pedradas são soltos por falta de provas em MT	<a href="https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/04/07/dois-suspeitos-de-matar-travesti-a-pedradas-sao-soltos-por-falta-de-provas-em-mt.ghml">https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/04/07/dois-suspeitos-de-matar-travesti-a-pedradas-sao-soltos-por-falta-de-provas-em-mt.ghml</a>	2020
166. Transexual é achada morta em casa na Grande SP; polícia apura caso como assassinato e furto	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/28/transexual-e-encontrada-morta-em-casa-na-grande-sp-policia-investiga-caso-como-assassinato-e-furto.ghml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/28/transexual-e-encontrada-morta-em-casa-na-grande-sp-policia-investiga-caso-como-assassinato-e-furto.ghml</a>	2020
167. Travesti é morta ao ser espancada e atropelada em Taubaté; suspeito é preso	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8572134/">https://globoplay.globo.com/v/8572134/</a>	2020
168. Travesti é assassinada em Pacajus	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8645883/">https://globoplay.globo.com/v/8645883/</a>	2020
169. Travesti é assassinada em Anápolis	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8624322/">https://globoplay.globo.com/v/8624322/</a>	2020
170. Travesti é morta em Camocim	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8610332/">https://globoplay.globo.com/v/8610332/</a>	2020

171. Travesti é assassinada a facadas em Aparecida de Goiânia	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8650566/">https://globoplay.globo.com/v/8650566/</a>	2020
172. Travesti é morta a pauladas em Rio Branco e polícia investiga o caso	<a href="https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/25/travesti-e-morta-a-pauladas-em-rio-branco-e-policia-investiga-o-caso.ghml">https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/25/travesti-e-morta-a-pauladas-em-rio-branco-e-policia-investiga-o-caso.ghml</a>	2020
173. Travesti morre após ser baleada no bairro de Piatã, em Salvador	<a href="https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/11/travesti-morre-apos-ser-baleada-no-bairro-de-piata-em-salvador.ghml">https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/11/travesti-morre-apos-ser-baleada-no-bairro-de-piata-em-salvador.ghml</a>	2020
174. Travesti morre após ser atropelada em trecho urbano da BR-369, em Londrina	<a href="https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2020/06/21/travesti-morre-apos-ser-atropelada-em-trecho-urbano-da-br-369-em-londrina.ghml">https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2020/06/21/travesti-morre-apos-ser-atropelada-em-trecho-urbano-da-br-369-em-londrina.ghml</a>	2020
175. Travesti é arrancada à força de carro após corrida por app e morta a facadas em Aparecida de Goiânia	<a href="https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/06/25/travesti-arrancada-a-forca-de-carro-apos-corrida-por-app-e-morta-a-facadas-em-aparecida-de-goiania.ghml">https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/06/25/travesti-arrancada-a-forca-de-carro-apos-corrida-por-app-e-morta-a-facadas-em-aparecida-de-goiania.ghml</a>	2020
176. MP divulga vídeo em que travesti morta a pauladas no AC fala de violência: 'levanto o amor'	<a href="https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/29/mp-divulga-video-em-que-travesti-morta-a-pauladas-no-ac-fala-de-violencia-levanto-o-amor.ghml">https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/29/mp-divulga-video-em-que-travesti-morta-a-pauladas-no-ac-fala-de-violencia-levanto-o-amor.ghml</a>	2020

177. Polícia Civil aguarda laudo para confirmar causa da morte de travesti no AC e tenta identificar agressores	<a href="https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/26/policia-civil-aguarda-laudo-para-confirmar-causa-da-morte-de-travesti-no-ac-e-tenta-identificar-agressores.ghtml">https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/26/policia-civil-aguarda-laudo-para-confirmar-causa-da-morte-de-travesti-no-ac-e-tenta-identificar-agressores.ghtml</a>	
178. Travesti é morta com pelo menos 10 tiros, em Caaporã, no Litoral Sul da Paraíba	<a href="https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/28/travesti-e-morta-com-pelo-menos-10-tiros-em-caapora-no-litoral-sul-da-paraiba.ghtml">https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/28/travesti-e-morta-com-pelo-menos-10-tiros-em-caapora-no-litoral-sul-da-paraiba.ghtml</a>	2020
179. Travesti é assassinada em Itaitinga	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8819028/">https://globoplay.globo.com/v/8819028/</a>	2020
180. Travesti é encontrada morta com sinais de violência em Fronteira	<a href="https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/08/18/travesti-e-encontrada-morta-com-sinais-de-violencia-em-fronteira.ghtml">https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/08/18/travesti-e-encontrada-morta-com-sinais-de-violencia-em-fronteira.ghtml</a>	2020
181. Travesti é assassinada a tiros no Centro de Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/11/travesti-e-assassinada-a-tiros-no-centro-de-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/11/travesti-e-assassinada-a-tiros-no-centro-de-fortaleza.ghtml</a>	2020
182. Travesti de 15 anos é morta a tiros em Fortaleza	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8764124/">https://globoplay.globo.com/v/8764124/</a>	2020
183. Travesti é assassinada no Bairro Granja Lisboa, em Fortaleza	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/09/travesti-e-vitima-de-assassinato-no-bairro-granja-lisboa-em-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/09/travesti-e-vitima-de-assassinato-no-bairro-granja-lisboa-em-fortaleza.ghtml</a>	2020

184. Travesti é morta no bairro Bom Sucesso, na capital	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8748418/">https://globoplay.globo.com/v/8748418/</a>	2020
185. Travesti é morta a tiros próximo à BR-116, na Grande Fortaleza; vítima é a 15ª trans assassinada no Ceará em 2020	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/30/travesti-e-morta-a-tiros-proximo-a-br-116-na-grande-fortaleza-vitima-e-a-15a-trans-assassinada-no-ceara-em-2020.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/30/travesti-e-morta-a-tiros-proximo-a-br-116-na-grande-fortaleza-vitima-e-a-15a-trans-assassinada-no-ceara-em-2020.ghtml</a>	2020
186. Trans é morta ao testemunhar homicídio em Fortaleza, diz polícia	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/31/integrantes-de-facao-sao-presos-pela-morte-de-trans-e-de-dois-homens-em-intervalo-de-meia-hora-em-fortaleza.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/31/integrantes-de-facao-sao-presos-pela-morte-de-trans-e-de-dois-homens-em-intervalo-de-meia-hora-em-fortaleza.ghtml</a>	
187. Três travestis são mortas na capital em 4 dias	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8769446/">https://globoplay.globo.com/v/8769446/</a>	2020
188. Travesti é morta em Sobral	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8853727/">https://globoplay.globo.com/v/8853727/</a>	2020
189. Travesti de Paranaíba foi morta em Londrina	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8887832/">https://globoplay.globo.com/v/8887832/</a>	2020
190. Travesti é morta a tiros em motel em Londrina	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8887490/">https://globoplay.globo.com/v/8887490/</a>	2020
191. Corpo que pode ser de travesti continua sem identificação	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8895091/">https://globoplay.globo.com/v/8895091/</a>	2020
192. Travesti é assassinada a facadas em São José da Laje, AL	<a href="https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/09/30/travesti-e-assassinada-a-facadas-em-sao-jose-da-laje-al.ghtml">https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/09/30/travesti-e-assassinada-a-facadas-em-sao-jose-da-laje-al.ghtml</a>	

193. Travesti é assaltada por cliente após programa sexual no Jardim Cambuí, em Presidente Prudente	<a href="https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2020/09/23/travesti-e-assaltada-por-cliente-apos-programa-sexual-no-jardim-cambui-em-presidente-prudente.ghtml">https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2020/09/23/travesti-e-assaltada-por-cliente-apos-programa-sexual-no-jardim-cambui-em-presidente-prudente.ghtml</a>	2020
194. Travesti é assassinada na região de Maringá	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8915551/">https://globoplay.globo.com/v/8915551/</a>	2020
195. Travesti é assassinada a tiros no Paraná; polícia suspeita que crime foi cometido por vingança	<a href="https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2020/10/05/travesti-e-assassinada-a-tiros-no-parana-policia-suspeita-que-crime-foi-cometido-por-vinganca.ghtml">https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2020/10/05/travesti-e-assassinada-a-tiros-no-parana-policia-suspeita-que-crime-foi-cometido-por-vinganca.ghtml</a>	
196. Travesti é assassinada em Cascavel	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8999822/">https://globoplay.globo.com/v/8999822/</a>	2020
197. Travesti é morta na Av. Beira Mar	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8992782/">https://globoplay.globo.com/v/8992782/</a>	2020
198. Travesti é morta por enforcamento em quarto de pousada em João Pessoa	<a href="https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/19/travesti-e-morta-por-enforcamento-em-quarto-de-pousada-em-joao-pessoa.ghtml">https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/19/travesti-e-morta-por-enforcamento-em-quarto-de-pousada-em-joao-pessoa.ghtml</a>	2020
199. Travesti é morta a tiros enquanto vendia rifas na zona rural de Cascavel	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8998961/">https://globoplay.globo.com/v/8998961/</a>	2020
200. Travesti é assassinada a tiros na	<a href="https://g1.globo.com/busca/?q=travesti&amp;order=recent&amp;from=2020-">https://g1.globo.com/busca/?q=travesti&amp;order=recent&amp;from=2020-</a>	2020

zona rural de Cascavel, na Grande Fortaleza	11-01T00%3A00%3A00-0300&to=2020-11-30T23%3A59%3A59-0300	
201. Travesti é assassinada no Sudoeste	<a href="https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/12/4894279-travesti-e-assassinada-no-sudoeste-apos-recusar-dar-comida-a-morador-de-rua.html">https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/12/4894279-travesti-e-assassinada-no-sudoeste-apos-recusar-dar-comida-a-morador-de-rua.html</a>	2020
202. Travesti é encontrada morta em quarto de motel em Boituva	<a href="https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2020/12/19/travesti-e-encontrada-morta-em-quarto-de-motel-em-boituva.ghtml">https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2020/12/19/travesti-e-encontrada-morta-em-quarto-de-motel-em-boituva.ghtml</a>	2020
203. Travesti cearense é espancada e morta em São Paulo	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/10/travesti-cearense-espancada-e-morta-em-sao-paulo.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/10/travesti-cearense-espancada-e-morta-em-sao-paulo.ghtml</a>	2020
204. Corpo encontrado em mata é de jovem transexual que estava desaparecida, diz irmã	<a href="https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/12/03/corpo-encontrado-em-mata-e-de-jovem-transexual-que-estava-desaparecida-diz-irma.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/12/03/corpo-encontrado-em-mata-e-de-jovem-transexual-que-estava-desaparecida-diz-irma.ghtml</a>	2020
205. Transexual morre após ser atingida por tiros em Dilermando de Aguiar	<a href="https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/01/02/transexual-morre-apos-ser-atingida-por-tiros-em-dilermando-de-aguiar.ghtml">https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/01/02/transexual-morre-apos-ser-atingida-por-tiros-em-dilermando-de-aguiar.ghtml</a>	2020
206. Suspeitos de matar travesti em RR são identificados, mas 9 meses após crime ninguém foi preso	<a href="https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/01/29/suspeitos-de-matar-travesti-em-rr-sao-identificados-mas-9-meses-apos-crime-ninguem-foi-preso.ghtml">https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/01/29/suspeitos-de-matar-travesti-em-rr-sao-identificados-mas-9-meses-apos-crime-ninguem-foi-preso.ghtml</a>	2020

207. Transexual é morta com golpe de facas em bairro de Florianópolis	<a href="https://g1.globo.com/v/8299056/">https://g1.globo.com/v/8299056/</a>	2020
208. Transexual é encontrada morta a facadas na Zona Leste de São Paulo	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/02/12/travesti-e-encontrada-morta-a-facadas-na-zona-leste-de-sao-paulo.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/02/12/travesti-e-encontrada-morta-a-facadas-na-zona-leste-de-sao-paulo.ghtml</a>	2020
209. Mulher transexual é assassinada dentro de casa em Francisco Morato	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/bom-dia-sp/video/mulher-transexual-e-assassinada-dentro-de-casa-em-francisco-morato-8514402.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/bom-dia-sp/video/mulher-transexual-e-assassinada-dentro-de-casa-em-francisco-morato-8514402.ghtml</a>	2020
210. Transexual é achada morta em casa na Grande SP; polícia apura caso como assassinato e furto	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/28/transexual-e-encontrada-morta-em-casa-na-grande-sp-policia-investiga-caso-como-assassinato-e-furto.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/28/transexual-e-encontrada-morta-em-casa-na-grande-sp-policia-investiga-caso-como-assassinato-e-furto.ghtml</a>	2020
211. Transexual é morta a pauladas em Maricá, no RJ	<a href="https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2020/06/15/transexual-e-morta-a-pauladas-em-marica-no-rj.ghtml">https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2020/06/15/transexual-e-morta-a-pauladas-em-marica-no-rj.ghtml</a>	2020
212. Corpo de transexual é encontrado no Rio São Francisco	<a href="https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/08/22/corpo-de-transexual-e-encontrado-no-rio-sao-francisco.ghtml">https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/08/22/corpo-de-transexual-e-encontrado-no-rio-sao-francisco.ghtml</a>	2020
213. Transexual morta pelo namorado é enterrada em São Paulo	<a href="https://g1.globo.com/v/8799197/">https://g1.globo.com/v/8799197/</a>	2020
214. Mulher trans atingida por tiros é achada morta em Crateús, no Ceará	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/20/mulher-trans-e-achada-morta-atingida-por-tiros-em-crateus-no-ceara.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/20/mulher-trans-e-achada-morta-atingida-por-tiros-em-crateus-no-ceara.ghtml</a>	2020

215. Transexual de 27 anos é morta a facadas e jogada do 7º andar de prédio no Centro de SP	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/04/transsexual-de-27-anos-e-morta-a-facadas-e-jogada-do-7o-andar-de-predio-no-centro-de-sp.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/04/transsexual-de-27-anos-e-morta-a-facadas-e-jogada-do-7o-andar-de-predio-no-centro-de-sp.ghtml</a>	2020
216. Maquiadora transexual foi morta pelo ex em SP por dívida de R\$ 5 mil, diz Polícia Civil	<a href="https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/09/02/maquiadora-transexual-foi-morta-pelo-ex-em-sp-por-divida-de-r-5-mil-diz-policia-civil.ghtml">https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/09/02/maquiadora-transexual-foi-morta-pelo-ex-em-sp-por-divida-de-r-5-mil-diz-policia-civil.ghtml</a>	2020
217. Transexual de 17 anos é assassinada a facadas pelo ex-companheiro em Ibitinga	<a href="https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2020/10/05/transsexual-de-17-anos-e-assassinada-a-facadas-pelo-ex-companheiro-em-ibitinga.ghtml">https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2020/10/05/transsexual-de-17-anos-e-assassinada-a-facadas-pelo-ex-companheiro-em-ibitinga.ghtml</a>	2020
218. Corpo encontrado em mata é de jovem transexual que estava desaparecida, diz irmã	<a href="https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/12/03/corpo-encontrado-em-mata-e-de-jovem-transexual-que-estava-desaparecida-diz-irma.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/12/03/corpo-encontrado-em-mata-e-de-jovem-transexual-que-estava-desaparecida-diz-irma.ghtml</a>	2020